



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANO 1 - N. 4

15 DEZEMBRO 1931

REVISTA NOVA

DIREÇÃO DE PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E
ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO
GERENCIA DE NELSON PALMA TRAVASSOS

ALBERTO RANGEL
CARLOS DRUMMOND DE
ANDRADE
MURILO MENDES
MANUEL BANDEIRA
PAULO PRADO
ANTONIO PICCAROLO

OSORIO CESAR

ALFREDO ELLIS (JUNIOR)
SERGIO BUARQUE DE
HOLLANDA

MOMENTO
CRUERA (I)

POEMA PATETICO
A CARTOMANTE
SACHKA E O POETA
O PATRIARCA
UM ENGENHEIRO ITALIANO NA
DESCOBERTA DAS MINAS
BRASILEIRAS

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTU-
DO DO ESPIRITISMO COMO
FATOR PREDISPONENTE DE
PERTURBAÇÕES MENTAIS

POPULAÇÕES PAULISTAS (III)

A VIAGEM A NAPOLES

Cronica

PEDRO DANTAS — PERSPETIVAS

Etnografia

AMADEU AMARAL JUNIOR — SUPERSTIÇÕES DO POVO
PAULISTA (II)

Notas

de

VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO, LEOCADIO PE-
REIRA, ORESTES GUIMARÃES, MARIO DE ANDRADE E ANTÔ-
NIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Brasiliana — Resenha

RUA XAVIER DE TOLEDO N. 72
SÃO PAULO

REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

(fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro)

DIRETORES: PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÔNIO
DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENTE: NELSON PALMA TRAVASSOS

Redação e administração:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72

SÃO PAULO

ASSINATURA ANUAL 28\$000
(remessa registrada)

NUMERO AVULSO 5\$000

REVISTA
NOVA

NÃO SE RESPONSABILIZA PE-
LAS IDEAS DE SEUS COLA-
BORADORES QUE GOZAM DA
MAIS AMPLA LIBERDADE DE
OPINIÃO E CRÍTICA

ESTÃO AUTORIZADOS A
ANGARIAR ASSINATURAS:

PLINIO DOYLE
RUA DO OUVIDOR N. 59, 2.º
RIO DE JANEIRO

JOÃO MENDONÇA
RUA D'AURORA N. 237
RECIFE
PERNAMBUCO

ANO 1

15 DEZEMBRO 1931

N. 4

REVISTA NOVA

Direção de Paulo Prado, Mario de Andrade e
Antônio de Alcântara Machado

Gerencia de Nelson Palma Travassos

VOLUME 1.º

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72
SÃO PAULO

Momento

Nestes tempos de mutações subitas, deante da rapidez desnorteante com que passam os acontecimentos e os homens, é impossivel fixar o momento. O que estamos vivendo são muitos, que se atropelam, se contradizem, se destroem. O momento é a confusão.

Gerou-a uma séries de erros. Todos eles resultantes dêste, inicial e imenso: os reformadores proclamaram o país errado e como tal exigindo correções drásticas. Quando na realidade o país está certo mas atrasado. Certo no seu atraso de meio século. Daí o fiasco completo de todas as reformas ensaiadas. Quiseram mudar a escrituração nacional a partir de Outubro de 1930. Mas não a puseram preliminarmente em dia. De forma que ficou um claro, um grande claro a encher, cinquenta anos que não foram vividos. O esforço deveria ter sido no sentido de vivê-los o mais depressa possivel. Como quem sobe uma escada de três em três degraus. Viver ainda que artificialmente todas as experiencias, percorrer todos os estagios por que tem passado o resto do mundo. Ou ao menos a parte que conta. Recomeçar tendo por ponto de partida a data gloriosa (o êrro, há quem sustente) de 13 de Maio de 1888. O Brasil parou aí. Não sonhar portanto uma Segunda República sôbre as ruinas da Primeira. E sim tentar a República, a primeira.

Porque esse êrro inicial trouxe a falência immediata de todas as reformas projetadas e de todos os reformadores improvisados, caímos no lamentavel ramerrão. Desoladamente esta-

mos ajuntando um a um os materiais do edifício derrubado para com eles levantar outro, igualzinho. A planta está na memória de todos e os operarios com raras exceções são os mesmos.

Não houve assim propriamente destruição. Nem há assim propriamente construção. A anedota do andaluz, querendo impressionar o amigo, ilustra bem a história dêste ano e pouco de desilusão revolucionária:

— Con 25 caballos salí de Granada!

— Para qué?

— Para nada.

Continuamos de fato marcando passo, sem meios para avançar, sem coragem para recuar. O batalhão espera que na sala do comando os officiais reunidos em conferência se entendam. Entendimento que parece difficil. São muitos os problemas e muitissimos os solucionadores. Os debates têm revelado a cultura classica dos órgãos da lavoura, a erudição agricola dos representantes das classes armadas, o pendor dos bachareis pelos assuntos de balística. Em todo o nosso romantismo politico não há exemplo de tamanha e tão atrapalhada exaltação verbosa. O fenomeno ganha as proporções assustadoras de uma epidemia: a *palestrina*, como se diz na Italia.

Eles discutem, eles propõem e rejeitam soluções, eles discursam. E o Brasil espera. A folhinha marca 13 de Maio de 1888. Mas ninguem olha para ela. Quer dizer: para a realidade.

A' interrogação do radio revolucionario — Que é que há? — o Brasil responde num suspiro: Nada.

Cruêra

(Alguns extratos da correspondencia particular)

Poesia portuguesa

E' a forma mais louvavel e expontanea da poesia portuguesa a que se embala nos écos da glória e do exilio com que o Mar exalta os seus dominadores de ontem e amorosos de sempre. A voluptuosidade do nauta ceva-se na miragem da sereia que o deslumbra. Do sonho da Conquista de espada alta e núa pelo mundo afora, aos lamentos de sua lirica de saudades, de tudo o mar é responsavel no coração de um lusiada.

A história e as biografias

No mesmo plano superior em que se inscreve a biografia de Mauá de Alberto Faria e a de Nicolau Vergueiro do Forjaz há de fulgir o seu trabalho sôbre o estadista Paranhos. Nossas letras historicas encontram-se com alguns cultores recém-chegados num terreno melhor.

Parece que devemos começar pela Biografia, á inglesa, antes de termos definitivamente uma história. Formaremos nosso espirito crítico sôbre os acontecimentos do passado, assentando certas bases, estendendo certos fios de resistencia no balanço de personagens adrede escolhidos pela sua propria culminancia social e moral. Afiaremos a visão de mais largos panoramas, empregando-nos a sentir o valor particular de Tipos de Excepção. O triptico Mauá, Vergueiro e primeiro Paranhos ilustrará essa tese.

A Amazonia filmada

O filme amazonico não é de todo inepto. Pretendendo a universalidade, esqueceu a industria do cacau e suprimiu a desova e pesca dos chelonios. Da vida imensa do Grão Paul mostra alguns trechos menos despresiveis. Quiseram vislumbra-
brar o monstro pela objetiva de um kodak e o bruto limitou-se a largar do costado umas escamas das menos irisadas. O Inferno Verde é visto por uma esmeralda um tanto optimista. Como cousa relativa ao Brasil não é entretanto iniquo, nem atenta ao bom senso e ao bom gosto. Não lhe parece isso digno de nota? Como documento cinematografico podia ser espantosissimo. E' apenas um tanto curioso e benigno. Não está errado nos disticos, mas não aborda a pororoca.

Agradecimentos a um confrade

Nossa grande terra não nos habituou á sensibilidade de bemquerença da parte de sua gente de mais apurado pensamento. Para o orgulho tão perdoavel de nossa nata intelectual toda admiração pelos vizinhos é uma especie de altruismo desperdiçado.

Suas palavras de animosa simpatia consolam o comprovinciano e confrade da estupidez programatica de partipristas, dos horrores limbosos da indiferença geral brasileira pelo que não seja Carnaval, Politica ou vida alheia. Razão de sobra a aceitá-las de coração aberto.

Quanto ao cabimento de seu entusiasmo é outro caso. Lembra-se daquela passagem de nossas cronicas em que se fala de um Bispo que para zombar de certo juiz e desafeto se aproveitara de um Domingo de Ramos? O juiz e fiel da Igreja era um homem de pequenino porte. Chimpou-lhe Sua Excelencia Reverendissima com uma palma benta descomunal!

Sua extremosa bondade arriscou-me quasi á situação do empulhado pelo rancoroso mitrado, por ser enorme a palma que

me atribuiu ao tômo de tão meúdo rabiscador. Se o insigne laurel de seus encomios, oh! senhor dos *Laureis Insignes*, pesa-me á consciencia de desvalioso escritor, tomo-o por um dom que define sobretudo as delicadezas de sua alma de excelente companheiro, grande lutador das letras perante o Eterno, para estimular aquele que se verga a seu lado na legião, bateando desiluso e já sem fôrças nos percalços da mesma garimpagem literaria. Ultimamente escreveu um efusivo ensaista, querer sentir-se digno da amizade de quem quer que fosse. Quanto mais exigente e contente me confesso de merecer a que me oferece, nascida pelo comum assentimento no batismo das mesmas ideas e no entusiasmo de sua vívida expressão.

Louvando dois livros brasileiros

São livros de fôrça e confortativos, indices ardentes da consistencia dessa geração que pode gabar-se de ter desenhado das águas podres da ignorancia e do ceticismo a consciencia da Patria a palpitar no orgulho de seu passado e na glória de seu futuro.

Eivado de correntes radicais e estranhas, representadas no federalismo e na democracia, o Brasil ia-se esquecendo, nos conflitos e misérias de suas dissensões internas, dos eixos e planos continentais de sua propria grandeza. Abençoada a voz que o desperta, sacudindo-o para os esforços da unidade cujo milagre nos preparamos a eternizar, sedentos dessa coordenação estatica, que aliás só um poder central, uno, extenso, verdadeiramente dominante, pode garantir á massa enorme e total do país.

Veu da paixão da Estetica para os grandes combates do patriotismo. O seu instinto coroou-se numa campanha consequente e fecunda. Vejo no ardor de sua lida de publicismo e nacionalismo integral a consagração do fato que o Brasil se tornou o supremo interesse de nobre carinho de seus filhos mais cultos.

Relendo outro dia um discurso do nosso comprovinciano Nabuco retive estas profeticas frases limpidas e profundas: "O mundo todo caminha para uma situação de que só hão de escapar as nações patrioticas... Não salvará a nenhuma o ardor de suas paixões políticas, se a temperatura patriotica, nacional, não fôr termica..." Milita V. na falange dos que sustentam a feliz ebulição por meio da qual se prolonga o fenomeno de nosso crescimento, depois que se estabilizou o complexo fisico do territorio pela ação social e política que estendeu o Brasil á sua imensa expansão continental. Felicito-o. E' o mais nobre exercicio da inteligencia entre nós fomentar pela argumentação sociologica, e até pelos recursos do sentimento e da imaginação, esse espirito de unidade dentro do qual se sustenta a razão prática da patria intangivel por dentro e por fora.

Suas armas e afiam-se e brilham no bom combate em prol da integridade virtual, que é a nossa força continuada e a substancia mesma de nossa vida futura.

Espiritos menos sinteticos, aberrados no êrro de sua curta visão, ou desvairados pela particularidade de situações economicas ocasionais, todos envenenados pelos miasmas de uma exaltação federalista e dissolutoria, pretendem vêr na Separação a nossa fatalidade política. Um deles, ultimamente, soprado talvez pelas doutrinas mal trituradas que ventam do extremo sul, onde os limites de contato de duas raças antagonicas crearam a efervescencia nativista em que se esfria miseravelmente a noção centripeta da patria, anuncia a catastrophe para o segundo centenario de nossa Independencia. E' a previsão de uma tempestade a cem anos de distancia.

Mas, a essas vozes de perdição de Cassandras e Nostradamus da dissolução brasileira opõe V. a lucida concepção do fato imprescritivel do que não pode ser modificado pelo capricho fragmentario dos homens que, herdeiros de uma obra colossal, obra política e social, não se sentem, os infelizes, com animo de aceitá-la na continuidade estatica de sua massa indestrutivel. Os inocentes e desviados!

Na cauda dêsses dois adjetivos não lhe quero espichar mais comentarios. Transformar-se-ia a carta numa especie de artigo de fundo por sincero demasiado e roncante. Desejo-lhe apenas afirmar que concordo em genero, número e caso com o espirito da campanha acalorada e benefica de que o seu ultimo livro e o seu jornal refletem as diretrizes superiores, ditadas na comoção de nossa terra, amando-a por todos os modos, acreditando nas glórias de sua predestinação e arrancando de todas as armas para a trazer unida e viril no seio da sua propria grandeza. A hora é das nações que se impregnam de si mesmas; o momento é dos homens que se repassam de sua patria.

Venus nos torreões

Escrevo-lhe de dentro do purissimo cristal de um dia claro. Nesta costa normanda, engelhada de friura e sudarios de chuva continuada, a cousa é de assinalar-se, quanto mais que tudo acostumado a tintas parduscas parece derretido á surpresa da transparencia imaculada e do espelhante esmalte, que se estendem mesmo a duas torres romanas nas quais se encastoou, imagine V. o quê? um prostibulo dos mais prostibulares. O ovo botado por Minerva nas antigas fronteiras do mundo latino virou a gema num templo moderno á Venus Galica. O caso é singularissimo, o dessa transformação, a que estes tempos horrosos de Blasfemia e Iconoclastica dão toda a significação.

Orna o alto dessas pedras venerandas uma lanterna vermelha regulamentar. A construção milenaria, unha da loba conquistadora, lembra um farol do Demonio, atraindo todos os passaros da noite, tristes morcegos, abutres de mau instinto, cheirando a deliciosa carne podre, oferecida a vinte francos o bocado...

O prazer solitario

O gôzo das letras produzidas pelo escritor no Brasil tem qualquer cousa de um prazer de Onan. E' mais para si mesmo e

á estúpida esterilidade das cousas desencantadas e perecíveis esse fremito em que todo se abala o fabricante de germens que a ninguém aproveita...

Exposição de Artes Decorativas

Fui dar uma espiadela á Exposição de Artes Decorativas. Paris, depois que se lhe comichou essa impingem, está lamentavelmente sitiada por vagas multidões que a desfloram e entulham numa invasão de embucho e desencanto.

A feira espetaculosíssima esconde sua estreita preocupação de comércio com uma intenção de Arte Nova que é um descalabro. A grande e alta fórmula do estilo moderno evapora-se de todas as tentativas, pelo menos daquela cujo vulto deveria impôr o canone procurado. Entretanto nas pequenas cousas, daqui e dali, da forma rebuscada a linha se desata numa flor de novidade. Mas tudo isso nasce torto e sem folego. Falta o grande hausto que renova os ideais humanos, na profundidade de sua fé nas puras e belas cousas do mundo e na força de sua esperança em si mesmo.

Acontece que no entretalho de uma taça ou na figurilha de acaso o artista mais dotado alcance o delineio do que é lindo e mais raro, porém esse esforço não cria um conjunto, o sonho isolado não revela uma arte suprema de renôvo geral.

A Exposição nesse sentido falha toda. A indústria de hoje traz em si um pecado de materialismo e utilidade, que a faz esteril como beleza nos seus vastos recursos de produção e monumentalidade.

A ogiva arqueou-se da religiosidade medieva, o acanto corintio espalmou-se no enlêvo da luz e harmonia do céu atico. Do ensanguentado e bolchevikado estrume do mundo atual, Paris não espreme senão o caos e suas ineptas presunções. As creações originais dêsses fabricantes de quimeras do inedito não passam de evocações atropeladas num sarrabulho do egipcio, do assirio, do grego e do cafre... Que monstruoso *pot pourri* erigido em programa da Arte total!

Mulatismo nacional

Amargo e tristerrimo o quadro que V. me traça do momento brasileiro. Todas as instituições do Brasil sofrem do vício capital que a experiencia humana vê decorrente do cruzamento do negro e do indo-europeu. Letras, moral, política, administração, sociabilidade não podem ficar pelas cumiadas, forçam-nas ladeira abaixo os influxos dessa mistura nas veias dos individuos, cuja energia não tem calma, nem autoridade, nem alvo que a dignifique; cujo espirito só marcha aos saltos e em superficie...

O metediço e amalucado Rodrigues de Carvalho, Barbacena, Cachoeira e Justiniano da Rocha eram mulatos. O general Moraes, servilissimo instrumento na dissolução da Constituinte e lambe-pratos da Domitila, mulataço de dragonas. Lima e Silva do 7 de Abril tinha o topete de dirigir-se em 1835 ao menino Monarca nestes termos, em que sacudindo a sua chibata de ex-regente aconselhava "hum Decreto prohibindo o uzo do beija mão costume barbaro q as luzes do seculo 19 reprovão"... Esse não passava de um mulatão de chapéu armado e esporas de estribeiro revoltado e exagerado.

Nos partidos de vanguarda, que conturbaram a Independencia e solaparam a Monarquia, envenenados de separatismo, sempre predominaram mulatos. Até que enfim o mulatismo nos deu a República com Deodoro & Glicerio, Nilo & Patrocinio...

No desequilibrio dessa miscelanea racial reconhece V. a causa primeira de nossos males. Quanto V. tem razão! A praga do mulato incoordenado e instavel, intentou afrouxar o plexo nacional. Basta lembrar os nomes de Pinto Madeira, Rodrigues de Carvalho, Natividade Saldanha, Doutor Meirelles, Montezuma, o primeiro Rebouças. Na história maravilhosa de nossa reação catolica contra os biblias neerlandezes, a mancha do triplice cain, o negroide Calabar, é de toda significação.

Ha uma memoravel maxima indiana que envolve ao nosso futuro numa horrida mortalha: *Todo país onde nascem homens*

de raça misturada que corrompe a pureza das classes é cedo destruído assim como aqueles que o habitam.

Receio, porém, que os seus ataques ao cancro generalizado da peste baça o faça objeto de odios que o distraiam das preocupações em que a arte pura e a pura história são o campo de torneio próprio ao cavaleiro elegante e poderoso, no garbo dos seus *Laureis* e no triunfo e aplausos da *Brava Gente*... Não o acoção a esfuracar a vespeira. O paladino de ponto em branco, aos lançamentos heroicos, como seria maltratado!

Comtudo, creio que devemos sempre aproveitar todos os meios para sustentar e desenvolver a prevenção contra o mestiço. Inventando no domínio da ficção ou verificando e discorrendo nos círculos da História, toda ocasião será oportuna de patentear os prejuízos dessa fatalidade étnica em que o eixo da nacionalidade brasileira balança, ameaçado o destino do país no fluxo e refluxo dessas almas heterogêneas e falhas. Ao capricho de uma aliança de sangues que não se amalgamam, o Brasil está fadado ao galrejo, á charola, á confusão dos valores, aos desvios do raciocínio, ao bairrismo, á jactância, ás ciu-madas, á pouca perseverança, e á incandescência sensual, que tudo isso é mulatice de raiz e confluência, na sua gama do branco ao preto.

(continua)

ALBERTO RANGEL.

Poema patetico

Que barulho é esse na escada?
E' o amor que está acabando,
é o homem que fechou a porta
e que se enforcou na cortina.

Que barulho é esse na escada?
E' Guiomar que tapou os olhos
e que se assoou com estrondo.
E' a lua imovel sôbre os pratos
e os metais que brilham na copa.

Que barulho é esse na escada?
E' uma torneira pingando água,
é o lamento imperceptivel
de alguém que perdeu no jogo
enquanto a banda de música
vai baixando, baixando de tom.

Que barulho é esse na escada?
E' uma virgem com um trombone,
uma creança com um tambor,
um bispo com uma campainha
e alguém abafando o rumor
que salta de meu coração.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

A cartomante

Minhas pernas circulavam num céu de sabão, quando uma mulher que de tão morena parecia a estatua da Fatalidade plantou-se diante de mim. Imediatamente nasceram dois baralhos de suas mãos. Diversos senadores, chofêrs, estudantes, operários e o nuncio apostolico suicidaram-se na frente dela. Eu também devo ter me suicidado, mas o poeta é o tipo do sobrevivente. Ela ainda agarrou pela aba do roupão o banhista José, mas o herói deslisou na primeira onda de som e caiu no mar. A mulher soltava mentiras a todo o instante. Cada vez que ela soltava uma mentira, nascia uma roseira. Em breve a praça ficou coalhada de roseiras com seus cinemas, suas confeitarias, seus bordeis, seus anuncios luminosos, seus bancos, suas guilhotinas. Os peixes cintilavam no céu, e, movendo graciosamente as barbatanas, faziam vibrar a musica das esferas. Diante do espetaculo da ordem da criação, meu espirito barbaro levantou as camadas de sífilis e de pezadelo que me legaram os retratos de meus avós cretinos, e gritou diante do mar coalhado de paquetes:

“Mulher que pareces contemporanea do 1.º tempo do espirito, explique-me, ô anjo — maquina de costura — caos, porque existe um limite para a desharmonia; porque os sonhos não atropelam os geometras na rua; porque os peixes-voadores não atropelam os capitalistas nas suas casas; porque as diabas-antenas não atropelam os musicos nas suas cabeças; porque a minha namorada não me matou.”

Aposto um mamão contra a eternidade que a mulher ia responder; mas um aeroplano que passava atirou uma bomba de tinta Eureka na cabeça dela. O ar ficou tão lavado e transparente que eu pude distinguir com nitidez a linha que vai do equador ao polo; em cima dela um japonês se equilibrava, jogando bilboquê com a cabeça de um chinês.

MURILO MENDES.

Sachka e o poeta

Quando o poeta aparece,
Sachka levanta os olhos claros,
Onde a surpresa é o sol que vai nascer.

O poeta a seguir diz coisas incríveis,
Desce ao fogo central da Terra,
Sobe na ponta mais alta das nuvens,
Faz gurugutu pif paf,
Dança de velho,
Vira Exú.

Sachka sorri como o primeiro arco-iris.
O poeta estende os braços, Sachka vem com ele.

A seriedade voltou de muito longe.
Que se passou do outro lado?
Sachka mediunizada
— Ah-pa-papapá-papá —
Transmite em Morse ao poeta
A última mensagem dos Anjos.

MANUEL BANDEIRA.

O Patriarca

O primeiro governador do Brasil foi uma figura perfeitamente representativa do seu tempo e da sua raça. Antes de chegar á Terra de Santa Cruz Tomé de Sousa batalhara longamente pela Africa e Asia. Nesse tirocinio em que fortificara as qualidades de homem de guerra e de administração tinha conquistado a reputação de prudencia e sisudez que o recomendaram sem dúvida a D. João III, quando o mandou tomar conta do governo do Brasil. Era-lhe um campo já conhecido de tradição, porque nele se tinham ensaiado os seus parentes Martim Afonso de Sousa e Pero Lopes.

Nessa missão partiu de Lisboa o governador a 1.º de fevereiro de 1549 trazendo, além de seis padres da Companhia de Jesus e outros religiosos, alguns casais, mil homens de armas e quatrocentos degredados. Assim como anos antes Martim Afonso iniciara a colonização do Sul do país, vinha Tomé de Sousa, com grande alçada de poderes e com maior fausto e recursos, empreender a conquista e povoamento do Norte.

A escolha do governador tinha sido das mais acertadas. A sua passagem pela Africa, num periodo de guerrilhas contra os mouros, a sua estadia na Asia, envolvido na trama da administração índica, davam-lhe um admiravel conhecimento dos homens, das coisas e dos fatos da vida colonial. Nessa escola de imoralidade que fôra a India a sisudez e a ponderação do seu carater tinham-no protegido contra as delícias e os desmandos da corrupção asiatica. Um humorismo brusco, á portu-

guesa, feito de mil experiencias, temperava a rispidez inteiriça do seu quinhentismo. Conhecendo o primitivo elemento povoador da colonia, em que predominava o eñxurro das cidades e cadeias metropolitanas, Tomé de Sousa guiava-se na direção dos negocios publicos pelo ceticismo desconfiado da sua raça e da sua epoca. “Todo homem é fraco e ladrão”, dizia, acrescentando porém que no exercicio do poder absoluto que lhe fôra confiado, “nunca fizera das tripas coração, mas muitas vezes do coração tripas”.

Instalado o governador na Baía de Todos os Santos e fundada a cidade do Salvador, inaugurou ele um fecundo periodo de govêrno. Pela primeira vez aparecia no imenso territorio de esparsos elementos de povoação, uma fôrça administrativa centralizadora, dominando os abusos dos donatarios e de seus loco-tenentes-ouvidores, dispersos e ineficazes na anarquia individualista dos tempos mais proximos da descoberta. Começava uma das alternativas ritmicas da evolução brasileira, assinalada por João Ribeiro, quando aos esforços unitarios de uma epoca se sucediam, revezando-se cada seculo, os movimentos centrifugos de descentralização. Tomé de Sousa vinha realizar a primeira tentativa para estabelecer a unidade nacional.

Em fins de ano de 1552 seguia o governador a correr a costa até os confins das capitanias do Sul, constantemente ameaçadas, especialmente a do Rio de Janeiro, pelas incursões de navios franceses. Compunha-se a expedição de uma nau e duas caravelas, sob o mando de Pero de Goes; dela tambem fazia parte o padre Manuel da Nobrega.

O relato dessa viagem, escrito já na cidade do Salvador, quando de volta em junho de 1553, é um quadro impressivo do estado de desleixo e pobreza em que nascia e vegetava a nova colonia. Vilas, povoados e feitorias em quasi abandono, sem nenhuma defesa contra os assaltos dos piratas, ou si mais longe do mar, expostas aos ataques do gentio: o governador mandou-as cercar de taipa, de baluartes e deu-lhes a artilharia necessaria; capitanias desertas, com os donatarios ausentes e admi-

nistradores ineptos ou obscuros — a quem não os conhece a mãe que os pariu, escrevia o governador; no Rio, os franceses já instalados, negociando em pimenta, de que num ano tinham tirado mais de 50 pipas: não fez construir uma fortaleza, como era aconselhavel, nessa região de que mandava um debuxo ao Rei, por falta de gente disponível; na capitania de Martim Afonso, encontrou São Vicente e Santos (onde já havia a alfandega real) sem cêrcas, com as casas espalhadas em desordem, em meio de grandes quintais e afastadas da igreja e do collegio jesuita: aí fundou junto ao mar duas vilas reunindo os moradores dispersos pelas praias, uma ao Norte, na Bertio-ga, preparada contra incursões de indios, outra, ao Sul, em Conceição de Itanhaen; de São Vicente até o Rio da Prata, pela solidão da costa, depararam-se-lhe algumas armas de Castela, em marcos que fixavam a posse espanhola: mandou-as deitar ao mar e substituir pelas de Portugal. Serra acima, depois do planalto que atingia a ingreme trilha do Caminho do Mar, ao começarem os descampados de Piratininga, reuniu o governador todos os povoadores discriminados pela redondeza e fundou a vila de Santo André, em sítio onde já havia uma ermida de que era orago esse santo. E' possível que aí, pela primeira vez, se dêsse o seu encontro com João Ramalho.

Quando as naus e caravelas de Martim Afonso defrontaram com as praias vicentinas já havia pelo litoral nucleos esparsos de população europea, remanescentes das viagens de D. Nuno Manuel, dos tempos da nau Bretoa e da Gazeta Alemã, ou de outras, anonimas, que em busca de refrêsko ou abrigo apareciam de passagem pelos desertos da costa.

São Vicente, que já aparece nas cartas de Canerio, em 1502 (San Vincenzo), nas de Ruysch e de Waldseemuller (San Vincento) tornou-se logo um ponto de tráfico de escravidão indigena, á moda africana. 12 ou 15 europeus, portugueses e espanhois, constituíram um centro inicial de povoamento, que se estendia das praias da ilha de Santo Amaro até Cananea. Eram o celebre bacharel, ainda não identificado com segurança,

seus genros, Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues, João Ramalho, Mestre Cosme, Duarte Peres ou Pires, Duarte Coelho, e outros naufragos sem nome, como os que escaparam de uma nau sossobrada numas ilhotas fronteiras ás ilhas dos Porcos e a que se refere Alonso de Santa Cruz (1). O trato de resgate tomou logo algum vulto e era feito com indios e indias aprisionados diretamente pelos europeus ou com prisioneiros das guerrilhas e que o proprio indigena vendia. As tripulações das naus partilhavam entre si as presas de guerra. O pagamento dos escravos comprados se fazia em objetos de utilidade, ou mesmo fiado, a ser liquidado o negócio da Europa, quando chegavam as expedições. Antes da vinda de Martim Afonso essas povoações já tinham certamente um aspeto civilizado. As casas toscas rodeavam-se de laranjeiras, limoeiros e cidreiras. Gonçalo da Costa possuia um pequeno estaleiro onde construia e concertava bergantins. Em sua casa viviam os hospedes de passagem. Quando esteve por São Vicente Diogo Garcia, em 1528, em caminho para o Rio da Prata, Gonçalo da Costa o abasteceu de “mucho refresco de carne e pescado e victualla de la tierra”. E’ conhecida a carta de fretamento de 800 (?) escravos embarcados por esse mesmo Diogo Garcia em Tamiurú, onde mais tarde se fundou São Vicente.

Si Gonçalo da Costa, genro do bacharel, e já tronco de uma progenie de mamalucos, era um dos personagens importantes do litoral, nos sertões do planalto dominava, ainda com maior prestigio e intimamente relacionado com os tupiniquins da praia e com os tapuias da serra, a figura excepcional de João Ramalho.

Apesar da epoca e da terra em que a surprêsa e a novidade eram de cada dia, o velho povoador dos campos de Santo André impressionou fortemente o governador. Escrevia ele a D. João III:

(1) Eugenio de Castro: *Diario de Pero Lopes*, vol. I.

“...hordeney outra villa no começo do campo desta villa de São Vicente de moradores que estavam espalhados por elle e os fiz cerquar e ayuntar para se poderem aproveitar todas as povoações deste campo e se chama a villa de Santo André porque honde a cituey estava hua ermida deste apostolo e fiz capitão della a Johão Ramalho natural do termo de Coimbra que Martim Affonso ya achou nesta terra quoado ca veyo. Tem tantos filhos e netos bisnetos e descendentes delle ho nom ousio de dizer a V. A., não tem cãa na cabeça nem no rosto e anda nove leguas a pé antes de yantar...” (1)

João Ramalho tem sido um dos assuntos mais contravertidos dos anais de São Paulo. Os nossos cronistas crearam em torno desse personagem misterioso uma lenda que os documentos ainda não puderam esclarecer. Fizeram-no naufrago, degredado, de “mil crimes infame” afirmavam os padres da Companhia, semi-barbaro e amancebado com a filha de Tebiriçá, judeu, excomungado, analfabeto, heroi. Candido Mendes o ataca como se agride um inimigo pessoal; os escritores paulistas o defenderam como se defende um antepassado caluniado. A história, porém, deve ser mais simples. Nada do passado desse homem pareceu digno de nota ao governador. Era um simples português como outros, e que aqui vivia antes da chegada de Martim Afonso, traficando nas feitorias do litoral. O fato repetia-se com frequencia ao longo da costa: dessa gente dizia Mello da Camara “são homens que se contentam com terem quatro in-

(1) A carta de Tomé de Sousa ao Rei, em que dá conta da sua viagem ao Sul, é de 1.º de Junho de 1553. Foi pela primeira vez publicada integralmente na “História da Colonização Portuguesa do Brasil”, v. III, p. 364. Varnhagen já a cita na “História Geral do Brasil”, mas, ou engano do copista ou inadvertencia do historiador, parece ter-lhe escapado o trecho referente a João Ramalho. Dizia Capistrano que Varnhagen mandava proceder a essas cópias com grande parcimonia de gastos; daí os erros e as falhas... Em todo o caso, ele já sabia que João Ramalho era natural de Coimbra.

dias por mancebas e comerem os mantimentos da terra”. No norte tivemos Caramurú, no sul o bacharel de Cananea, Antonio Rodrigues, João Ramalho, e centenas de outros que o individualismo da epoca isolava pelas praias interminas do litoral.

Ainda pouco se sabe sobre o ano em que chegou a São Vicente. As informações espanholas relativas ás viagens de Cabotto e de Diogo Garcia referem-se algumas vezes a naufragos, desertores ou desterrados residindo nas praias de São Vicente. Na sua relação de viagem, Garcia, em 1527, diz que aí vivia “un Bachiller e unos yernos suyos mucho tiempo ha, que bien treinta años”. Seriam os remanescentes da nau sossobrada, pelos anos de 1500 ou 1501, junto á ilha dos Porcos, ou gente desembarcada de outra expedição, da que precedeu a terceira de Vespuccio, em 1501-1502?

Com relação a Ramalho apenas é conhecida uma carta de sesmaria, de 15 de outubro de 1532, passada por Martim Affonso e referente a umas terras ao oriente de Santos, em que se diz que o escrivão Pero Capico levara para a respectiva demarcação e divisa — “a João Ramalho e Antonio Rodrigues, linguas, já de quinze e vinte anos estantes nesta terra”. Isto indica que nela já estavam de 1512 a 1517. Tomé de Sousa, porém, na carta de 1553 declara que Ramalho já tinha bisnetos, o que pelo menos o supõe quinquagenario, apesar da precocidade sexual do gentio e seus descendentes. Ao mesmo tempo confirma o engano de 70 para 90 anos de estadia do alcaide-mór em São Vicente, engano apontado pelos comentadores do celebre testamento a que se refere frei Gaspar da Madre de Deus.

A veracidade, porém, dêsse testamento — que nunca ninguém viu no original, nem mesmo frei Gaspar — sofre um rude ataque com a publicação da carta de Tomé de Sousa. Verifica-se que João Ramalho não nasceu em Barcellos como escreveu Pedro Taques, nem em Broucella como interpretou o frade santista, nem em Boucella ou Vouzellla, freguezia da comarca de Vizeu, como diz a cópia do testamento escrita pelo proprio

punho de José Bonifácio e divulgado por Washington Luiz. João Ramalho — afirma Tomé de Sousa, era natural do termo de Coimbra. Ramalho e seus filhos fundaram a vila de Santo André, reza o testamento; a carta do governador refere que por ordem dele, e ao redor da ermida de Santo André, se reuniram os moradores espalhados pelo campo e aí os fez cercar e ajuntar.

Desde os primeiros tempos da capitania que pelo planalto já se infiltrara e pululava um vida misteriosa de aventureiros europeus, resgatando índios para o comércio do litoral, cultivando pequenas roças, criando gado nos seus campos e currais. Conviviam estreitamente com os selvagens, de quem aprendiam a língua e os costumes; de um deles conta um jesuíta que, barbarizado de todo, sómente á fôrça entrava nas capelas e só a pulso era obrigado a se ajoelhar diante do santissimo sacramento. Ulrico Schmiedl, na sua viagem de 1553, avaliava essa população em perto de 800 individuos, gente “derramada pelos sertões”, como dizia o padre Leonardo Nunes, e que os jesuitas procuravam reunir aos seus aldeamentos de convertidos de Barueri, Araçariguama, Porto Feliz, Parnaíba, Sorocaba, que como a aldeia da Maniçaba, ou de Paranaitú, desapareceram com a fundação da casa de Piratininga. Desses arraiais incipientes só vingou por mais tempo a aldeiola de Santo André: aí, até 1560, João Ramalho e seus descendentes mamalucos, dominaram sem contestação todo o alto da serra.

O lugarejo, no Caminho do Mar, devia estar na bifurcação de duas estradas, ou antes simples veredas de indígenas, que seguiam uma em direção ao Ipiranga e depois margeava o antigo Piratininga ou Tamanduatei até a aldeia de Tebiriçá, e outra rumava para Ibirapuera, o Santo Amaro de hoje, continuando em seguida para o Sudoeste, até os vales do Parapanema e do Paraná, donde atingia a bacia do Paraguai. E’ este o tradicional caminho de Pae Zumé, dos índios, ou do Apostolo São Tomé, segundo a lenda catolica: por ele chegára

à povoação da Borda do Campo, vindo de Assunção, Ulrico Schmiedl.

E' facil imaginar o que seria o pequenissimo povoado de Santo André, perdido nas solidões enevoadas do planalto. A principio pouco mais do que uma taba indigena, com palhoças de taipa de mão, cercados de pau a pique, e umas toscas seteiras contra o inimigo das redondezas. Mais tarde edificaram-se trincheiras e baluartes, com alguma artilharia, e muros protetores, que tantas vezes citam as atas da Camara (1). No centro, a ermida a que se refere Tomé de Sousa.

Os moradores passavam os dias ocupados em suas roças, afastados do arraial, deserto, com o aspeto abandonado tão peculiar ás povoações da colonia, só movimentadas nos dias de descanso. "Esta vylla fica sem jemte... porqãoto se hyão todos a suas roças", reclamava o procurador do Concelho, pedindo que se revezassem "indo para as roças a metade hu dia e outra metade outro dya". (Ata da Camara de Santo André, 21 de agosto de 1557).

Santo André teve vida efemera: em 1560 Mem de Sá cuidava da mudança de seus moradores para Piratininga. Nas tradições da história paulista a aldeia de João Ramalho foi o primeiro nucleo de resistencia contra o elemento civilizador da catequese missionaria. Simbolisou, para assim dizer, a cubiça, a violencia, e a exploração do comércio de escravos, realizada e organizada pelo colono já autoctone, em opposição ao esforço místico dos padres da Companhia, empenhados unicamente na salvação das almas. De um lado o mamaluco, "conquistador e povoador", na expressão consagrada pelas Atas da Camara; de outra parte, o missionario, evangelizador, soldado da Igreja. Luta, que desde os começos do seculo XVII, se eternizou, com altos e baixos, até a epoca pombalina.

E' possivel que a realidade, quasi sempre mais simples, tivesse sido diferente. A propria localização de Santo André era

(1) Ainda a 31 de março de 1558 os vereadores pediam que se "repayrasem os muros... por quanto tynhãomos nova que nobos hyndios vynhão escôtra nós", diziam no seu rude linguajar.

um estôrvo para o seu desenvolvimento. Situada, como seu nome o indica, na orla da mata, quando começava o campo, estava exposta aos ataques do gentio inimigo que se podia aproximar escondido no emaranhado arvoredado da serra: “estamos na fronteira”, alegavam os moradores da vila para não mandarem alguns homens requisitados para a guarnição da Bertioga. Por outro lado o clima humido, chuvoso, pela proximidade de grandes extensões de matas, não podia competir com os descampados secos e claros de Piratininga, onde se erguia a escarpa da primitiva aldeia de Tebiriçá vigiando as varzeas, os rios e o largo horizonte. Os proprios moradores da Borda do Campo o reconheciam: em 1561, numa carta dirigida a Dona Catarina, regente, Jorge Moreira e Joannes Alves diziam que todos assinavam a petição para a mudança da vila para a casa de São Paulo, por ser “lugar mais forte e mais defensavel, e mais seguro assim dos contrarios como dos outros indios”.

De outra parte o dissidio entre missionarios e colonos só mais tarde, ao começar o seculo XVII, tomara o aspeto de violenta inimizade, pela divergencia fundamental em que viviam os europeus em relação ao gentio — para uns materia preciosa para a redenção da fé, para outros mero instrumento bruto para os lucros da escravização. Nos primeiros tempos, padres e conquistadores vinham da mesma origem, que era essa aventureira epoca de todas as audacias e em que surgia um mundo novo para a multiforme atividade humana. A terra recém-descoberta era campo vastissimo e virgem para todas as conquistas. Tanto os jesuitas que acompanharam o primeiro governador como os colonos e degredados do primitivo povoamento eram homens de ação, desenvolvendo em esferas diferentes os seus anseios e os seus impetos de gente da Renascença. Os primeiros atritos apareceram quando a disciplina rigida da ordem militante entrou em conflito com o relaxamento dissolvente da anarquia colonial. Nobrega foi o jesuita tipico dêsse primeiro periodo, em que nunca se poderá elogiar demais a energia, a perseverança, a abnegação e o heroismo dos padres. De acôrdo

com a regra da ordem temperava, porém, a exaltação do ascetismo missionario o mais inteligente oportunismo em relação aos homens e ao meio. Os jejuns, as vigílias, as macerações, as flagelações diminuiam e cessavam quando a saúde começava a perigar. O ambiente então regulava os arroubos da imaginação religiosa. Para o jesuita, ao lado das criações subjetivas da exaltação mística, também existia o mundo visível, na sua afirmação materialista. Numa carta de Manuel da Nobrega ao padre Simão Rodrigues, em seguida a toda uma prédica de doutrina cristã e de narrativas de prática missionaria, aparece a pequena nota realista, á moda inaciana: “para se estar de saúde, é preciso trabalhar e suar como faz o padre Navarro”. A curiosíssima carta de Anchieta a Laynez, de 16 de abril de 1563, esclarece de maneira surpreendente esse ponto de vista jesuítico. Trata ela da guerra promovida contra Piratininga pelas tribus inimigas que cercaram e atacaram a vila, todas “pintadas e emplumadas, e com grande alarido”. Vencidos e dominados os selvagens, diz Anchieta que lhe parece estarem agora “as portas abertas nesta capitania para a conversão dos gentios, si Deus N. S. quiser dar maneira com que sejam postos debaixo de jugo, porque para este genero de gente não ha melhor pregação do que espada e vara de ferro, na qual mais do que em nenhuma outra é necessario que se cumpra o — *compelle eos intrare.*”

E’ o mesmo processo que adotava o sertanista para o resgate de escravos. Uns levavam os conversos para os aldeamentos do sertão, outros para os mercados do litoral. O conflito de interesses, latente nos primeiros tempos, não tardou a surgir entre padres e piratininganos, tomando então a feição violenta que era da epoca, entre homens rudes, perdidos nas solidões de um mundo novo. A mestiçagem criara, porém, desde o princípio um tipo etnico admiravelmente constituido para o povoamento e conquista do sertão. Foi o mamaluco.

Da propensão poligenetica adquirida pelo Português durante os longos seculos de conquista moura e durante as pri-

meiras tentativas coloniais na costa africana, ligada á passividade da mulher indigena, — dêsse dinamismo fisiologico superabundante — resultou a formação de uma sub-raça que a história e a lenda celebrizaram. A essa gente nunca preocupou outra ambição senão a de procurar ouro e riquezas, fossem estas as minas escondidas nos socavões e nos correios do sertão ou o proprio indio, conquistado, domesticado e em seguida remetido para os mercados da beira-mar. Desde os primeiros tempos, assinalava-se pelas qualidades e defeitos que a fizeram admiravelmente preparada para a realização de sua finalidade. Competiu-lhe desde logo a tarefa de resistir á ambiencia aggressiva da natureza adusta e inexgotavel. Vencê-la foi mais difficil do que dominar o indigena. Tudo para o pioneiro, era obstaculo vivo ou inerte. Até para comer uma fruta — notou um escritor ispano-americano — era preciso um impeto de audacia: conhecia-lhe por acaso o nome, a forma, o sabor, a ação? A propria raiz que fornecia a farinha de guerra para as longas jornadas escondia um veneno terrivel, quando mal preparada. Rodeava-o, dia e noite, um misterio quasi sempre hostil: homem, clima, terra, feras, insetos, doenças. Os padres a miudo se referem a essa luta contra o meio que os cercava dia e noite. Perigos de cobras, perigos de onças, perigos de inimigos, tormentas por mar e naufragios, passagens de rios caudalosos em vaus incertos, com agua pela cinta ou pelo peito, calor, frio, noites passadas ao relento, nos matos, sem poder dormir de frio por falta de roupa e de fogo, “porque nem calças nem sapato havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e contínuas”.

A tudo resistia o mamaluco. Para a conquista do sertão fundo embrenhou-se seguindo a trilha movediça dos grandes rios que, providencialmente, de bubaia, o levava para o interior da terra. O rio dava ao sertanista peixe para a fome, água para a sede; atravessava a floresta, indicava o vale serpeando entre montanhas; era o refrigerio para as noites ardentes, e permitia muitas vezes a salvação proxima pela esperança, depois da rude

varação, de longos estirões e de claros espraçados, onde se respirava melhor num horizonte mais largo.

Nesse deserto revelava-se a superioridade da mestiçagem, fortificada pela ambiência. Do índio vinha-lhe o ardil, o instinto, a maleabilidade, a coragem impassível, a observação agudíssima apurando os sentidos. Do branco, a obstinação, a inteligência, a imaginação, a cubiça. Corrigindo o velho fundo disciplinar e tradicional do europeu, a fraternidade comunista do indígena seria a semente da independência esquiva que veio caracterizar o novo tipo étnico em formação. E, desenvolvendo-se nessa luta de cada instante contra a natureza, foi aí que se revelou a verdadeira grandeza da bandeira paulista.

Preparou-a a excepcional estrutura física daquele que se pode chamar o patriarca e fundador da raça, tronco vetusto e fortíssimo donde ramificou a formidável prole dos mamalucos piratininganos. A esse homem não apavorava a solidão das matas e campos do planalto, nem o duro amanho da terra virgem, nem a obsessão do gentio incerto e insidioso que o cercava. Caminhava nove leguas antes de jantar, e a vida agreste da serra não o encanecera apesar dos longos anos de lutas.

Como a seus descendentes nunca o preocupou a ideia de reaver domínios para o rei de Portugal, ou de rechassar o espanhol para além dos grandes rios do interior. Odiava o castelhano porque era um concorrente no negócio, mas com ele mercadejava nas feitorias do litoral, quando por aí passavam as naus em procura de refrêscos ou comprando escravos.

Pelas varias fases da evolução de São Paulo, no tipo étnico que o planalto formou e desenvolveu, predominou por dois séculos o determinismo histórico que aparentava o caçador de índios, o buscador de ouro, guerrilheiro dos sertões da Baía, ao primitivo mamaluco da prole patriarcal de João Ramalho e de Antonio Rodrigues. Até os meados do século XVIII foi o elemento dinâmico da formação nacional, e que só desapareceu quando o seu próprio expansionismo enfraqueceu e imobilizou a bandeira. Pelo vastíssimo território ficaram, entre-

tanto, dispersos e incognoscíveis, grupos ou indivíduos marcando a passagem e o rastro do antigo Paulista. Martius já no século passado os encontrou nas mais longínquas regiões da Amazonia. Eram os descendentes do homem excepcional que Tomé de Sousa deparou nos desertos do planalto piratiningano. Dele herdaram as qualidades físicas que caracterizaram os mamalucos de São Paulo: fortaleza, longevidade, paixão desordenada do enriquecimento rápido, e esse nomadismo que sugere uma semente judia vinda dos cristãos-novos do primitivo povoamento.

Infelizmente, além da carta do primeiro governador, poucas são as informações que nos chegaram relativas ao Patriarca. Poucas e embrulhadas.

Pedro Taques, de uma vez, diz que João Ramalho, naufrago lendário, viera na frota de Martim Afonso e que era fidalgo, com fôro de cavalheiro. Acrescenta que era sua irmã Joana Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, também cavalheiro fidalgo e que foi mais tarde governador da Capitania. (*Rev. T.*, 33, 2, p. 81). Na *História da Capitania de São Vicente*, dá o próprio linhagista um desmentido às informações da Nobiliarquia: já então Ramalho “homem nobre, de espirito guerreiro e valor intrepido, chegara a São Vicente muito antes de Martim Afonso”. Em outro título da Nobiliarquia escreve, porém, Pedro Taques, que Antonio Rodrigues, genro de Piquerobi, chegara á Capitania com Ramalho (sem prenome) havia 30 anos, quasi antes de aí chegar Martim Afonso. (*Rev. T.*, 34. 1. p. 8). Alguns documentos pertencentes ao arquivo do General Arouche, citados por Silva Leme, não resolvem de maneira satisfatoria a grande confusão dêsses informes. Deante de tanta diversidade de opiniões exclamava o velho militar: “fico na incerteza e confesso ignorar quais eram os meus antepassados mais remotos”.

O jesuita Antonio de Sá, citado por Candido Mendes, em carta dirigida aos irmãos da Companhia, na Baía, e datada de junho de 1559, refere-se a um fato que se passara “antes que

muriesse Juan Ramalho"... Parece que êste Ramalho era, porém, do Espirito Santo, donde é escrita a carta do jesuita. Assim de fato deve ser, pois em 1560 transferira-se um João Ramalho para a vila de São Paulo de Piratininga, onde, em 1562, foi nomeado pela Camara e pelo povo para capitão da gente que teve de ir ao sertão fazer guerra aos indios da Paraiiba (Azevedo Marques: *Apontamentos* etc, baseados em documentos do arquivo da Camara de São Paulo). Aí, em 1564, a 15 de fevereiro, Ramalho recusa o cargo de vereador, alegando ser homem velho, maior de 78 anos. Para não falar no celebre testamento de 3 de maio de 1580...

Deante de tanta confusão de nomes e datas é permitido admitir a existencia de diversos Ramalhos. Em toda essa metade do seculo XVI — na história da America e tratando-se especialmente de embarcações — a identidade de nomes é fato corrente. No Chile, por exemplo, pela mesma epoca, apparecem diversos Juan Fernandez, homonimos do descobridor das ilhas que têm esse nome. Turibio Medina cita nada menos de 6 Juan Fernandez. Observação analogá se pode fazer a respeito de Diogo Garcia, nome que apparece algumas vezes neste pequeno estudo, desde o Diogo Garcia que acompanhou Solis ao Rio da Prata, até o Diogo Garcia, de Moguer, que negociou com o bacharel e seus genros o embarque de uma grande leva de indios escravizados.

A respeito dêsse mesmo bacharel a confusão é completa. Parece que um dos seus genros foi Gonçalo da Costa, a que se ferem-se ao bacharel sem o designar de outro modo. O unico seriam mestiços de sangue indio. Todos os documentos rerem-se ao bacharel sem o designar de outro modo. O unico que cita o nome de um dos portuguezes que vivam em São Vicente é o depoimento de Sebastião Caboto, feito em Sevilha em 29 de julho de 1530, de volta da viagem ao Prata. Falava o navegador de um certo Fernão Mallo, a quem deu uns presentes, no porto de São Vicente. Mallo, Ramalho? Assonancia tenue, que nos levaria a admitir que tambem Ramalho

fosse um dos genros do bacharel. Baralhada inextricavel que viria talvez destruir a lenda imaginada pelos linhagistas e historiadores paulistas. Capistrano de Abreu costumava dizer, que uma carta anchietana parecia indicar que o Padre Manuel de Paiva era parente de João Ramalho, ambos originarios de Coimbra, como se verifica pela carta de Tomé de Sousa. Seria ainda outro, ou o mesmo, o “herege por graves crimes infame e atualmente excomungado”, de que fala o padre Simão de Vasconcellos?

Emquanto na longinqua Capitania de São Vicente lentamente germinava a semente plantada pelo primeiro donatario e por Tomé de Sousa, na cidade do Salvador expirava o tempo de governo dêste último. Em 13 de julho de 1553 tomava posse o seu sucessor, D. Duarte da Costa. Um ano depois já se sentia que era diferente a administração da colonia. Escrevia então o bispo do Salvador ao rei D. João III: “afirmo a V. A. que quem viu esta terra em tempo do bom Tomé de Sousa e a vê agora que tem tanta cousa de se carpir quanta teve Jere-mias de chorar sôbre a cidade de Jerusalem...”

A sua estadia no Brasil tinha sido das mais proveitosas para a nova terra; tivera, porém, de lutar contra tudo e contra todos. Quatro anos de govêrno tinham-lhe exgotado a paciência e as fôrças. Narra frei Vicente como deixou o governador o seu bastão de mando. Era costume ir um meirinho a bordo dos navios que chegavam ao porto do Salvador para trazer em primeira mão ao chefe do governo as notícias mais interessantes. O meirinho sabia que por varias vezes Tomé de Sousa solicitara da metropole a sua volta, alegando doenças, prejuizos na sua fazenda, saudades da familia. Pensando ser-lhe agradavel correu pressuroso a dar a grata notícia da chegada de D. Duarte. Respondeu Tomé de Sousa, depois de alguma reflexão: “Vedes isso, meirinho? verdade é que eu o desejava muito, e me crescia a agua na boca quando cuidava em ir para

Portugal; mas não sei que é que agora se me séca a boca de tal modo que quero cuspir e não posso”.

Era, já naquele tempo, a agri-doce sensação dos que são forçados a abandonar os chamados “postos de sacrifício”.

1926-1931

PAULO PRADO

Um engenheiro italiano na descoberta das minas brasileiras

Um dos que deram maior impulso ao trabalho da descoberta das minas, que durante quasi dois seculos constituiu a preocupação principal dos brasileiros e dos seus governadores, foi sem dúvida d. Francisco de Sousa, que duas vezes veio ao Brasil, a primeira como Governador Geral, aqui exercendo seu cargo cêrca de dez anos (1592-1602), e a segunda como Superintendente das minas e Governador das capitancias do sul.

O delirio pelas minas, a febre da prata, do ouro e das pedras preciosas, já era dominante no fim do seculo XVI e no comêço do XVII, fazendo esquecer o comércio do pau-brasil e a lavoura da cana, que foram objeto das primeiras explorações feitas nas costas brasileiras. Já se haviam iniciado as entradas, algumas das quais se tornaram famosas, como as de Sebastião Tourinho, Antonio Dias Adorno e, mais do que todas, a de Gabriel Soares de Sousa.

Este último, que, além do grande conhecimento da terra advindo da sua longa permanencia no Brasil, possuia o roteiro que lhe fôra transmitido pelo irmão João Coelho de Sousa, o qual passara quasi toda a sua existencia nos sertões dos rios Paraguassú e S. Francisco, quis ter, antes de se aventurar em empresa tão difficil e perigosa, a certeza de que as vantagens das possiveis descobertas lhe seriam garantidas e foi em pessoa á Côrte de Espanha para obter as mercês de que julgava digno o seu cometimento.

Só depois de longa permanencia em Madrid e muitos empenhos, Gabriel Soares pôde conseguir os privilegios desejados, voltando em 1591, quasi ao mesmo tempo que d. Francisco de Sousa, que vinha tomar posse do cargo de Governador.

Durante o tempo de sua estada em Madrid, Gabriel Soares muito se havia esforçado para conseguir do Rei os privilegios de que falámos, procurando o apoio de todas as pessoas que julgava de alguma influênciã junto ao monarca, entre elas Cris-tóvão de Moura, político de grande prestígio, ao qual fêz presente do seu *Tratado descritivo do Brasil*. Natural, portanto, que travasse também relações com d. Francisco de Sousa, que, devendo gozar de muito crédito na Côrte por seus titulos de nobreza, acabara de ser escolhido para Governador do Brasil.

A ele, sem dúvida, Gabriel Soares comunicou suas pretensões, solicitando-lhe o apoio, confiando-lhe as suas esperanças e descrevendo-lhe as riquezas dos sertões brasileiros, que em parte conhecia, e dos quais tanto se falava naqueles tempos, graças ás lendas, então em formação e que a seguir se foram avolumando, de montanhas resplandecentes de ouro e prata.

Foi talvez nas narrações de Gabriel Soares que Francisco de Sousa hauriu a esperança de se tornar descobridor dessas riquezas fabulosas, com as vantagens e regalias que daí infalivelmente decorreriam, esperança que se transformou no sonho, ou melhor, na obsessão que devia acompanhá-lo até sua morte em S. Paulo, a 11 de junho de 1611, quando entregue ao trabalho das minas.

D. Francisco de Sousa, tanto na primeira como na segunda vez, veio ao Brasil acompanhado de pessoas doudas e práticas, seja para as funções administrativas, seja para as tecnicas, o que aliás costumavam fazer todos os governadores naquela epoca. (1) Varnhagen (*Hist. Ger.*, 2.^a ed., I, p. 388) lembra que

(1) Assim, o sucessor de Francisco de Sousa, Diogo Botelho, que governou o Brasil de 1602 a 1607 e "trouxe consigo dois mineiros, João Munhoz de Puertos e Francisco Vilhalva" (Capistrano de Abreu, *Prolegomenos* ao l. IV da *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador, p. 256).

pouco antes da partida de Francisco de Sousa, 26 de março de 1591, “fôra assinada a patente de Agostinho de Soutomaior, como provedor das minas do Brasil” e que foram nomeados, pela mesma ocasião, para igualmente servirem no Brasil, Cristóvão, lapidario de esmeraldas, e mais tarde (5 de novembro de 1591) João Corrêa, feitor de minas de ferro. Capistrano de Abreu (l. c., nota 1) diz que quando Francisco de Sousa, em virtude de uma ordem régia, decidiu transpôr o oceano (de volta ao reino) levou comsigo os mineiros e impediu que comunicassem a quem quer que fosse os resultados das pesquisas.

Não é de admirar, pois, que, ao chegar ao Brasil em 1595, o florentino Baccio da Filicaia, jovem engenheiro, prático de minas e fortificações, tivesse a melhor acolhida por parte de Francisco de Sousa, que, tomando-o a seu serviço, lhe confiou cargos importantes nas suas empresas.

Mas quem era Baccio da Filicaia?

Nem no Brasil, nem em Portugal, se encontram notícias a seu respeito. Só na Italia, ou antes, em Florença, sua terra natal, é que se descobriram, até hoje, alguns documentos sôbre sua pessoa e viagens no Brasil.

Quem primeiro se referiu a ele foi Gustavo Uzielli (2) numa publicação muito rara e no Brasil completamente desconhecida, na qual trata do interesse que o Grão Duque da Toscana, Ferdinando I, dedicava ás empresas coloniais e dos seus propositos de estabelecer além-mar alguma colonia de dominio direto.

Mas graças a outras publicações que se seguiram, a outros documentos importantes descobertos nos arquivos florentinos, já é possível hoje dar uma notícia, senão completa pelo menos satisfatoria, dêsse companheiro de jornada do setimo Governador Geral do Brasil.

(2) Gustavo Uzielli — *Cenni storici sulle imprese scientifiche, marittime e coloniali di Ferdinando I, Granduca di Toscana (1587-1609)*, Firenze, Spinelli, 1901, ed. fôra de comércio, de 102 exs., por ocasião do casamento Rita Uzielli-Guglielmo deglo Uberti (12 de outubro de 1901).

A família dos Filicaia é uma das mais nobres de Florença. Vinda de Roma, onde era conhecida pelo cognome Della Vitella, tirou a nova linhagem do castelo de Filicaia, que existe ainda hoje na atual província de Lucca. Durante a República, deu muitos magistrados á administração pública, e mais tarde, com o domínio dos Medici, diversos senadores, chegando mesmo a estreitar laços de parentesco com a família dominante. O mais celebre dos Filicaia foi Vincenzo, um dos maiores poetas italianos do século XVII.

Não é possível estabelecer com segurança o ano em que nasceu Baccio. Parece, entretanto, muito provável, pelo que resulta de suas cartas e dos dados colhidos no Arquivo de Florença, que seu nascimento tenha ocorrido entre 1565 e 1575, como afirma Giacomo Gorrini em uma comunicação publicada nos *Atti del Congresso Internazionale di Scienze Storiche* (Roma, 1904, v. X, ps. 39-49). De fato, Baccio — segundo ele mesmo diz em uma de suas cartas — ainda muito novo veio ao Brasil, onde ficou onze anos (1596-1607), declarando, nessa mesma carta, escrita em Lisboa e datada de 1608, achar-se em vésperas de partir pela segunda vez para o Verzino, como era então geralmente conhecido o Brasil pelos italianos. (3)

(3) Houve quem quisesse ver nos nomes de **brasil** e **versino** a tradução do nome das antigas ilhas que aparecem frequentemente nos mapas nauticos a sudoeste da Irlanda. Escreve a este respeito Carlos Errera (*L'epoca delle grandi scoperte geografiche*, Milano, Hoepli, 1926, 3.^a ed., p. 200): “A opinião sustentada por Kunstmann, Storm e outros, de que o Brasil (ilha do verzino indicada nos mapas nauticos a SO da Irlanda) corresponde a uma longinqua lembrança da descoberta do Markland, parece muito arriscada, não tanto pela concordancia muito incerta do nome, quanto por ser pouco verosimil o fato de se fixar na cartografia mediterranea uma terra superficialmente visitada por navegantes do extremo norte. A ilha (cujo aparecimento na cartografia póde, de preferencia, ser considerado uma consequencia da primeira descoberta dos Açores) apresenta em alguns mapas, juntamente com o nome de Brasil, o de **Montorius**, que não se percebe o que póde ter de comum com o de Markland. A “ilha verde”, que se apresenta muito menos frequentemente do que a outra (a Groenland teria logo encontrado nos mapas nauticos aceitação menor do que a Markland), poderia na verdade representar, com maior probabilidade, a Terra verde normanda, se a aparição do seu nome, assim traduzido, não fosse por si mesma contrária a toda verosimilhança”. E mais adiante (p. 267): “Esta

Baccio era filho de outro membro da familia Filicaia, de igual nome, e foi o menor de três irmãos, sendo os dois maiores Bastião e Cosimo, êste nascido em 1564. Sabemos — porque ele mesmo o diz em uma de suas cartas — que ainda meninote (*figliolletto*) morou em Lisboa, juntamente com parentes seus que aí exerciam o comércio.

Para quem conhece a história de Portugal não é objeto de admiração o fato de se encontrar naquela epoca uma familia de mercantes florentinos em Lisboa, pois é sabido que, desde o comêço do seculo XV, os cidadãos de Florença, como os de outras cidades italianas, principalmente de Veneza e Genova, eram aí numerosissimos, gozando os contemporaneos de Dante, como já acontecia com os de Marco Polo, favores especiais para o seu comércio com a patria lusitana. O número dos comerciantes e emigrados italianos em geral foi aumentando durante todo aquele seculo, até a descoberta da America e da passagem circumafricana para as Indias, declinando em seguida, não só pela revolução que estes dois grandes acontecimentos provocaram na vida comercial, como tambem, no que diz respeito aos florentinos, pelas agitações internas da República, até a sua caida em 1530 e instauração do dominio da casa medicea.

Com a fortuna dos Medici, renasceu o comércio florentino protegido pelos proprios dominadores, descendentes de comerciantes, que continuaram no exercicio da antiga profissão, depois de galgado o poder e obtidos os titulos nobiliares. Ferdinando I, Grão Duque de Toscana — a quem Baccio dirigiu de Lisboa uma carta, datada de 30 de agosto de 1608, chamando-o de “Serenissimo Gran Duca e mio Signore” — grandes cuidados dedicou ao comércio internacional, tratando de estabelecer colonias na America e especialmente no Brasil.

palavra **brasil** (*verzino*) primeiramente só se encontra na Italia, significando madeira vermelha para tinturaria, proveniente da Asia tropical; mas o motivo de sua applicação á misteriosa ilha oceanica escapa ás mais cuidadosas pesquisas.”

Já em 1575 o predecessor de Ferdinando I, o Grão Duque Francisco I, havia organizado uma Companhia, que obteve do Rei D. Sebastião o arrendamento e o monopólio, para toda a Toscana, da pimenta e outros produtos coloniais, e da qual ele era acionista principal, com casa comercial em Lisboa (4). “E’ portanto provavel (escreve Gorrini) que os Filicaia fizessem parte dessa Companhia. Possuiam eles com certeza uma casa comercial e armazens proprios em Lisboa, sendo que o comércio com Portugal constituia talvez toda a riqueza da familia”.

Ainda menino, como já dissemos, Baccio foi enviado a Lisboa, afim de trabalhar na casa comercial dos Filicaia. As coisas, todavia, não corriam então muito bem. A decadencia geral de Portugal, com a sua submissão ao dominio de Carlos V, fez-se sentir tambem sôbre o comércio e muitas casas estrangeiras, estabelecidas em Lisboa e outras cidades, foram obrigadas a fechar. Entre elas a dos Filicaia, tendo sido Baccio forçado a voltar para sua cidade natal, como diz na carta ao Serenissimo Grão Duque.

Chegando a Florença, o moço foi apresentar suas homenagens a Ferdinando I, que o recebeu com muita amabilidade, animando-o a persistir nas boas tradições e costumes da familia e prometendo-lhe o seu apoio.

Mas Baccio não se sentia talhado para o comércio, ainda mais naquela epoca em que, igualmente em Florença, os negocios corriam bastante mal. Preferiu por isso dedicar-se aos estudos, especialmente de matematica, arquitetura militar e cosmografia, para os quais se sentia mais “incrinato”, como ele proprio escreve, estudos esses muito em voga naquele tempo em Florença, onde havia otimos mestres aí chamados pelo Grão Duque.

(4) G. Canestrini — *Intorno alle relazioni commerciali dei Fiorentini coi Portoghesi avanti e dopo la scoperta del Capo di Buona Speranza* (Arch. St. It., III, p. 98, Firenze, 1846).

Depois de alguns anos de estudo, não sabemos bem quantos, Baccio, convencido de que a teoria pouco lhe haveria de valer sem a prática, resolveu se aventurar pelo mundo, em busca de uma terra onde pudesse pôr em prova os seus conhecimentos. Tornou então a Portugal, país cuja lingua certamente sabia. Aí embarcou num navio, atravessou o "Mare Oceano" e chegou ao Brasil em 1595, quando era Governador Geral d. Francisco de Sousa, que o tomou a seu serviço na qualidade de engenheiro-mór.

Afirma Baccio, na sua carta ao Grão Duque, ter acompanhado Francisco de Sousa ao "Estado" (5), sendo encarregado, com o titulo de capitão de artilharia, de levantar fortalezas, reconstruir as que se achavam em más condições, fortificar portos, instruir bombardeiros e guarnecer com bôcas de fogo as praças.

D. Francisco de Sousa, cuja preocupação principal durante o tempo que passou no Brasil foi a descoberta das minas, não podia deixar de aproveitar para esse fim um homem culto, como era Baccio da Filicaia. E' o que observa Gorrini, em seu trabalho já citado, fazendo porém grande confusão entre Roberio Dias e Gabriel Soares, attribuindo ao primeiro as tentativas do segundo, o que se deve talvez ao fato de se apoiar exclusivamente na autoridade de A. de Duchamp.

Quando d. Francisco de Sousa, em 1598, partiu da Baía "pera baixo", na expressão de frei Vicente, deixando o govêrno entregue a Alvaro de Carvalho, para visitar as capitanias do sul, especialmente S. Vicente, passando a maior parte do tempo, até sua volta ao Reino, em S. Paulo, "que é mais chegado ás minas", levou comsigo o nosso Baccio. Informa êste que acompanhou o Governador nas explorações das minas durante cinco anos (exatamente o tempo que d. Francisco de Sousa passou nas partes do sul), fazendo uma descrição das capitanias visi-

(5) Trata-se com certeza da viagem feita por Francisco de Sousa ás capitanias do Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente, chegando o Governador em 1599 a S. Paulo.

tadas e “facilitando el beneficio di dette mine”. Baccio naturalmente caçou nos arredores da Penha, em companhia do Governador, que assim “entretinha o tempo que lhe restava do trabalho das minas, que era mui grande” (frei Vicente, *Hist. do Brasil*, p. 382).

Resolvendo d. Francisco de Sousa voltar á Côrte, Baccio, não satisfeito, pois julgava “avere fatto pochi servity e desideroso di esercitarsi in maggiori cose”, ou estimando insufficiente o que havia feito para justificar as recompensas que pretendia obter do Rei, deixou de acompanhá-lo, passando a servir o novo Governador, Diogo Botelho (Boteglio, escreve Baccio, com ortografia italiana). (6)

Dando menor atenção ás minas, Diogo Botelho cuidou sobretudo de reorganizar a administração e consolidar os domínios da Coroa contra os indios e invasores estrangeiros. Daí as expedições realizadas durante o seu govêrno, especialmente ao norte. Valeu-se, a esse respeito, da boa vontade de Pero Coelho de Sousa, morador na Paraíba, a quem fez capitão-mór em 1603. E, não só apoiou a expedição deste, como lhe deu auxiliares, entre os quais Baccio, o qual se pôs logo ás ordens de Pero Coelho, pois não pode ser outro o general português a quem alude, sem porém lhe declarar o nome.

Os infelizes sucessos da expedição são sobejamente conhecidos para que seja necessario aqui pormenorizá-los. Partindo com 80 colonos e 800 indios aliados, Pero Coelho perdeu a maior parte do seu exercito nas lutas contra os selvagens da serra de Ibiapaba, e a restante na volta, que foi difficilima, deixando no caminho varias pessoas de sua familia e morrendo ele mesmo, poucos dias depois de sua chegada ao Rio Grande do Norte.

(6) Gorrini corrige o êrro escrevendo Botelho á moda portuguesa, mas comete outro mais grave, confiado em Beauchamp, que no t. II, da *Histoire du Brésil*, p. 34, escreve: “Le premier gouverneur général envoyé au Brésil par Phelippe III, fut don Pedro Botelho.”

A parte tomada por Baccio nessa expedição, segundo sua narrativa, não foi insignificante. Depois de algum tempo, pouco satisfeito com o escasso soldo que dava a Coroa, mas sabendo que esta, ao contrario, compensava generosamente quem lhe prestava serviços, resolveu servi-la diretamente, por conta propria “para mais fundamentadamente obrigar Sua Magestade a remunerar os seus trabalhos”. Com esse intuito, passou ainda seis anos no Brasil, primeiro com Pero Coelho, e depois a sós, conquistando — como ele diz — ou mais propriamente percorrendo e explorando “duzentas leguas de terra, sujeitando muitas nações de gentio á Coroa e promovendo a sua conversão á nossa santa fé catolica”.

Em 1607 recebeu instruções do “general português” para descobrir portos nas costas do Maranhão, com um pequeno navio. Depois de ter feito o que lhe fôra ordenado, de ter ficado muitas vezes em sêco, de ter todo o navio aberto e perdido algumas velas, não lhe foi possivel voltar ao Verzino, chegando ás Indias da Nova Espanha, ás Antilhas, ou ao Mexico, pois não diz o nome do porto onde surgiu. Daí, desejoso de rever a Europa, e tambem, como declara, querendo dar conhecimento á Côrte do que havia feito, embarcou para o Reino, onde devia ter chegado em fins de julho de 1608. (7)

O escopo principal da volta de Baccio ao Reino foi, sem dúvida, receber a recompensa dos serviços prestados no Brasil. Escreve ele de fato: “Já que aqui me acho, pretendo pedir a esta Coroa a remuneração dos meus serviços, dos quais tenho comigo muitas provas”. Compreendendo desde logo, porém, que não lhe era facil, dada a sua qualidade de estrangeiro, obter o que desejava, solicitou a intervenção do Grão Duque, o qual em outros tempos lhe fôra tão generoso, para que ordenasse “ao Embaixador Mons. Arcebispo de Pisa, Assistente de V. A. Serenissima na Côrte desta Magestade Catolica” que o auxiliasse “nestas minhas pretenções, de forma que quanto antes os meus

(7) “Cheguei haverá um mês”, diz na sua carta de 30 de agosto daquele ano.

direitos sejam reconhecidos neste Reino, de onde passam para a Consulta na Côrte”. Pediu Baccio igualmente cartas para o Vice-Rei d. Cristóvão de Moura, Marquês de Castel Rodrigues, e o Conde Almirante, presidente do Conselho da India, “pessoas em que está todo o govêrno dêste Estado”.

A resposta não demorou muito. A 14 de novembro do mesmo ano, Ferdinando I escreveu uma carta ao Conde Orso, embaixador na Côrte Catolica, dirigindo outra, sem data, mas dos mesmos dias, a d. Cristóvão de Moura. (8) Em ambas, o Grão Duque chama Baccio de “nostro vassallo e gentil-huomo florentino”, lembrando todos os serviços que no Brasil prestou á causa da Coroa e recomendando-o calorosamente.

Estas cartas, pelo menos a primeira, foram enviadas ao proprio Baccio, para que as entregasse ás pessoas interessadas. E’ o que se depreende das expressões contidas na dirigida ao Conde Orso: “e ne dovrà mandare a Voi, *in compagnia di questa* sufficienti informazioni”. Com elas foi sem dúvida enviada outra a Baccio, do Grão Duque ou mais provavelmente do seu secretario, Cavalheiro Belisario Vinta. A êste último Baccio escreveu a 5 de janeiro de 1609, não só para agradecer penhoradissimo as cartas de recomendação, recebidas com muito agrado pelos destinatarios, donde a sua fundada esperança de conseguir tudo quanto desejava, como tambem para comunicar que havia feito a prometida descrição, juntamente com um relatório que, por ser muito grande, não enviava pelo correio, mas por um navio que no meiado do mês devia partir para Veneza. Diz ele a esse respeito: “Não contém (a descrição) senão uma nova conquista (viagem) em que andei durante cinco anos, servindo S. M. á minha custa, e no fim da minha viagem vou relatando todos os costumes, guerras, medicamentos, alimentos, leis do gentio e de muitas especies de animais dêsses lugares. Comecei tambem outra de todo o Brasil; mas tendo deixado lá (no Brasil) muitos desenhos e apontamentos, não posso aca-

(8) A esse proposito, Gorrini comete outro equívoco, dando d. Cristóvão de Moura como Vice-Rei do Brasil, quando o era de Portugal.

bá-la, enviando-a do Brasil, se lá Deus me fizer chegar a salvo, juntamente com as outras curiosidades que lá tenho, ou então a levarei eu mesmo”.

Escrevendo no final — “se não tivesse empenhado a minha palavra de acompanhar o Marquês de Sousa pelas obrigações que lhe devo” — confirma Baccio o que já havia dito na carta a Ferdinando I. Isto é: que, deante da insistencia de d. Francisco de Sousa, nomeado Governador Geral no Estado do “Verzino”, e dadas as obrigações que lhe devia, estava resolvido a acompanhá-lo na sua segunda viagem ao Brasil.

Teria realmente Baccio acompanhado d. Francisco de Sousa nessa viagem? Não temos prova disso, pois a carta de 5 de janeiro de 1609, enviada por ele ao secretario de Ferdinando I, é o último documento conhecido até hoje a seu respeito. E’ muito provavel, entretanto, que assim tenha feito, mantendo a palavra dada a quem tanto o tinha beneficiado. Como tambem é bastante provavel que, á semelhança de seu chefe, em S. Paulo tenha acabado os seus dias, pois se tivesse voltado a Florença, não faltariam documentos que isso testemunhassem, dada a notoriedade de Baccio e a alta linhagem a que pertencia.

É de lastimar profundamente, em todo o caso, a perda da descrição e do relatorio de que fala nas suas cartas e que nos dariam abundantes e preciosas informações, não só sôbre as condições do Brasil naquela epoca e acontecimentos em que tomou parte, como tambem acêrca dos fins que moveram Ferdinando I a conceder-lhe com tanta facilidade e tanto entusiasmo o seu apoio e a sua proteção, recomendando-o ao seu embaixador e outros seus conhecidos á Côrte de Espanha, e ainda a pedir-lhe com extraordinario interesse notícias sôbre o Brasil.

No verso da primeira carta enviada por Baccio de Lisboa, encontra-se esta anotação escrita, ao que parece, pelo secretario do Grão Duque: “Que Filicaia mande relatorio escrito de todo o país e viagem feita, com as maiores particularidades

e notícias possíveis para curiosidade de S. A., que lê com muito interesse estas notícias”.

O interesse do Grão Duque pelas notícias do Brasil não se pode unicamente atribuir a uma mera curiosidade, como diz a nota transcrita. Ferdinando I foi um dos maiores representantes da família dos Medici. Amante do progresso e do engrandecimento dos seus estados, não cuidou somente das condições dos seus domínios e conquistas possíveis na península, mas voltou também as vistas para o estrangeiro, fora da Europa. O espírito da família nele continuava vivo. Cosimo o velho, o maior comerciante florentino de sua época, instaurador do poder político da casa, revivia em Ferdinando I, que foi o mais rico banqueiro do tempo e mantinha relações comerciais com as principais praças do mundo. Não podia, portanto, escapar ao seu tino comercial e á agudeza de seu espírito observador a importância e as vantagens que lhe poderiam advir da fundação de uma colônia em país estrangeiro, que constituísse também centro de comércio.

O maior historiador da casa dos Medici, Riduccio Galluzzi, fala claramente a tal respeito, lembrando os projetos de Ferdinando I relativamente á fundação de uma colônia e os esforços feitos nesse sentido. Fracassadas as tentativas para obtenção de alguns feudos no Reino de Nápoles e conquista da ilha de Cipro, pensou em fundar uma grande colônia na América, México ou Perú, mas de preferencia no Brasil, nas costas do Espírito Santo, confiando-lhe a direção a um de seus filhos. Justamente quando mais vivo era esse proposito de Ferdinando I, chegou a carta de Baccio da Filicaia, como que a reconfirmá-lo nos seus projetos e oferecer-lhe os conhecimentos indispensáveis para a realização do seu sonho colonial.

A morte, entretanto, veio pôr termo ás cobiças do Grão Duque, evitando, talvez, que os italianos se manchassem com uma daquelas invasões, pelas quais se tornaram indignamente famosos naquela época ingleses, franceses e holandeses. A des-

crição, que o Grão Duque pedira a Baccio, enviada por um navio que devia partir de Lisboa no meiado de janeiro de 1609, não pôde chegar a Florença antes da morte de Ferdinando I, ocorrida a 7 de fevereiro desse ano.

ANTONIO PICCAROLO

BACCIO DA FILICAIA A FERDINANDO I

Ser.^{mo} Gran Duca e mio Sigre.

Da figlioletto fui mandato da li Padri Mia in questa Città, dove stitti quatro anni. Dipoi, per perdite che tennono li miei maggiori, si serrò la casa, dove mi fu forzoso tornare a la patria, e, in arrivando, fui a rendere la obediencia a V. A. Ser.^{ma} e baciarle le mani, e da Lei fui ricevuto con la sua solita benignità, e esortato a dare quella satisfazione di me, che avevono fato li miei antipassati; chè, così facendo da lei saria aempre aiutato e favorito; e come li negoty andasino molto calamitosi, et yo più incrinato alle virtù della matematica che a essi, per non mi sviare, mi messe a imparare la architectura militare, artiglieria e cosmografia, favorito e incitato dalli eccellentissimi maestri, che da V. A. Ser.^{ma} sono continuamente stipendiati; e, con el discorso del tempo, vedendo che la teoria mi poteva valere molto poco senza la pratica, mi rivolsi a salire fuori e correre mondo, buscando parte dove potessi porre in esecuzione questo mio desiderio, per di poi di bene esercitato tornare a la patria a godere el dolce giogo de V. A. Ser.^{ma} e servirla con quello averia imparato in terre strane invidioso di tanti virtuosi, che soto la sua protezione si raccolgono, tanto favoriti e occupati ne' suoi servity. E, tornando a questa parte di Spagna, passai el mare Oceano a le parte del Verzino, dove subito da un gentilomo portuguese, chiamato Don Fran.^{co} de Souza (che serviva di Governatore Generale di tutte quelle provincie) saputo di mia arrivata e curiosità, mi ocupò con el carico di Ingegnere Maggiore di questo Stato; e, andando yn sua compagnia a visitare tutto lo Stato e sua fortezze, mi ocupò yn restaurare molte di esse et altri porti fortificare di nuovo

e juntamente mi dete el carico di Capitano d'artiglieria; con el quale esercitai molti bombardieri, a acomodai tutta l'artiglieria di dette piazze forte. Dipoi S. M. lo mandò a scoprire cierte mine de oro e plata, dove fui yn sua compagnia, faciendo una descrizione di tutte quelle provincie, e facilitando el beneficio di dette mine, dove continuai cinque anni yn detto servitio, con li detti carichi; e come lui fornisse el suo Governo, e a me mi paresse avere fatto pochi servity, e desideroso di esercitarmi in maggiori cose, mi acostai al nuovo Governatore mandato di questo regno chiamato Diego Boteglio, e, come lui determinassi di scoprire e conquistare le provincie de' fiumi Maragnone e Amazone saputo di mia curiosità, mi mando in compagnia di un generale Portuguese, servendo el dia poco soldo, e satisfaccia bene e servity, determinai più presto farlo a mi spese, per obligare più a S. M. a remunerarmi li miei travagli; e cosi ò servito sei altri anni con li dette cariche, con molta satisfazione, dove conquistamo dugiento leghe di terra, e sugietammo molte nazioni di gentili a questa Corona, e ridoti a la nostra santa fè catolica; e l'anno pasato, sendo mandato dal mio Generale a scoprire cierti porti nella detta costa del fiume del Maragnone, con un piccolo vassello, di poi di avere fatto quanto mi fu imposto, come avessi dato molte volte in secho, e tenere el vassello tutto aperto, e avere perso ancora alcuna vela con li tempi contrari, non fu possibile tornare al Verzino, se non arrivare in popa a le Yndie di Nova Spagna; di dove, per dare satisfazione di me e di quello avevo fatto, mi tornai a imbarcare per questo regno, dove averà un mese che arrivai; e poi che qui mi ritrovo, pretendo domandare remunerazione a questa Corona delli miei servity, delli quali porto bastantissime informazioni. E, come sia forestiero, per alcansarle, mi è neciessario el favore de V. A. Ser.^{ma}; e sapendo quanto la favorisca et aiuti li vassali sua (massimo quelli che prociedono come devono), ardisco e pregarla umilmente si degni favorirmi di imporre al Imbasciadore Mons. Arcivescovo di Pisa, Asistente di V. A. Ser.^{ma} yn la Corte di questa Mag.^{de} Catolica, perchè mi favorisca yn suo nome di aplicare questi miei dispacci e remunerazione; e, come prima si abbino a riconoscere qua in questo regno, e di poi vanno per consulta a la Corte, la prego mi favorisca ancora di lettere di favore per questo Vicierè, Don Christovan de Mora, Marques de Castel Rodriguo, e per el Conde Almirante, Presidente del Consiglio d'Yndia, che sono le persone yn che sta tutto el governo di

questo Stato, che so mi saranno di grandissimo utile; e sempre resterò obrigatissimo a pregare Dio nostro Signore (come prego), per la salute e acrescientamento di Stato a V. A. Ser.^{ma} e di tutta sua Casa.

Don Fran.^{co} de Souza, da l'altra parte, nominato che fu Governatore Generale nello Stato del Verzino, come scoprisse molte mine di oro nel tempo che lo acompagnai è stato da S. M. dispaciato per Administradore Generale di esse e che le fabbrichi una nuova città in quelle parte, e si intituli Marchese di essa, e infinite altre gratie et honori; mi tiene con istanza chiesto che lo voglia acompagnare per dare ordine a la fabrica de la nuova città e fortificarli el porto; e, come yo li stia yn obriguo, non ò possuto fare che non li prometa; e cosi farò, con l'aiuto de Dio, questo viaggio, dove penso stare fino a tre anni, e di poi tornare; el resto di vita, che Dio mi conciederà, tutto ympiegarlo a la divotione di V. A. Ser.^{ma}, certissimo che da quella sarò benignamente visto e occupato; a chi nostro S.re Dio prosperi.

Di Lisbona, e di agosto, alli XXX de' 1608

Di V. A. Ser.^{ma}

umilissimo vassallo e Servitore

Baccio da Filicaia

No verso:

“Al Serenissimo Gran Duca de Toscana mio Signore, etc.”

E de outra letra, talvez do secretario do Grão Duque:

“Che il Filicaya mandi nota in scritto di tutto il paese e il viaggio che ha fatto con più particolarità e notizie che si possa, per curiosità di S. A. sentendo volentieri questi avvisi”.
(*Archivio Mediceo, f. 949, cl 346 recto*)

FERDINANDO I AO CONDE ORSO

Al Conte Orso Ambasciatore in Corte Cattolica ai 14 novembre 1608

Baccio da Filicaia Nostro vassallo e Gentil'huomo fiorentino, havendo servito cinque anni per Ingignero Maggiore, e poi andó per Capitano d'Artiglieria di S. M. Catt. nelle parti del Verzino sotto la carica di Don Francesco de Souza Portuguese, Governatore Generale in quel tempo di tutte quelle provincie; in compagnia del quale, visitato quello stato, ristaurò

fortezze, e porti egli fortificò e di tutte quelle piazze accomodò le Artiglierie, e esercitò molti bombardieri; e finito il Governo del suddetto Don Francesco, essendo poi anche stato impiegato da don Diego Botteglio, nuovo Governatore di detto Paese, nel tener compagnia a un generale Portuguese mandato a scoprire e conquistare le Provincie dei fiumi del Maragnone e Amazzone, appresso il quale ha servito sei altri anni de Sergente Maggiore e di Capitano di una compagnia, senza haver voluto tirar soldo, con havere con le sue onorate fatiche e travagli fatto quegli utili al servizio di S. M. Catt., ch'egli si offerisse di far constatare, e ne dovrà mandare a Voi, in compagnia di questa, sufficienti informazioni e chiarezze, desidera e supplica di essere riconosciuto e remunerato, come sempre sogliono essere dalla somma bontà e giustizia della Maestà Sua tutti quelli che così utile e onoratamente travagliano in servizio di lei e della Christianità.

E, mentre si doverà costi consultare la sua remunerazione secondo le recognizioni fatte nel Regno di Portogallo delle suddette, informazioni ch'egli manderà, Vogliamo che con ogni efficacia (sia) raccomandata e aiutata in Nome Nostro la buona e favorita spedizione di questo suo negozio. E il sig. Iddio, etc.

FERDINANDO I A D. CHISTÓVÃO DE MOURA

Al sig. D. Christoforo di Mora marchese di Castel Rodrigo, Vice Re di Portogallo.

È solita V. E., in virtù della sua celebre bontà e giustizia, di aiutare e favorire tanto chi nel servizio di S. M. Catt. con lunghe, utili e onorate fatiche e travagli si sia acquistato merito appresso di lei, che non può avere punto bisogno di mie raccomandazioni Baccio da Filicaia, mio vassallo e gentil'huomo fiorentino, che già tanti anni ha servito ne' carichi e nel modo che presuppongo esser ben noti all'E Vostra; con tutto ciò, ricercandolo il mio naturale amore verso i miei sudditi, non posso fare di non raccomandare alla sua protezione e autorità, acciò sotto la potenza di esse tanto più facilmente gli riesca l'esser riconosciuto e rimunerato. E, recordando a V. E. il valersi liberamente di me in qualsiasi occasione, le bacio le mani.

*DE BACCIO DA FILICAIA AO SECRETÁRIO DE
FERDINANDO I*

Mto Illre Sr mio Ossmo

La gratissima di V. S. delli XIII de novembre ò ricevuto dua giorni sono, e con essa le lettera de favore, che S. A. S. mi fecie gratia; e le per questi SSri Viciere e Conte Almirante ò presentate, e sono state benissimo viste, e spero mi abbiano da essere di grandissimo profito come a esse doveranno rispondere; là, per el sr Ymbasciadore, manderò alla Corte dove risiede acompagnata con altra mia e le significherò quello mi è necessario, certissimo di ricevere tutto quello (con giusta ragione) domanderò che di tutto resto obrigatissimo a S. A. S. come devo, e presto confido yn Dio tornerò alla patria a godere del suo dolcie giogo, e chiederle per gratia mi impieghi ne' sua servitii, certissimo de me come buon vassalo, darli quella satisfatione desidera. E a V. S. ringratio di grandissime favori fattomi yn dette lettere (che cosi questo come li, che lei sempre fecie al quondam Bastiano, mio fratello, piglio a mio conto e li ricompenserò yn tutto quello da Lei mi sarà comandato (come devo). La discriptione promessa (insieme con una Relatione) ò fatto; e, per essere grande, non la mando con el corriere, ma seguirà con una urca, che a mezo el presente doveva partire per Ven.^{ia}; e un poco lunga; però come la mia professione non è di Ystoriatore., V. S. Suplirà, per sua gentilezza con S. S. a le mie falte; non contiene se non una nuova conquista, yn che andai cinque anni servendo A. S. M.^{de} (a mie spese) e yn basso del mio viaggio vo rilatando tutti i costumi, guerre, medicamenti, viveri e leggi; de gentili e di molte sorte di animali di dette parte; ne ò cominciato altra generale di tutto quello stato del Verzino, che per essermi restato yn dette parte del Verzino molti disegni e memorie, non la posso finire, ma seguirà di là (levandome Dio a salvamento) con alcune curiosità, che la tengo, e di nuovo prevederò quando io non sia el portatore, e la benignità e curiosità di S. A. Ser.ma (aggiunte all'amorevolezza di V. S.) mi danno animo a cometerne qualsi voglia cosa per acquistarmi honore. La venuta di mio fratello yn quelle parti non mi pare acciertata, come a lui largamente o scritto e di nuovo li replico, perchè chi non comincia da figlioletto andare per terre strane è molto difficile el mutare sua natureza, alle volontà di fèorestieri (e chi bene nato tenendo obrigo de dare satisfazione, come tale) fa-

cilmente li succiede disgratie, e come lui sia avanti con la età, per ymparare nuove lingue non tiene, perchè allontanarsi tanto di sua patria, massimo tenendo occasione di servire a S. A. S. a che, senza aspettare di essere chiamato, le dovrebbe fare, che se non fussi avere impegnato mia parola di accompagnare il Marchese Don Fran.co de Souza, per li obrighi che li tengo, per soldato aventuriere, averia d'andare yn questo stante a navicare nelle sue armate; ma con el favore divino (come o detto, spero sarà in breve, e, ancora con il corpo stia ausente, sto sempre con il cuore ala sua divotione; con il qual fine resto pregando Dio per la lunga vita e accrescimento di Stato di S. A. S. di tutta sua prole, e per V. S. ogni contento.

Baciandole de' mani

Di Lisbona, e di Giennaio, a V de 1609

Baccio da Filacaya (sic)

No verso:

“Al mo.to Ill.re sigr mio Oss.mo yl Cavaliere Belisario
Vinta seg.io de S. A. S.ma

Fiorenza”

Contribuição para o estudo do espiritismo como fator predisponente de perturbações mentais

A origem do espiritismo é desconhecida

Encontramos no Velho Testamento, no Deuteronomio, cap. XVIII, vers. 9 e seguintes estas passagens: “9. Quando tiveres entrado na terra que o Senhor teu Deus te ha de dar, guarda-te não queiras imitar as abominações daquelas gentes, 10. Nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho ou filha fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro, 11. Ou encantador, nem quem consulte aos pitões ou advinhos, nem quem indague dos mortos a verdade, 12. Porque todas estas cousas abomina o Senhor, e por semelhantes maldades exterminará ele estes povos á tua entrada”.

“Na sua célebre carta a Sura, Plínio o Jovem (I. VII, 27) pergunta ao seu amigo se ele pensa *esse aliquid phantasmata et habere propriam figuram numenque aliquod, an inania et vana ex metu nostro imaginem accipere*. E lhe conta diversas histórias aterrorizadoras: uma mulher, *figura humana grandior*, predizendo a Curtius Rufus o percurso de sua vida e a hora de sua morte; um liberto do proprio Plínio tendo os cabelos cortados por um espectro; enfim a aventura passada em Atenas com o filósofo Atenodoro: ele se instalou numa casa “assombrada”

onde se ouvia barulho de correntes, onde se via aparecer um velho gemendo; Atenodoro se fecha na casa, fica em vigília tendo junto de si uma luz, seu estilete e suas taboas enceradas, e se põe a trabalhar *ne vacua mens audita simulacra et inanes sibi metus fingeret*; ele ouve o barulho, vê a sombra, segue-a, marca o lugar da área onde ela desaparece aos seus olhos; no dia seguinte, fizeram escavações nesse lugar e acharam ossadas e correntes, e depois de haverem dado a esses despojos humanos uma sepultura digna, o repouso da casa não foi mais perturbado” (1)

Caligula que fôra enterrado sem as cerimônias rituais, errava o seu espirito pelo espaço, e o medo foi tanto, as aparições tão repetidas, que o desenterraram para o enterrar de novo convenientemente, segundo conta Suetonio.

Encontram-se em todos os historiadores, que conviveram com os povos primitivos atuais, descrições circunstanciadas de fatos mediumnicos exatamente iguais aos das sessões espíritas de nossos dias. Parece que, entre esses povos de cultura elementar, onde existe um pequeno vislumbre de civilização, é geral observarem-se certos fenomenos metapsíquicos realizados por individuos famosos da tribu. Esses individuos são os bruxos ou feiticeiros que merecem de seus compatriotas cega confiança nos seus atos e palavras.

A. Danet, numa carta dirigida de Ranohira (Madagascar) ao jornal “Écho du Merveilleux” (2) em 1905, contava o seguinte:

“... Um tal Taimandebakaka, de raça bara e famoso no vale de Menemat por ser um grande bruxo, invocou um dia, em minha presença e no seu povoado, os espiritos do capitão Flayelle e do tenente Montagnole, ambos mortos em Volingheso quatro anos antes, durante um combate com os baras. Os presentes — alguns privilegiados indigenas e eu — não viamos nada,

(1) Julien Vinson — “*Les Religions Actuelles*” (p. 566-567, Paris, 1888).

(2) Cit. C. de Vesme — *Historia del Espiritualismo Experimental* (trad. esp., p. 114, Madrid).

entanto Taimandebakaka assegurava ver as duas pessoas em questão; mas ouviamos perfeitamente as vozes dos oficiais dando ordens aos seus soldados. E essas vozes eram vozes europeas que não podiam ser imitadas pelos indigenas. Também ouviamos ao longe o eco dos disparos de fuzis, os gritos e queixas dos feridos e os mugidos dos espavoridos bois dos inimigos. Essa evocação, que durou vinte minutos, ocorria numa simples cabana de quatro metros quadrados, sem compartimentos e nem andares. O evocador pois não podia ter ajudantes. Demais ele proprio se entrega a outras mui interessantes práticas de feitiçaria”.

Nos indios do Amazonas, naturalistas e exploradores observaram e descreveram uma molestia singular, á qual deram o nome de molestia Oiára, (3) em virtude dos naturais attribuirem sua origem a determinados espiritos que residem no fundo das águas.

Acontece algumas vezes, quando um indio vai se banhar no rio, ser tomado por um dêsses espiritos, caindo logo em estado de mal, cujos sintomas são desta maneira descritos por Amorim nos *Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* (v. VI, 1885, p. 165):

“No principio do ataque ou entrada do primeiro espirito no corpo da vitima, o doente estorcia-se com medonhas convulsões; espumava e rugia, como um furioso, por espaço de uns cinco minutos, pouco mais ou menos; depois caía em torpor ou prostração geral; fechava os olhos, mudava ligeiramente para uma côr mais desbotada que a natural, e só se diferenciava de um cadaver por não perder inteiramente o calor nem a respiração. Os membros tambem não se lhe inteiriçavam completamente; mas não movia nenhum deles sinão depois de lhe pas-

(3) No dicionario do Alto Amazonas a Oiára é descrita como um espirito aquatico, e tambem como uma especie de epidemia que em certas épocas parece ter grassado no Amazonas, achando-se o doente possuido de um irresistivel desejo de lançar-se n'agua, atraído por cousas belas vistas na sua profundeza (*Arquivos do Museu Nacional*, v. VI, p. 163).

sar o ataque, o qual durava umas duas horas, e em cada vinte e quatro se repetia três vezes.

“A êste estado de morte aparente ou pouco menos sucedia uma especie de existencia nova; o enfermo tinha um estremecimento, agitava os labios, e começava a balbuciar frases incoerentes, sem abrir os olhos nem dar nenhum sinal de vida. Era o primeiro espirito ou Oiára que lhe entrava no corpo e falava pela sua bôca com voz que parecia cansada. As primeiras palavras eram sem nexos; depois dava as boas noites, ou bons dias, umas vezes em portugûes, e outras em lingua geral ou tupi. E note-se que Joaquim Carioca não sabia essa lingua, e todavia falava-a perfeitamente, quando a mãe d’água se exprimia pela sua bôca.”

Porém ainda não é tudo. Servindo o doente de medium, uma pessoa propunha questões á Oiára, e recebia respostas, afirmando Amorim que acontecimentos futuros não só foram preditos como também fatos que se davam naquela ocasião em lugares distantes.

Estes ataques contiuvam durante três ou quatro dias, repetindo-se três vezes em vinte e quatro horas.

Durante a crise, em que o doente parecia morto, ele declarava que tinha visitado palacios no fundo do rio, sendo acompanhado por uma bela tapuia, se era homem, e por dous belos tapuios, si era mulher. Ao voltar á terra as oiáras o deixavam, e de novo iam para o rio, mas deixavam atraz alguns pequenos tapuios para guardarem o doente. Estas sentinelas deviam impedir que outros espiritos d’água, seus inimigos, os sobrepujassem. Amorim diz que há bons e maus oiáras.

Como se vê é uma especie de possessão transitoria em que os naturais se julgam tomados pelos espiritos das águas, espiritos esses lendarios da mitologia amazonense.

Pela descrição de Amorim parece tratar-se de um ataque de epilepsia.

Entre os indios da America do Norte a invocação do espirito era comum pelos chefes das tribus e, segundo Tylor, o pro-

cesso que eles empregavam para isso muito se assemelhava com o empregado em qualquer das sessões espiritistas de Londres. Para esses índios o espírito convocado era o da “Grande Tartaruga”, como diziam eles, no qual muito confiavam.

Atualmente o espiritismo encontra-se espalhado em todos os povos civilizados do Velho Mundo. E nada mais é senão o resultado hereditário das velhas crenças de nossos longínquos antepassados, que viam na morte um fenómeno unicamente transitório e acreditavam na existência do espírito imortal.

Gustave Le Bon, em poucas palavras, explica satisfatoriamente o mecanismo evolutivo dessa crença através das idades da seguinte maneira: “... mas o amor do misterio, as necessidades religiosas que uma fé antiga alimentava mal, a esperança da sobreviver ao tumulto, são sentimentos tão vivos que não poderiam morrer. A magia antiga devia, ainda uma vez, reaparecer, mudando de nome sem sofrer notável modificação. Chama-se hoje ocultismo e espiritismo, os augures se denominam mediums, os deuses inspiradores de oráculos se intitulam espíritos, as evocações dos mortos tem o nome de materializações”.

Por aí podemos ver que a base fundamental dessa crença é antiga e vem de uma necessidade que o homem tem, quando o seu sistema nervoso é discrásico, de aceitar misteriosamente certos fenómenos de ordem mental e interpretá-los, dadas as condições em que eles se realizam, num ambiente ilusório ou alucinatorio. Dessa maneira se explica hoje em dia, graças aos nossos conhecimentos da psicologia patológica, os estados médiumnicos e a mentalidade emotiva dos frequentadores das sessões espiritistas.

Numa interessante tese, *Espiritismo e Ideas Delirantes*, defendida em 1929 perante a congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o Dr. Coelho Marques atribuiu aos Estados Unidos da América do Norte o berço do moderno espiritismo.

(4) Na França, em 1910, havia 50.000 espiritas e no mundo perto de 12 milhões (J. Roubinovitch — *Aliénés et Anormaux*, p. 79).

Vejamos como ele argumenta essa tése: “O berço do moderno espiritismo foi a aldeia de Hydesville, (5) nos E. U. da America do Norte. Data do ano de 1846. Em casa da familia Wackelmann, ouviam-se rumores misteriosos e uma menina sentiu, certa vez, úa mão invisivel passear sôbre o seu rosto e pousar na sua cabeça. Abandonada, esta casa foi, mais tarde, dois anos depois, ocupada por outra familia de nome Fox, originária da Alemanha. Com o ânimo já prevenido, não tardaram os novos habitantes a notar a repetição dos ruidos misteriosos: portas e janelas se abriam e fechavam, moveis eram postos fora do lugar, etc. Atribuiram estes fenomenos ao diabo e foi chamado “Pé-de-cabra” o promotor destas desordens. Foi a pequena Catarina Fox, segundo conta o Dr. Pimentel (Oscar dos Santos), que certa vez estando a estalar os dedos, pediu a Pé-de-Cabra que a imitasse, sendo prontamente atendida. Chamou ela, então, a mãe, e repetiu a experiencia, chegando, assim, á conclusão de que a estranha personagem tinha “ouvido para ouvir” e “vista para ver” por isso que executava as suas ordens. Interrogado se era homem, Pé-de-Cabra não deu resposta; perguntaram-lhe si era “espirito” e ele prontamente, “por meio de pancadas”, respondeu que sim. Originaram-se dêste modo os raps, por meio dos quais convencionou-se um alfabeto para facilitar as comunicações. A menina Catarina, em cuja presença estes fenomenos notavam-se mais nitidamente e que servia de intermediario, foi por isso chamada “médium”.

“Entrando em comunicação, o “espirito” disse ter sido em vida Charles Ryan, morto criminosamente e enterrado na dispensa. O criminoso indigitado por ele apareceu, negando o fato; procederam-se a escavações, e foi verificado não existir ali nenhum cadaver escondido. Esta decepção não os desanimou; continuaram as “revelações” que, provavelmente, tiveram o mesmo valor que a primeira.

(5) Consulte-se tambem a esse respeito o livro de Julien Vinson — **Les Religions Actuelles** (p. 567), onde se encontram informações detalhadas. (Nota do autor).

“Sabedor destas ocorrências, o pastor protestante daquela localidade moveu aos Fox tenaz perseguição até que eles se mudaram para Rochester. O “espírito” mudou-se também, acompanhando-os.

“Em Rochester, alcançaram enorme sucesso, instituindo, em pouco, as sessões pagas que lhes proporcionaram lucros consideráveis. Estas práticas alastraram-se logo por toda a America do Norte, indo mais tarde, em 1852, pela Escocia (Pimentel) ou pela Alemanha (Duhén) invadir a Europa. Um ano mais tarde, tinha a melhor das vitórias — conquistava Paris. De lá, irradiou-se facilmente para o resto da Europa. Em pouco, protegido por escandaloso reclame, o espiritismo, com uma aceitação nunca vista, espalhava-se universalmente.

“Não fosse ele uma criação *yankee*... E’ o Dr. Pimentel quem diz com muita propriedade: “*O espiritismo é um produto puramente americano que abarrotou o commercio mundial, por ter sabido, com engenhosa habilidade, aproveitar-se da ignorancia para dar lugar ao renascimento da superstição, da qual o homem se julgava libertado anteriormente*”.

Não discutimos a veracidade dessa afirmação. O fato é que atualmente o espiritismo na Europa tomou um grande impulso. Lá ele se apresenta com fóros de ciencia. E já não se chama mais espiritismo e sim Metapsiquismo, com laboratorios, revistas e tratados onde se encontram terminologias proprias para designação de seus fenomenos supranormais.

Entre nós o espiritismo se acha na sua forma primitiva, isto é sob a forma de religião e por isso ele tem dado um enorme contingente de delirantes que se abrigam nos Hospícios e Casas de Saúde.

Para Roubinovitch, (6) entre os alienados, os espiritas constituem infima minoria em relação ao numero de espiritas existentes. E para ele o perigo não está no fato da invocação dos espiritos mas sim no indivíduo que se consagra a essas prá-

(6) Jaques Roubinovitch — *Aliénés et Anormaux* — p. 79, Paris, 1910.

ticas. O perigo existe para os individuos cerebralmente fracos, para os neuropatas e tambem para os simples emotivos. Estes ultimos são incapazes de observar simplesmente um fenomeno, pois eles põem sentimentos onde deve haver somente raciocinio, saltam das premissas ás conclusões com uma rapidez desesperadora e se entusiasmam facilmente.

Já Régis, no seu tratado de Psiquiatria, (7) notou que, de alguns anos para cá, numerosos casos de *delirios de perseguição em consequencia de práticas espiritas* têm sido observados. E é possível, diz ele, que isso seja devido, sem dúvida, a uma recrudescencia das crenças e práticas do espiritismo, dando lugar ao aparecimento de uma nova especie de delirio de perseguição — a *variedade espirita*.

Essa variedade, explica Régis, não possúe, além disso, caracteres bem especiais que lhes sejam proprios e apresenta os sintomas fundamentais do classico delirio de perseguição, em particular os do delirio de perseguição por possessão, feitiçaria, hipnotismo, isto é, por todas as influências misteriosas consideradas pelos doentes como agindo contra essa vontade sobre o seu pensamento.

Passamos a transcrever alguns fragmentos de uma observação, do arquivo do Hospital de Juquerí, feita pelo medico alienista dr. Mario de Gouvêa, nosso estimado colega:

“Esse doente J. H. A., apresenta disturbios cenestesicos, alucinações auditivas e visuais, delirios interpretativos e persecutorios muito interessantes, ligados ás suas ideas espiritas.

“J. H. A., brasileiro, branco, casado, 28 anos, é um individuo de constituição regular e revela funcionamento perfeito dos órgãos da vida vegetativa. Na sua antecendencia ha um caso de molestia mental. Dos exames somatico e neurologico pouco temos a dizer: estão presentes os reflexos cutaneos, exagerados

(7) 5.^a ed., p. 470.

os tendinosos. As pupilas, de contornos nitidos, reagem com morosidade.

“Organizámos alguns *tests* para medir sua capacidade intellectual: deixou de resolver quatro das sete questões propostas, dizendo-nos que o mar Vermelho separa a França da Inglaterra.

“Muito frequentes suas alucinações auditivas: ouve vozes que o insultam ou lhe insinuam ideas, que ele repele mentalmente. Tem alucinações visuais: “aquella mão que lhe aponta as linhas quando lê ou quando escreve, ou um mulato, que lhe aparece, quasi sempre despido, no seu leito”.

“Os delirios evidenciam o desequilibrio mental: percebe que lhe transmitem pensamentos e ideas; diz-se subjugado por “alguem” (delirio de influência). Vê-se perseguido, tentam transmitir-lhe pensamentos e dominá-lo; não é senhor de si; seus escritos mostram as torturas em que se debate; basta que se leiam as epigraphes dos seus capitulos: “Considerações sôbre a liberdade mental”, “Lutas em prol da liberdade *fisica e mental*” (o grifo é do observando), “Explorações”, etc. etc. Mostra, num jornal, um artigo que um desafeto lhe roubou. Após uma contenda com a esposa, passou a viver em quarto separado.

“Suas ideas persecutorias se revelam nitidamente quando escreve: “apoderam-se de qualquer corpo com o fito de desmoralizar a pessoa a que pertence... são verdadeiros sugadores de todo o sistema nervoso e mesmo da propria carne”. “Procuram prender a atenção dos perseguidos e suggestioná-los”. “Encarnam-se em pessoas, que com eles convivem e cometem atos que os levam a ver neles verdadeiros perseguidores” (Refere-se á sua mulher). “Agindo nesses corpos contra os perseguidos obrigam-nos muitas vezes a praticar crimes”. “Durante meses ou anos não abandonam as pessoas que perseguem”

“Em suma: reúnem-se para constituir o quadro das desordens psiquicas de J. H. A., a atenção muito dispersiva e positivamente doentia; as ideas confusas, mal associadas, de se-

quencia defeituosa, exteriorizando alucinações, delírios, desordens cenestésicas, que se repetem com frequência e são expostas sem vexame e sem reboço”.

Seguem-se alguns trechos de um volumoso trabalho, “Palestra Mental”, escrito pelo mesmo doente J. H. A., observado pelo referido alienista dr. Mario de Gouvêa, médico do Hospital de Juqueri:

“*Considerações sobre espiritismo* — Ha espiritos do aquém e do além tumulo. A vida dos segundos consiste em esclarecer todos aqueles que os compreenderem. Agem sómente para o bem nosso. São nossos esclarecedores e pairam acima das paixões humanas. Os dêste mundo possuem corpos, e, assim como estes lhes servem de instrumentos, por sua vez, servem de instrumento ás paixões dêstes. Possuem, embora, não todos, por isso que, os espiritos cultos, como os do além, pairam acima dos maus sentimentos, a pretensão de serem soberanos, tiranos etc.

“E’ um fato a encarnação e desencarnação de espiritos habitantes ainda da terra. E’ verdade que nem todos os espiritos terrestres costumam abandonar seus corpos. Os que o fazem são, justamente, os que podem causar mal á nossa pessoa, por isso que, entre eles estão os medios e os degenerados.

“*Ação mental de certos individuos sobre outros* — Guiados por ideas ou sentimentos menos dignos os individuos que possuem forças mentais mui desenvolvidas e ocupam na sociedade lugar inferior a outros que as têm menos desenvolvidas, agem sobre estes por via mental. Disse de sentimentos menos dignos, por isso que, em lugar de esclarecer os segundos, ou, de lhes seguir as pegadas, exercer pressão sobre o seu cerebro, de modo a prejudicá-los em seus meios de vida, tornando-os resolutos, ociosos, na reputação e no bom nome de que gozam tornando-os menos criteriosos, viciados. São as vezes causadores até de crimes.

“Penso eu que, em lugar de empregar o seu desenvolvimento psíquico nesse sentido, deveriam fazê-lo em sentido diametralmente oposto, isto é, ao invés de procederem como inimigos dos segundos, deveriam e o conseguiriam, dada a extensão do seu poder, tratar de afastar daqueles tudo que é prevenção e transformá-la em simpatia, que cultivariam com a máxima delicadeza concorrendo, como os demais, para o seu progresso, Escrevi eu que às vezes são causadores até de crimes.

“Para isto estabeleço duas espécies de energia: a própria e a que provém de outra mente.

“ a) — *Energia própria.*

“Esta espécie de energia é empregada diariamente pelo indivíduo na execução de todas as suas resoluções mentais. Em certos momentos revela-se no superlativo.

“Acontece isso por exemplo, quando o indivíduo é ofendido ou vê seus direitos desrespeitados. Nesta mesma hipótese, em lugar dela, poderá agir sobre o indivíduo a de outra pessoa. Uma e outra são reconhecidas pela sua exteriorização, bem como a pessoa de que a última provém, por isso que, a sua fisionomia estampa-se, por assim dizer.

“A energia própria leva o indivíduo a proceder calma, refletidamente, de acordo com o seu raciocínio, mesmo quando revela-se no seu superlativo. No primeiro exemplo figurado, ele fará a ofensa voltar à boca de onde saiu, sem se humilhar, ou fazer-se de fantoche e de modo a poder, mesmo perante os tribunais, vencer o ofensor. No segundo exemplo agirá dentro das leis, regulamentos e convenções sempre que aquelas e estes constituírem um fato, e seguindo o exemplo dos demais quando leis, regulamentos, convenções, existirem unicamente nos papéis.

“b) — *Energia alheia.*

“Quando a energia empregada pelo indivíduo é transmitida por outros, ele procede irrefletidamente. Muitos dos nossos psicólogos chamam-nos de impulsivos, considerando a energia como própria.

“No primeiro exemplo, sentirá uma sensação estranha no cerebro ocasionada pela ação do outro.

“Todas as suas faculdades mentais ficarão como que paralisadas e sua cabeça sacudir-se-á sôbre os ombros.

“O indivíduo apelará para a fôrça bruta, para os braços, afim de desfazer a ofensa; se, ao seu alcance encontrar uma arma, empunhá-la-á e, sempre inconcientemente, virá-la-á contra o adversario.

“No segundo exemplo figurado, cometerá não poucos desatinos sob a ação do pensamento do algoz, muitas vezes, senão sempre, sem alma, sem educação, um admirador de palhaços, e será, então, autor de cenas lamentaveis em as quais, no entanto, julgará, ainda, devido aquela ação, brilhar.

“Não atenderá ás razões expostas por outros, por isso que, julgá-los-á inferiores mentalmente, apaixonados ou inimigos. A pessoa amiga que dele aproximar-se com o fim de esclarecer verá, em a sua frente não o homem de sempre, justo, pacato, risonho, educado, mas um neurastenico disposto, inconcientemente, a não ver a verdade de suas palavras, mesmo que para tal haja de empregar meios violentos. Na ação desta energia está, não a possibilidade, mas, a probabilidade do indivíduo inconciente involuntariamente praticar um crime”.

Em geral as práticas espiritas são efetuadas por indivíduos embusteiros em lugares convenientemente preparados.

Há tempos eu fui testemunha ocular de uma sessão espírita. Numa sala grande, cheia de bancos alinhados, no centro da qual havia uma mesa quadrada, onde se encontravam o presidente da sessão no centro e nos lados um “medium” e um secretario. Os bancos estavam ocupados por enorme assistencia. Era gente de toda especie: negros, mulatos e brancos de ambos os sexos. Operarios uns e a maior parte domesticos, sobretudo as mulheres.

A’ hora de começar a sessão o presidente levanta-se, assim como toda a assistencia, e de pé lê em voz firme e pausada um

trecho de um livro de Allan Kardec. Depois sentam-se e o presidente pede para que todos se concentrem e não provoquem o menor ruído na sala. Pouco tempo depois o “medium” que nessa sessão era uma mulher parda, de uns trinta anos aproximadamente, começa a tremer e cai pesadamente ao solo. O presidente, auxiliado pelo secretario, levanta-a do chão e coloca-a na cadeira, explicando á assistencia que esse fenomeno era devido á aproximação de varios espiritos maus, pelo que pede a todos que o acompanhem na leitura de um outro trecho de Allan Kardec. Após a leitura, que era uma especie de oração, o “medium” se apresenta calmo e começa a falar primeiro sem nexos, depois palavras compreensíveis. O presidente logo explica que o espirito do pai de um dos assistentes estava encarnado no “medium” e pedia para que todos rezassem por ele, visto que se achava ainda nas trevas.

Quando terminou a sessão eu saí profundamente impressionado de ver aquela pobre gente iludida, explorada nessa crença malevola, que só prejuizos traz para os seus frequentadores. E pensei nas inumeras sessões que provavelmente existem por aí, a minar esses pobres cerebros conduzindo-os á loucura.

Analisando os fatos, poderemos verificar que todo “medium” é um individuo discrásico e por isto é suggestionavel e mitomano, de mentalidade mediocre e que apresenta sintomas histericos (convulsões, anestésias, faringoespasmo, etc.). E a “mediumnidade” é um fenomeno de automatismo mental que pode ser transitorio ou permanente. Ela se caracteriza pela existencia de dois *eus*. O primeiro é o *eu* normal que distingue a personalidade do individuo. O segundo é o que aparece sob a designação de “espirito” e tem por fim revelar os acontecimentos passados e futuros, ditar mensagens e escrever em escrita automatica, etc.

A maior parte dos neuro-patologistas consideram os “mediums” como psicopatas, mitomanos.

O “medium” é, quando não um habil prestidigitador, ou audacioso *scroc*, um indivíduo francamente tarado, ou, no mínimo, portador de uma constituição automática, o que vem a se mais ou menos a mesma coisa. “Pertencem a este grupo, — diz Levi Valensi que estudou esta constituição —, todos aqueles nos quais o subconciente intervem com uma intensidade particular, os distraídos, os sonhadores, os imaginativos, os individuos de representações vivas, objetivas, quasi alucinatorias, e tambem um certo número de impulsivos”. Ele faz compreender aí a constituição ou temperamento esquizóide, de Kretschmer e a constituição pitiatca ou histerica, com o seu fator caracteristico — a sugestibilidade. Os mediuns pertencem á última. “São, — diz ele —, os ingenuos, os individuos de vontade fraca e sem grande auto-crítica, os que são facilmente vitimas de enganos dos outros e de si proprios, cujo psiquismo tem a faculdade de se desagregar para fazer corpo com as sugestões exogenas e mesmo endogenas”. (8)

O prof. Austregesilo, em resposta a uma “enquête” solicitada aos medicos psiquiatras e neuropatas em 1927 pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro sobre a ação malefica do espiritismo na genese de disturbios mentais, disse: “Estou convencido que as práticas espiritas têm produzido em predispostos verdadeiras psicoses e agravado muitos estados mentais já iniciados por pequenos disturbios psicicos”.

E mais adeante: “O espiritismo é uma psiconeurose semelhante á histeria ou proxima dela, contagiosa e de facil difusibilidade. O aspeto religioso ou mistico não lhe tira o aspeto patologico. Todos os fenomenos mediumnicos são muito semelhantes ás crises histericas. E’ a sugestão ou auto-sugestão preparada pela invocação que dá lugar ao desencadeamento dos fenomenos espiritas. Explicam-se os fenomenos espiritas de visão, audição, ou relações pelo afloramento do subconciente: o “medium” tem a facilidade de desarticular o conciente e subcon-

(8) Dr. Coêlho Marques, o. c., p. 29.

ciente pelo alto poder de auto-sugestão. Todas as revelações espiritas têm o valor dos sonhos. São reminiscências que se acham acumuladas no subconciente e que se manifestam tal-qualmente quando o indivíduo se acha em sonho ou acidente histerico. As adivinhações são meras coincidências; as revelações são fatos esquecidos ou inapercebidos que dormem no inconciente. As seitas espiritas representam estados epidemicos limitados, em grupos, como outrora se verificavam sobretudo na idade média, as epidemias de incubos, sucubos ou de histeria. As psiconeuroses e o espirito mistico, muita vez se acham intimamente relacionados. A prática espirita desperta no indivíduo crises psico-neuroticas e agrava as existentes. As perturbações mentais são seriamente agravadas pelas praticas espiritas. Os casos testemunhados a esse respeito pelos psiquiatras, no Hospicio Nacional de Alienados e nas casas de saúde, multiplicam-se frequentemente”.

Vejamos agora um pouco de estatística.

Em 1925 a percentagem de internados no Instituto de Neuropatologia da Assistencia a Alienados em consequencia do espiritismo era de 10 %. (9)

O Dr. Leonidio Ribeiro afirma que, como médico-legista da Policia, pôde verificar que “de entre os individuos que eram ali diariamente examinados por suspeita de alienação mental, carecendo ser alienados da sociedade, em *mais de 50 %* dos casos a familia afirmava terem aparecido os primeiros sintomas de loucura, ao se entregarem os pacientes á prática do espiritismo, nos numerosos centros disseminados em todos os cantos da cidade”. O Dr. Xavier de Oliveira, citado pelo Dr. Nestor Pires (Tese da Baía), em nota prévia apresentada á Soc. Bras. de Neurologia, Psiquiatria e Medicina-Legal, em sessão de 20 de Junho de 1927, sobre “Religiões em Psiquiatria”, assegura que 95 % dos casos de delirio episodico originam-se do espi-

(9) Dr. Osorio de Almeida (cit. de Coêlho Marques, o. c., p. 106).

ritismo. Em uma estatística levada a efeito pelo Dr. Mirandolino Caldas, o espiritismo ocupa o terceiro lugar como fator psicopatogenico, excluída a herança psicopática. Acima dele há apenas a sífilis e o alcoolismo". (10)

Pierre Janet (11) cita dois casos interessantes de loucura em consequência de práticas espíritas. O primeiro é o da *Observação 51: "Delírio de possessão em consequência de práticas espíritas. — Convicção do delírio, delírio sistemático secundário perseguido por um Espírito, tormentos inflingidos pelo espírito, antecedentes, práticas espíritas, medium desenhador e medium impressivo, alucinações verbais cenestésicas, invasão dos fenómenos subconscientes, atos absurdos exigidos pelo espírito, delírio de possessão, fenómenos histericos ponto de partida da alienação"*. O segundo é o da *Observação 95: "Tremor do braço direito num medio espirita. — Sintomas neurasténicos, tremor do braço direito, antecedentes, tristezas, práticas espíritas, escrita automática, ameaças feitas pelos Espíritos, terrores, perturbação da digestão, começos do tremor, caracteres do tremor, desaparecimento do tremor depois da escrita automática, necessidade dessa escritura, ordem ao Espírito, tratamento"*.

No "L'Encéphale" de janeiro de 1923, com o título "La folie médiunique", os Drs. Sollier et Boissier publicaram a observação de um caso curioso no qual o doente apresenta os seguintes dados que eles descreveram com notável precisão: "Fenómenos alucinatórios verbais, psico-motores, tiptológicos (12) e grafo-motores. Especialidades medianímicas diversas. Mesas giratorias, tiptologia mental interior, mensagens escritas e faladas, desenhos, revelações inspiradas, adoção de um espírito teleológico. Apostolado, missão moral, reformador. Tendências místicas. Teomania raciocinante".

(10) Dr. Coêlho Marques (o. c., p. 106).

(11) *Névroses et Idées fixes* (3.^a ed., V. II, ps. 172 e 332).

(12) De **tiptologia** — experiência a que procedem os espíritistas, com mesas girantes, chapéus, peneiras, etc. Comunicação dos espíritos por meio de pancadas (C. de Figueiredo. Nota do autor).

O Dr. Alvaro Guimarães Filho na sua tese apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo em 1926, com o título “Da Higiene Mental e sua importancia em nosso meio”, na parte em que trata do espiritismo, refere-se ao Hospital de Juqueri, onde, compulsando os seus arquivos, apenas em dois anos encontrou nada menos de doze doentes entrados, e em cuja história havia dados interessantes sobre a presente questão.

E’ sabido o caso da epidemia espírita de Taubaté em 1885 sobre o qual escreveram os profs. Franco da Rocha e Nina Rodrigues.

Como acabamos de ver, o espiritismo é uma prática moderna das religiões dos povos primitivos. Entre nós ele encontrou um campo propício para o seu desenvolvimento em virtude do estado atual do meio. O nosso povo ainda sofre pesada carga hereditaria de antepassados recentísimos que viveram mergulhados na superstição e na feitiçaria. Acresce ainda o baixo nível mental dessa pobre gente sem instrução precisa que a faça livre dessas crenças primitivas. Não foi atôa que em brilhante conferencia na Associação Brasileira de Educação o prof. Miguel Couto disse: “O primeiro e o mais urgente de todos os problemas, é, sem dúvida, o da educação popular”. Não resta dúvida: é preciso educar a nossa gente. Mas educar de acôrdo com o estado da vida atual. Educação prática. Científica. Abandonar o ensino dos mitos, das lendas e sobretudo das religiões. Digo isso porque a religião, principalmente a catolica, que é a mais rica em misterios, é incompativel com a vida atual. Ela só serve para embaraçar os costumes naturais do progresso e criar no espirito do jovem essas reminiscencias mitologicas que o faz cativo de superstições e fenomenos sobrenaturais.

Sergi (13) considera a religião como uma manifestação patologica da função de proteção, como um desvio da função normal desenvolvida na natureza fisica e organica, desvio causado pela ignorancia das causas naturais e de seus efeitos.

(13) G. Sergi — *Las Emociones* (trad. esp., p. 469, Madrid, 1906).

Basta-nos essa longinqua herança das crenças e ceremonias dos antepassados que, segundo Freud, vêm resurgir do subconciente nas nevroses obsessivos. Assim, diz ele, “todos os doentes obsessivos são supersticiosos”. E mais adiante: “as superstições que dominam a sua vida nos mostram o quanto eles se acham proximo do selvagem, que acredita transformar o mundo exterior só com suas ideas... Os atos obsessivos primarios desses neuroticos são propriamente de natureza magica. Quando não são atos de feitiçaria, são sempre atos de contrafeitiçaria, destinados a tirar as ameaças de desgraça que atormentam o indivíduo no comêço de sua doença” (Freud, *Totem y Tabu*, ed. esp., p. 130).

E’ trabalho do subconciente. Nele as tendencias ancestrais repousam veladas pelos totems e tabus das civilizações até que um dia, como um vulcão, irrompem lavas no dominio da intelligencia. E criam assim as neuroses.

Devemos combater o espiritismo e a sua prática entre nós com todas as nossas fôrças. Pois, como vimos, ele constitúi um dos mais graves perigos sociais. E esse perigo se observa tanto na sua função religiosa como igualmente na criminosa função ilegal da medicina que constitúi a mais vil e grosseira exploração da credulidade publica.

O nosso Codigo Penal condena essas práticas e é bem claro nos seus dispositivos:

“*Art. 156* — Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria, a farmacia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo animal sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

“*Pena*: — de prisão celular por 1 a 6 meses e multa de 100\$000 a 500\$000.

“*Art. 157* — Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar talismãs para despertar sentimentos de odio, inculcar cura de molestias incuraveis ou curaveis, enfim para fascinar ou subjugar a credulidade pública:

Pena: — de prisão celular por 1 a 6 meses e multa de 100\$ a 500\$000.

“*Art.* 158 — Ministrar ou simplesmente prescrever como meio curativo para uso interno ou externo e sob qualquer forma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim o ofício do denominado curandeiro:

“§ 1.º — Se por influência ou em consequencia de qualquer dêstes meios, resultar ao paciente privação ou alteração temporaria ou permanente das faculdades psiquicas:

Pena: — de prisão celular por 1 a 7 anos e multa de 200\$ a 500\$000”.

Por aí se vê que não é por falta de leis que o espiritismo tem ganho terreno entre nós. E’ tão sómente pelo descaso das autoridades competentes em não cumprir os referidos artigos doCodigo Penal. O Sindicato Médico deveria tomar sérias providencias nesse sentido.

OSORIO CESAR.

Populações paulistas (III)

4. Formação americana

O que acontece nas milenarias constituições politico-sociais da valetudinaria Europa, fossilizada em costumes arraigados, em credos de dogmas intangíveis, em idiomas graníticos que atravessam séculos sem as erosões cavadas pelo tempo, com maior razão se passa nas formações modernas da América, constituídas de gente povoadora de todos os matizes, revolvida no turbilhão da imigração, vinda para satisfazer a fome de regiões deserticas, dado o incorrigível nomadismo da antiga gente amerindiana. Vários exemplos de novas formações nacionais se obtêm, analisando o povoamento do novo continente através dos múltiplos países que para a sua constituição contribuem.

Gente de variada natureza iniciou o povoamento da América. Ainda no século 17, as colônias da New England se enchiam do elemento puritano britânico em ostracismo e do holandês colonizador, enquanto o resto do continente se povoava ao norte de franceses e ao sul de ibéricos.

O britânico e o holandês, ainda que aportados onde mais elevados eram os ameríndios na escala humana, desprezaram o contato destes e, guerreando-os, isolaram-se nos preconceitos gerados pelo orgulho racial e pelo fanatismo religioso. Os mesmos sentimentos extremados que já os haviam segregado da convivência europeia. Os Estados de Arizona, Luisiana, Oregon,

South Carolina e Virginia proíbem casamentos de brancos com índios.

Os ibéricos, ao contrário, fundiram-se com a massa indígena e com esta se fixaram no solo americano, trazendo da Europa os costumes, o idioma e a religião católica, lá adotados. No México ainda existem 4 milhões de índios puro sangue, além de 9 milhões de mestiços, num total de 14 milhões, havendo portanto unicamente 1 milhão de indivíduos de pura estirpe europeia. A população do Perú era composta de 57,6 % de índios puro sangue, além de 24,8 % de mestiços, cholos e zambos. A da Bolívia compreende 50,9 % de índios, além de 26,7 % de mestiços.

Depois, o anglo-saxão das colônias da New England importou o negro como mão de obra para as suas culturas de tabaco e algodão, o mesmo fazendo o ibérico para o cultivo do açúcar e do café ou para a mineração do ouro. Mas, ao passo que aquele, empavesado e envaidecido, segregou o negro na América do Norte, o ibérico modesto e liberal espalhou-o e dissolveu-o na América do Sul. O anglo-saxão, nucleando o negro, criou o antagonismo racial das duas estirpes conviventes, ao passo que o ibérico fê-lo fundir pelo amor e fá-lo desaparecer, oprimido pelo meio social e vencido pelo meio físico.

A tal ponto chega nos Estados Unidos o ódio pelo negro que a legislação de Alabama, Arizona, Arkansas, Califórnia, Delaware, Florida, Georgia, Idaho, Indiana, Kentucky, Luisiana, Maryland, Mississippi, Missouri, Nebraska, Nevada, North Carolina, Oklahoma, Oregon, South Carolina, Tennessee, Texas, Utah, Virginia, West Virginia e Wyoming, portanto 28 das 48 unidades da grande Federação, proíbem terminantemente os casamentos do negro ou do mulato com o branco, casamentos que são tidos por inexistentes e as partes por criminosas. É que os “eugenistas americanos”, diz Nissot (*La question eugenique dans les divers pays*, p. 291), “lutam energicamente contra toda mistura de raças e particularmente contra toda mistura de branco e de negro. Os negros nunca poderão ter o desenvolvimento

social e moral dos brancos. A experiencia historica, os estudos antropologicos, as estatisticas feitas na America, nas escolas, concorrem para prová-lo. Está estabelecido que o valor intellectual e a resistencia á molestia são muito mais inferiores no negro do que no branco. De onde se pode concluir que a raça branca perde sempre no cruzamento, enquanto que a negra ganha”.

Baseando-se nestes dados, Popenhoe (*Applied Eugenics*, pags. 280-97) estima que:

- 1.º — é de toda necessidade, no interesse da raça, impedir as misturas entre negros e brancos;
- 2.º — a opinião pública não é sufficiente em muitos casos para impedir esses casamentos, sendo então indispensavel que a lei intervenha;
- 3.º — não basta proibir os casamentos entre brancos e negros, tornando-se preciso que a lei puna toda relação sexual entre eles.

Depois do negro, foi para os Estados Unidos a imigração europea, que para lá acorreu muito mais intensamente do que para o sul. No norte, esperava-a o anglo-holandês selecionado, europeu puro sangue da mais extremada raça loura. De seu contato com as massas imigratorias resultaram mil problemas, que para a nacionalidade norte-americana são indigestos no cozimento do seu famoso “melting pot”. Entretanto, os norte-americanos se defendem. O terror de serem suplantados ou cairem em declinio reflete-se nas medidas da mais variada natureza que tomam. E esse terror é justificado pelas estatisticas levantadas por cientistas que pesquisam na sociologia, biologia, genetica, heredologia, etc.

Assim, de acôrdo com Crum, o número de filhos tidos por uma mulher norte-americana era:

de 1750 a 1799 . .	de 6,43;
de 1800 a 1849 . .	de 4,94;
de 1850 a 1869 . .	de 3,47;
de 1870 a 1879 . .	de 2,77.

Antes de 1700, a porcentagem de mulheres estereis não passava de 2 %; hoje, sobe a 20 %. Enquanto isso, os estrangeiros imigrantes apresentam um quadro de natalidade, que é na verdade para apavorar os norte-americanos de velha estirpe. Lud. Quessel nos oferece o seguinte quadro comparativo:

	Natalidade por mil habitantes	Mortalidade por mil habitantes	Saldo ou deficit
Norte-americanos da velha estirpe	16.4	17.2	-0.8
Escosseses . . .	40.3	15.7	24.6
Inglezes . . .	41.0	14.7	26.3
Irlandeses . . .	45.6	25.2	20.4
Alemães . . .	48.0	15.0	33.0
Judeus russos .	94.6	15.9	78.7
Italianos . . .	104.6	25.3	89.3

Os norte-americanos desaparecem, ao passo que os imigrantes, e principalmente os que são considerados mais indesejáveis, se multiplicam assombrosamente (Nissot, l. c., p. 176). o que motivou o livro de Madison Grant, que é como que o estertor agonico de uma gente que se vai e a chamada a postos para uma luta em que se prevê o fim de um dos contendores.

No sul esperava a onda imigratoria, vinda de várias matrizes etnicas, o iberico de pureza de sangue já quebrada pelo contato com o amerindio e o negro, de que resultou um mundo de condições para a constituição de novas nacionalidades. Nos Estados Unidos o preconceito fanatico do presbiteriano, do puritano, do nordico, mestre da doutrina egocentrica dos Gobineau, presidiu a constituição de um povo ás voltas com o problema derivado da impossibilidade de absorver tantos milhões de exóticos. Aqui, a base formada pela primeira camada sedimentária foi o catolico liberal, despido dos preconceitos oriundos da con-

ciencia. Tolerante, desfez os nodulos de africanos e com incrível rapidez absorveu as massas exóticas.

Os quadros cheios de luz que André Siegfried apresenta em *Les E'tats-Unis d'aujourd'hui* evocam os turbilhões heterogêneos que se desencadeavam na grande república norte-americana. Entre outros casos, Siegfried nos chama a atenção para o dos judeus (p. 23): "O caso dos judeus é extraordinário. Aparentemente a sua temperatura de fusão é muito baixa. Mas, passadas três gerações, a gente verifica que eles continuam heterogêneos, inassimilados. Como são três milhões no país, dos quais um milhão em Nova York, o problema é sério".

Cêrca de onze milhões de negros formam o corpo estranho, inaglutinavel e perturbador, ao lado de milhões e milhões de individuos de todos os credos, de todos os idiomas, desde o catolico irlandês ou italiano ao judeu, ao ortodoxo slavo, grego ou sirio.

5. Composição das populações paulistas

A gente que ocupa o territorio paulista é composta de muitas correntes nacionais que para aqui vieram em épocas diversas, aqui se encontrando como fatores de uma fórmula algebrica da qual há de surdir o paulista habitante dêste torrão brasileiro.

Antes do início da corrente imigratoria, que em 1888 veio substituir o braço escravo libertado pela lei de 13 de Maio, o que aqui havia era uma gente filiada ao tronco iberico, bem matizada de mistura intensa com o aborigena americano. Dessa mistura resultou o caboclo, que se foi apurando sem cessar no continuado cruzamento com o mesmo iberico, filete unico de imigração europeia que embora tenue nunca deixou de correr para São Paulo, nem mesmo quando o assucar do norte baiano e pernambucano ou o ouro dos centros mineradores nos vales do alto Rio Grande, do S. Francisco ou do Doce, atraíam para essas regiões imensas avalanches de lusos reinois. E a fusão facilima, pela baixa temperatura, exigida para o caldea-

mento absorver pelo material humano português, principalmente em relação a nós, foi aglutinando esses ibéricos, lançados no nosso planalto durante o grande lapso de 400 anos. Aos poucos eles iam perdendo, ao contato com os preexistentes, as características exóticas, produzindo massas nacionalizadas que se adensavam em uma mentalidade absolutamente brasileira e paulista, ao mesmo tempo que, segura e paulatinamente, europeizavam o cabloco, sucessor impavido, mas pacífico e acomodado, do belicoso, irrequeto e impetuoso mameluco dos dois primeiros séculos, dos quais provinha.

Foi esse mesmo caboclo (ainda bem tisonado de muito sangue americano na sua cor amarela, nos seus zigmos em proeminência, no seu pouco aparente sistema piloso e nos seus cabelos negros, duros e corredios) quem desbravou as nossas florestas, desvirginou nossos elementos naturais, penetrou triunfante no nosso hinterland bravio.

Os caboclos constituíram a guarda avançada, semi-barbárica, da civilização que se anunciava. Solitários, taciturnos, sobrios, indiferentes aos sofrimentos e às privações, resistentes às intempéries, magros e ossudos, quasi que por inteiro feitos de fibras e de músculos acobertando os angulosos e arestosos arcabouços, eram eles os machadeiros inegaláveis do homérico desbravamento. Trabalhavam de sol a sol. Neles não mordida a impertinente motuca, nem o insuportável borrachudo, cujos ferrões vorazes nada podiam contra aquela pele amarela e enrigecida como o couro da anta. Neles não picava a peçonhenta cascavel ou a fatídica urutú. E não os atemorizava o miado lugubre da sussuarana faminta ou o rilhar raivoso das queixadas. Eram insensíveis às maleitas, que dominavam com a fé nos benzimentos e com o ardor nas rezas e nas devoções, apesar da inação a que ficavam condenados. Nada lhes era obstáculo. Todos os impecilhos se amesquinham ante a sua visão fria e a sua vontade invencível. E assim avançavam infatigáveis.

Caboclos semi-barbaros, a quem os requintes das civilizações sibaritas não haviam entorpecido, foram eles que aplaiaram os caminhos ao negro escravo e, com êste, dirigidos pelos fazendeiros paulistas de alta estirpe, descendentes de bandeirantes, formaram a lavoura de café do nosso Oeste, a maior lavoura organizada do mundo, o maior cometimento agrícola do planeta, o maior repositório de energias rurais que se conhece na história humana, vencendo essa natureza de prodígio que empolgou a imaginação de Buckle. Sua mentalidade era positiva e acentuadamente brasileira. O Imperio unitario, com as suas provincias acorrentadas pelos elos dos partidos que se alternavam no poder, havia mantido bem coeso o país que Portugal nos legara como um colosso territorial, estendendo-se, nas zonas torrida e temperada, do Oyapock ao Prata.

Já lhes estudei a evolução bio-sociologica através de três séculos no meu livro *Raça de Gigantes*. Aí passei em revista, não só os fenomenos relativos ao três primeiros centenios da vida do homem no planalto paulista, como a formação e o desenvolvimento, anterior a 1888, dessas massas da nossa população.

Vejamos agora, de forma geral, quais as correntes nacionais que em diferentes épocas para cá se encaminharam e se foram sedimentando nesse alicerce basico da população paulista.

Segundo o *Relatorio da Secretaria da Agricultura de 1928*, recebemos desde 1827 as seguintes correntes:

<i>Individuos</i>			
Italianos . . .	930.735	ou	38.7 % do total de imigrantes
Espanhois. . .	378.286		15.7 %
Portugueses . . .	372.898		15.5 %
Brasileiros de outros Estados. .	230.731		9.5 %
Austriacos. . .	36.541		1.3 %
Diversos . . .	331.642		13.7 %
Não especificados	138.226		5.6 %
<hr/>			
Total . . .	2.418.057		100. %

Esses elementos vindos de além mar durante um século se foram sedimentando sobre os preexistentes, que eram em 1888 cerca de 1.350.000 indivíduos, descendentes dos que em 1827 não passavam de 258.901, segundo Saint-Hilaire. Como porém a imigração só tomou vulto a partir de 1888, data em que o escravo foi libertado e por isso exigiu um substituto, só devemos tomar em conta essa população de 1888. Além disso, não se pode confrontar o total dos imigrantes da lista acima, ou as porcentagens aí feitas, com esse da população preestabelecida em 1888, porque tais imigrantes vieram em épocas diferentes e a sua influência não deve ser determinada por critério tão simplista.

O assunto é deveras complexo e impossível determinação exata. Pode-se porém estabelecer um cálculo mais ou menos aproximado. Acredito que esses 930.000 italianos (dado que tivessem formado cerca de 400.000 casais, com uma média de 3.5 filhos por casal, portanto cerca de 1.400.000 indivíduos na segunda geração, que devem ser somados aos italianos que sobreviveram e aqui se fixaram e que eu calculo em cerca de 400.000, bem como a 1.000.000 de cruzados e indivíduos já da terceira geração dos primeiros imigrantes) acredito que tenham contribuído com cerca de 2.800.000 indivíduos de seu sangue para a nossa população atual de cerca de 7.200.000 almas, isto é, pouco mais de 1/3 ou ainda 38% do total.

Atentemos agora para a outra face do problema. São Paulo recebeu 930.735 italianos, mas muitos não se firmaram na nossa terra e outros se foram desta vida. Pelos dados referentes á mortalidade de italianos no Estado, calculo que temos atualmente 399.000 italianos, assim divididos quanto á sua localização:

	<i>Indivíduos</i>	
Na Capital. . .	104.000	ou 10.4 % da população
No Interior . .	295.000	5.9 %
	<hr/>	<hr/>
Total. . . .	399.000	6.6 % da população do Estado.

(Essas porcentagens são estabelecidas avaliando a população da Capital em 1.000.000 e a do Estado em 6.000.000 de almas.)

Deve ser esse o elemento italiano ainda entre nós. É possível que não o seja com exatidão absoluta, mas havendo erro não será grande.

Quanto ao elemento espanhol, calculo:

<i>Individuos</i>			
Na Capital.	. .	37.000	ou 3.7 % da população
No Interior	. .	100.000	2.0 %
<hr/>			
Total.	. . .	137.000	2.3 % da população do Estado

Vê-se por aí que o elemento espanhol é pouco mais de 1/3 do italiano.

Quanto ao português, faço o seguinte cálculo:

<i>Individuos</i>			
Na Capital.	. .	57.000	ou 5.7 % da população
No Interior	. .	110.000	2.2 %
<hr/>			
Total.	. . .	167.000	2.8 % da população do Estado

Os demais elementos estrangeiros pela sua insignificancia se tornam de difficil cálculo por esse sistema, pelo que me limito aos mais importantes.

Além dos elementos estrangeiros, que constituem forças divergentes e contrárias á brasilidade, temos tambem no nosso bojo ethnico uma corrente imigratoria muito importante composta de brasileiros originarios de outros Estados, os quais fazem força paralela ao elemento paulista em prol da nacionalização da nossa população.

Esses brasileiros são:

Individuos

Na Capital. . .	46.000	ou	4.6 % da população
No Interior . .	245.000		4.9 %
<hr/>			
Total. . . .	291.000		4.8 % da população do Estado

6. Processo da assimilação entre nós.

A assimilação se opera de duas maneiras distintas que, como duas forças agindo no mesmo sentido, se completam e se integram num unico objetivo: nacionalização da massa de exóticos. Essas forças são o cruzamento e a educação.

O cruzamento, como a propria palavra está indicando, consiste na ligação de dois individuos de estirpes diversas. Pode ser de estrangeiro com nacional, ou de estrangeiro com estrangeiro de estirpe diferente. O cruzamento de estrangeiro com nacional é o que produz mais resultados no sentido da assimilação, mas o cruzamento de uma estirpe estrangeira com outra tambem é de efeitos apreciaveis, uma vez que se conjuguem com os resultados emanados da educação.

O cruzamento de estrangeiro com nacional, a homogeneização de duas mentalidades diferentes, plasmando a exótica nos moldes da nacional, que acaba prevalecendo, é a força nacionalizadora que age no sentido de profundidade. Os seus resultados são os mais enraigados, os mais solidos e os mais eficientes, embora não possam ser tão extensos, como é de facil compreensão.

A educação (designação em que resumo as forças nacionalizadoras derivadas de toda a sorte de contato com o meio brasileiro, desde os folguedos infantis, o escotismo, a instrução, o serviço militar, as diversões, a imprensa, etc) age mais no sentido de extensão e menos no de profundidade. É claro que o filho de brasileiro ou brasileira se deixe empolgar muito mais por tudo quanto é do Brasil, do que o nascido de pais estrangeiros vindos em data recente.

O cruzamento representa a base, o alicerce, enquanto que a educação é a superestrutura, a parte da construção que mais aparece. O cruzamento, pode-se dizer, é o nucleo de célula, ao passo que a educação é o protoplasma.

Mesmo o cruzamento entre duas estirpes estrangeiras diferentes traz resultados apreciáveis para a nacionalização, porque as forças que elas representam se anulam, se quebram quando postas em confronto, aniquilando as resistências das mentalidades exóticas, para a abasileiração pela educação.

Cada uma das correntes imigratorias, não só age de maneira diversa no cruzamento, como oferece maior ou menor resistência no que se refere á educação. A princípio, elas não se misturavam entre nós, o que só vagarosamente, com o correr do tempo, se foi verificando e acentuando.

O seguinte quadro pode dar ideia do modo por que essa mistura vem se fazendo desde 1895, em S. Paulo, Santos, Campinas, Ribeirão Preto, S. Carlos, Guaratinguetá e Botucatú:

	<i>Casamentos entre brasileiros</i>	<i>Casamentos entre brasileiros e estrangeiros</i>	<i>Casamentos entre estrangeiros</i>
1895	27.9 %	9.2 %	62.9 %
1900	35.9 %	10.5 %	53.6 %
1905	32.9 %	16.8 %	50.3 %
1910	33.8 %	23.5 %	42.9 %
1915	41.1 %	26.4 %	32.5 %
1920	51.6 %	25.9 %	22.5 %
1925	57.1 %	22.9 %	20.0 %
1927	58.6 %	21.9 %	19.5 %

Neste último ano (1927), a estatística, relativamente a todo o Interior do Estado, consigna:

76.2 %

14.7 %

9.1 %

Esse quadro comparativo, pelo qual se pode acompanhar a marcha ascendente dos cruzamentos (uniões exogamicas) e dos casamentos dentro da propria estirpe por amixia, é com-

pletado pelo que se segue, relativo á matrícula nas escolas primárias oficiais:

	<i>Filhos de pais brasileiros</i>	<i>Filhos de pais estrangeiros</i>
Capital . . .	41.7 %	58.3 %
Interior . . .	60.7 %	39.3 %
Total do Es- tado . . .	<hr/> 55.9 %	<hr/> 44.1 %

(Anuario do Estado, 1926)

O quadro, reflexo de uma situação mais ou menos remota, é prenhe de ensinamentos. Remota, porque referindo-se aos filhos, de brasileiros e estrangeiros, já em idade escolar, representa o *statu quo* de uma epoca mais longinqua, no que respeita aos cruzamentos como aos casamentos dentro da mesma estirpe. Por ele se vê quanto o Interior é mais nacionalizador do que a Capital, onde os escolares filhos de estrangeiros são mais numerosos do que os filhos de nacionais.

Não é menos sugestivo o quadro relativo á natalidade nos três seguintes anos:

	<i>Filhos de pais nacionais</i>	<i>Filhos de pais estrangeiros</i>
1925 . . .	81.3 %	18.7 %
1926 . . .	81.8 %	18.2 %
1927 . . .	84.1 %	15.9 %

Por aí se verifica o aumento sempre acentuado dos nascimentos dos filhos de nacionais. Isso não quer dizer, porém, que vá aumentando o predomínio da camada preexistente á imigração sôbre os exóticos e seus descendentes. É preciso ter em vista que os filhos de imigrantes, nascidos em S. Paulo, já são brasileiros, de modo que a coluna dos nacionais aumenta á medida que a dos estrangeiros descrece, com a mortalidade dêstes e a diminuição das correntes imigratorias.

Vimos, de relance, como se processa em linhas gerais a assimiliação pelo cruzamento. Passemos a analisar, agora, cada um dos elementos que se foram integrando connosco na formação das populações paulistas.

(Continua)

ALFREDO ELLIS (JUNIOR)

A viagem a Napoles

I

Agora que lhe furtaram os dois dentes da frente, a vida vai perder seguramente todo o seu sabor. Belarmino mexeu-se agitado entre lençóis e enxugou uma lágrima. Já era tempo de Marceniria vir arrumar o quarto. — Anda daí preguiçoso! Espera um bocadinho que vou dizer a seu pai, já e já! — O pior é que vai chegando a hora de ir á escola e ele não se pode habituar a essa idea. Que dirão os colegas quando aparecer daquele jeito?

Belarmino custou a levantar-se porque tinha um lado todo dormente. A cadeira em que se apoiou deu um escorregão e quebrou uma perna. Ele quis endireitar, mas não havia mais remédio. E depois Marceniria tinha espiado da janela e vira tudo. Seus olhos parecia que queriam saltar do rosto. Sua pele côr de avelã foi embranquecendo a ponto de se confundir inteiramente com a parede do fundo. — Como é que você me faz uma coisa dessas, seu peste! Não sabe que foi nessa cadeira que nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo?

Belarmino deu um grito tão desesperado que a mãe dele veio correndo cheia de susto. — Não pense mais nisso, meu filho. Eu sei que a sua aflição é por causa dos dentes. Mas não se incomode, que ninguem há de caçoar com você. E é mesmo melhor assim, porque eles respeitarão sua cara e aposto como dentro de pouco tempo você irá para a divisão dos maiores.

Si quiser um bom conselho de mamãe, que só deseja o seu bem, leve para a escola um copo cheio de água e beba um gole de cinco em cinco minutos. Dêsse jeito, quando você chegar á Praça da Republica, os dentes estarão certamente crescidos. Mas cuidado para não entornar na roupa, pois não quero ninguém com veneno aqui em casa.

Emquanto sua mãe falava Belarmino observou nela qualquer coisa de extraordinario. A principio as palavras saiam naturalmente, mas logo depois os labios foram ficando parados. A ponta do nariz entrou a crescer de modo desmesurado, esforçando-se por chegar até a bôca. Os cabelos, de ordinario escuros, se foram alourando, tal e qual os de Dona Catarina Honorio. E até mesmo o vestido preto, com gola e punhos côr de creme era igualzinho ao da professora no dia da Festa da Bandeira. Belarmino teve vontade de rir, embora o fato, na verdade, nada tivesse de risivel. — Já são oito horas no relógio da sala disse ainda sua mãe, como si se tratasse de um acontecimento extraordinariamente importante. E abandonou o quarto com um profundo suspiro.

Agora já não era o medo dos professores, a falta de dentes que o desmoralizaria perante os colegas, não era nada disso o que afligia Belarmino. Ele nunca tinha ido ao Jardim da Aclimação, mas as palavras do Moacir ainda cantavam sedutoras em seus ouvidos. Como não admirar a coragem do irmão dêsse colega, cujas façanhas prodigiosas conquistavam merecidamente o respeito de todo o mundo? “É bastante que se pague mil e quinhentos á mulher dos botes e pode-se remar á vontade durante uma hora inteira. A principio é um pouco difficil para quem não sabe, mas tudo é questão de pulso. O principal está do outro lado”. “Um rinoceronte igualzinho ao que vem pintado na História Natural de F. T. D.” “O homem não tinha deixado o moço entrar na jaula dos leões mas o pai deu cinquenta contos e ele conseguiu tudo quanto queria. Logo ao comêço a fera soltou um enorme rugido, mas o Djalma

agarrrou-lhe as patas e com um peteleco conseguiu deitá-la. Foi coisa de alguns minutos”.

Emquanto Belarmino deleitava-se em recordar e imaginar as aventuras dos seus colegas e dos irmãos de seus colegas, uma mosca veio pousar-lhe na testa. Tentou agarrá-la, mas o bichinho impertinente era mais ligeiro e pôs-se a voar dali para a orelha, para o nariz, para o pescoço, sem fazer menção de retirar-se apesar do esforço desesperado que sua vítima empreendia para agarrá-la. Por fim, certamente fatigada dêsse exercício, voou sôbre a parede, bem diante dos olhos de Belarmino. Um sentimento de compaixão pelo pobre inseto impediu-o de matá-la como era ao comêço o seu proposito. Observou atentamente aquelas asas cobertas de nervuras quasi imperceptiveis e a parte que fica entre as asas, que não é preta como ele sempre julgara, mas cheia de risquinhos mais claros. A mosca dava alguns passos, esfregava uma na outra as patas da frente e tornava andar para repetir mais adeante aquela manobra.

Finalmente voou para os lados da janela e Belarmino perdeu-a de vista. — Não se esqueça de fazer suas orações da manhã! — disse a mãe da sala. Sua voz era hoje particularmente doce como sucedia todas as vezes em que desejava obter do filho qualquer coisa contra a vontade dele. Belarmino achava detestavel esse jeito de tratá-lo como a uma creança de cinco anos, mas desta vez sentia-se disposto a obedecer. Era uma especie de compensação prévia pelo terrivel pecado que ia cometer. Depois os seus sentimentos sempre tinham sido religiosos ao extremo, principalmente quando estava para realizar uma ação extraordinaria e perigosa. Ajoelhou-se de um salto, persignou-se cheio de fervor e disse contrito o “Padre Nosso”, a “Ave Maria”, o “Pelo sinal” e uma pequenina prece que tinha aprendido em pequeno e recitava todas as noites antes de se deitar.

*Oh Maria, minha Mãe!
Protegei e abençoi,*

*De todo o coração,
Vosso filhinho
Que vos ama,
Belarmino.*

II

Na rua sentiu a impressão de ser um conspirador. Uma coisa desagradavel subia-lhe do estomago. O mesmo esquisito mal estar que experimentara quando fumou escondido o primeiro cigarro, quando roubou a gilette do cunhado para raspar os cabelos da perna, ou quando subiu ao sótão da casa da rua Helvetia para ler os cartões postais que o avô guarda na mala grande. Marceniria diz que isso é a dor da consciencia.

Todos os transeuntes encaram-o com um olhar alarmado. Há tempo ele já observara que as pessoas desconhecidas têm qualquer coisa de comum. Agora elas apresentavam, além disso, um aspeto extraordinario, quasi assustador. Passam pelo seu caminho homens silenciosos, muitos deles barbados, que pelo modo de olhar fixamente dão a impressão de terem saído da Casa da Correção ou dos cartazes. De vez em quando essas visões parece que se dissipam momentaneamente e dão lugar então a figuras mais familiares, aspetos e fisionomias menos inacessiveis. Atrás dos platanos amarelados da rua Sabará quasi não se viam as casas guarneçadas de jardins. Duas raparigas, uma de branco e outra com um vestido verde de pintinhas amarelas, dão uma gargalhada. Acham graça, provavelmente, no seu ar desajeitado. Logo adeante, bem em sua frente, uma senhora jovem e elegante encontra-se com um rapaz de chapéu verde. Como se sentem felizes por esse encontro.

Ele tinha pensado nela precisamente agora. O que está fazendo por aquelas horas? O rapaz acende displicentemente um cigarro, deixa sair uma longa baforada e enquanto ela explica qualquer coisa excessivamente interessante, atira o fosforo no meio da rua. O pequeno colegial deve ter produzido alguma

curiosidade, porque a moça parou de repente sua explicação e o rapaz de chapéu verde pôs-se a falar-lhe tão baixinho que não se lhe podiam distinguir as palavras.

Por que motivo ninguém olha naturalmente para ele, si é um transeunte igual aos outros? Belarmino sente em si qualquer coisa que o diferencia, que o desmerece perante os outros, que faz dele um personagem particular e quasi extravagante. Sabe as esquisitices que pratica, muitas vezes sem mesmo reparar, e que ele proprio considera como um estigma humilhante. A mania que lhe vem certas vezes de contar os passos que dá desde casa até o bonde. Ou o habito de cobrir as orelhas quando se deita, de medo que alguém as venha puxar durante o sono. Agora mesmo dava-se, sem pensar, ao seu antigo costume de pisar só no meio de cada um dos quadrados de cimento marcados na calçada, sem tocar com os pés nos riscos. Isso torna-lhe o jeito de andar francamente extravagante, porque em vez de caminhar como os outros, como todo o mundo, dá ora passinhos minúsculos, ora verdadeiros saltos de extensão. Essa mania detestavel acentua-se ainda mais durante a noite, quando vem sózinho para casa e se supõe perseguido pelo demonio. Não é pois de admirar que chame a atenção dos passantes.

O mais grave é que essas esquisitices além do seu jeito desengonçado de fazer tudo, da dificuldade de ouvir, de entender e de se fazer entender com clareza, produziam, não raro, episódios grotescos e por vezes lamentaveis. Justamente agora toda essa grande inquietação que possuia Belarmino resultava principalmente de um desses episodios, ocorrido na vespera. Ao ser chamado pelo professor Dr. Zenon Cleantes de Oliveira para definir uma planta da familia das leguminosas, conseguiu dizer, depois de muito gaguejar:

— Como feijão.

A resposta do professor foi apenas um sinal para a mixórdia geral, que se engatilhara desde que Belarmino se pusera em pé:

— Sei muito bem que o senhor gosta de comer feijão, mas explique-se com maior clareza.

Seu companheiro Neiva aproveitou o momento para puxar a aba do paletó de Belarmino e fê-lo com tamanha violencia que o pobre caiu sentado no banco. As gargalhadas, os guinchos, os assobios e os gritos só tiveram um fim, quando entre risinho e severo, o professor Zenon exclamou, batendo com a regua sôbre a mesa:

— O Sr. Neiva para o canto!

III

Ele tinha bem na memoria a sala onde depois dessa cena, e sem saber porquê, foi trancado de castigo. Não havia ali nenhuma cadeira, de modo que seria forçado a ficar encostado em um canto durante todo o tempo. Além da porta e das duas janelas que ficavam do lado oposto, nada se destacava sôbre as paredes brancas, a não ser, em uma delas, o retrato de Tiradentes cercado de uma moldura de ouro. Por baixo do retrato cruzavam-se um ramo de cafeeiro e outro de tabaco, as duas principais produções agricolas do Brasil. No assoalho, ao centro, via-se um grande espaço mais claro que o resto. Certamente haviam tirado dali um tapete.

De repente, veio-lhe a idea de que atrás do retrato de Tiradentes devia haver qualquer coisa. Toda a questão era retirá-lo dali. Como estivesse em um lugar muito alto, Belarmino tomou algumas folhas de papel do bolso para lançar atrás do precioso retrato. Mas depois de umas duas tentativas sem resultado, a bola prendeu-se no cordão que o pendurava á parede. Era de todo impossivel retirá-la daquelle lugar. E, além disso, o quadro ficara entortado e todo o mundo acabaria descobrindo o autor dessa miseria. O fato era tanto mais grave quanto o patriotismo dos professores não podia admitir qualquer irreverencia, ainda que involuntaria, á figura do martir da Inconfidencia. Seria possivel remediar, talvez, esse mal, caso

Belarmino tivesse no bolso outros papeis com que fazer mais uma bola. E ainda nesse caso, quem sabe si a outra bola não ficaria junto com a primeira, contribuindo para que a desgraça fosse mais patente? Enquanto se entretinha nessas cogitações lembrou-se subitamente de um fato, que acabou por lançá-lo no maior desespero. Justamente naquele dia um dos seus colegas, o Pessoa, que era um rapaz alto e silencioso, com o rosto todo coberto de espinhas, passara-lhe por debaixo do banco, na sala de aula, um papel com desenhos representando um homem e uma mulher inteiramente nus, além de muitas outras indecencias. Si esse papel estivesse entre os que Belarmino jogara atrás do quadro? Na verdade não podia estar em outra parte. Belarmino teve então um grande medo e começou a chorar. Mas não havia tempo a perder e procurou em torno algum objeto que pudesse lançar atrás do quadro para deslocar a bola de papel. Desde o princípio pôs-se a pensar no relógio. Seria uma pena estragar atôa um objeto de estimação que, além do mais, ele recebera em um dia de aniversario. Mas raciocinou bem e viu que não se salvaria por outro jeito. Em casa era só dizer que o relógio havia caído durante o recreio, todo o mundo acabaria acreditando e mandariam concertá-lo. Assim mesmo, para que a queda não fosse muito violenta, Belarmino teve o cuidado de estender o paletó sôbre o assoalho, debaixo do quadro.

Mas, seja pelo receio de estragar demasiado o relógio, seja por qualquer outro motivo, não o jogou com muita energia e o resultado foi o mais desastroso que se possa imaginar. Em vez de ir para as costas do quadro o relógio bateu no vidro, que — Santo Deus! — se quebrou em uma porção de pedaços. Belarmino, palido de susto, mal pôde conter um grito. Viu que so lhe restava apanhar os cacos de vidro espalhados pelo chão. Mas justamente quando se preparava para agir, sentiu um ruído para os lados da porta e apenas teve tempo de vestir o paletó, colocar o relógio na algibeira e tentar compôr a fisionomia, para não lhe notarem a emoção e o desastre que a produzira.

Foi então que entrou solenemente na sala trazendo uma laranja em cada mão o professor Sr. Carvalho. Depois de dar alguns passos aparentemente sem perceber o resultado da imprudencia de Belarmino fez a êste um sinal para que se retirasse e ficou sózinho na sala.

Eis ai o que se passara naquela maldita tarde da vespera e continuava perseguindo o pobre colegial com tanta insistencia.

IV

Belarmino já respirava difficilmente quando deparou os portões do Jardim da Aclimação. Ainda tinha uns poucos niqueis no bolso, pois sua mãe o avisara de que os bondes estavam dando muita escarlatina e que, por isso, seria conveniente andar a pé. Agora só lhe restava sentar-se numa pedra e esperar pacientemente que as coisas tomassem seu verdadeiro rumo. Mas não havia nenhuma pedra e Belarmino estava tão cansado de andar, que chegou a cair, como um morto.

Então surgiu um transeunte desconhecido, que exclamou: — Levêmo-lo sem demora, pois muito se parece com o nosso Belarmino. (Ora tratava-se justamente de Belarmino mas o transeunte ainda não sabia). Depois deu ao colegial um copo cheio d'água e disse chamar-se Dicotiledoneo. O transeunte possuia bigodes espessos e opulentos, terminados em ponta, e que lhe davam, na verdade, um aspeto admiravel. Os enfeites e dourados do seu uniforme realçavam-lhe ainda mais o busto bem formado e os largos ombros. Os olhos desprendiam uma doçura singular, que oferecia acentuado contraste com o seu porte marcial. Comquanto jamais tivesse ouvido falar no nome pelo qual se anunciava o desconhecido, Belarmino viu logo que aquele bonito uniforme só podia pertencer a um personagem da mais alta importancia e merecedor de toda a boa fé. Deante dessa reflexão entrou a narrar-lhe toda a sua história, desde o princípio. Explicou detalhadamente o motivo pelo qual tivera receio de comparecer á Escola Modêlo e de que jeito,

atraído pela nomeada do Jardim da Aclimação, chegara áquelas paragens.

Depois de ouvir atentamente as palavras de Belarmino, Dicotiledoneo exclamou subitamente:

— Agora vamos ter a nossa casa. Nossa filha está a espera de que cheguemos para um grande almoço. Ela é aquela mesma Dona Leonor que você já conhece do collegio.

Belarmino aceitou sem resistencia essa proposta e os dois seguiram por uma rua estreita, que a julgar por todas as apparencias, deveria conduzi-los á residencia de Dicotiledoneo. Mas qual não foi o arrepio de Belarmino ao descobrir-se de repente na Praça da Republica bem defronte ao portão do collegio. Passado o susto, procurou desvencilhar-se de Dicotiledoneo, que sorria bondosamente. Mas essa resolução foi obstada pelo apparecimento de Dona Leonor. Depois de abraçar Belarmino uma porção de vezes, ela foi postar-se ao lado de Dicotiledoneo, seu pai. Este adquirira subitamente uma fisionomia tão severa e respeitavel, que já não era possivel fazer-lhe qualquer indagação. E assim dirigiram-se os três para os lados do Jardim da Infancia, dando a volta pela ala direita do edificio grande. Um protesto de Belarmino seria não só inconveniente, como tambem inutil. O braço de Dicotiledoneo, colocado como por um gesto displicente sobre os ombros, na verdade empurrava-o para a direção visada tornando infrutifero qualquer movimento de rebeldia.

Quando chegaram ao patio, como fosse hora do recreio, Belarmino encontrou logo á primeira vista uma cena que já lhe era familiar: o professor Carvalho divertindo-se em jogar peteca com os alunos do quarto anno.

Ao perceber o trio que se aproximava o Sr. Carvalho pôs-se a olhar furioso para Belarmino:

— Jovem! (foram suas palavras) Você cometeu um grave e hediondo crime, que depõe contra o bom nome desta casa de educação e, por isso mesmo, vou conduzi-lo, sem perda de tempo, ao Alto Tribunal da Escola. Fique desde já sabendo

que ali não há meias medidas nem condescendências. Timbrei sempre em ser correto e, até certo ponto, complacente para com os meus alunos. Mas seu ato encheu as medidas de minha longa paciência. Não há como perdoá-lo. Devo responder perante mim proprio e perante a boa fé dos pais que confiam os seus filhos á sabedoria e á experiencia proverbiais dêste seu creado. Orgulho-me de ter tido como discipulos um Tiradentes, um Benjamim Constant e sobretudo um Floriano Peixoto, estrêlas de primeira grandeza no céu sem nuvens da história patria. De modo que bem se pode dizer, como o poeta:

*Abaixai-vos herois do velho Mundo,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

E é por isso mesmo, por isso que quero formar cada um de vós á imagem sacrosanta dessas figuras insignes, que sou levado muitas vezes, como neste caso, até as últimas extremidades.

Os alunos ouviram esse discurso num silêncio religioso. O olhar de Dicotiledoneo perdera muito da doçura de pouco antes, mas via-se que esse homem tudo faria para ser agradável a Belarmino. Dona Leonor tinha começado a chorar copiosamente.

A cena modificou-se com o aparecimento de Dona Catarina Honório. Aproximou-se do grupo e reconhecendo Belarmino, a professora manifestou-se excessivamente irritada. E no instante em que todos olhavam para o alto por causa do aeroplano de Edú Chaves, chegou a puxar com tamanha violencia os cabelos de seu aluno, que ele sentiu vontade de gritar por socorro.

— Vem ou não vem? — exclamava. E supondo que ninguém reparava seu manejos, pôs-se a dar terriveis socos no pescoço, nas faces e sobretudo no ventre de Belarmino.

Mas Dona Leonor que assistia a esse espetáculo não pôde conter sua voz chorosa, mas energica.

— Os estatutos do collegio proíbem essas demonstrações, disse.

— Mas não proíbem menos que se atirem papeis obscenos atrás do retrato do Martir da Inconfidencia.

— A senhora mostra-se excessivamente zelosa.

Dicotiledoneo pareceu aprovar com um gesto de cabeça a intervenção de sua filha. As demais pessoas mantinham-se silenciosas.

— Vem ou não vem? falou de novo Dona Catarina Honório e sua voz agora era menos rispida. Anda — continuou — você vai ter uma conversazinha com os encarregados do Tribunal da Escola.

— Não vou — exclamou desta vez Belarmino creando coragem. Mas sua coragem não tardou a ser dissipada pelo olhar aterrorizado que lhe lançou Dona Leonor.

— Você verá si alguém pode resistir ás minhas ordens, falou Dona Catarina. (E ela tinha razão.)

Dito isso, agarrou na gola do paletó de Belarmino, conduziu-o em direção ao edificio, acompanhada do Sr. Carvalho, Dicotiledoneo, Dona Leonor e alguns alunos. Antes de entrarem no Tribunal, o Sr. Carvalho e Dicotiledoneo abotoaram os casacos e pentearam-se defronte do espelho do corredor.

A sala era precisamente a mesma em que Belarmino ficara de castigo no dia anterior. Mas desta vez um exquisito mobiliario, inumeras bendeirolas verde e amarelas e serpentinas com as mesmas côres, distribuidas profusamente por todos os lados, davam-lhe um aspeto particularmente festivo. Além disso, justamente no lugar onde Belarmino percebera na vespera um espaço mais claro, achava-se uma cama, onde repousava o Sr. Zenon.

Quando todos já se achavam dentro da sala, o professor Zenon sentou-se no meio da cama, ao mesmo tempo em que afastava o cortinado transparente e exclamava:

— A sessão está aberta!

Então todos os professores que já estavam na sala, bem

como os que entraram depois, puseram-se a falar ao mesmo tempo, de modo que ninguém podia perceber com nitidez o sentido de suas palavras. Dona Catarina Honório exigia expressamente que Belarmino fosse condenado a um suplício idêntico áquele que D. Maria I impusera ao Martir de Inconfidência, cujo retrato dominava o recinto. O próprio Sr. Zenon interveiu no debate para sugerir que antes de qualquer deliberação definitiva a mão de Belarmino fosse espalmada sobre a chapa ardente de um fogão, permanecendo ali durante cinco minutos. E tirou de sob o travesseiro uma folha de papel, coberta de desenhos obscenos, feitos a lapis de côr e subordinados a êste título: “Dicionario de gravuras”. Era o corpo de delito. Belarmino reconheceu prontamente a mesma folha que, num gesto imprudente, lançara, entre outras, atrás do quadro veneravel de Tiradentes. O papel passou de mão em mão, foi atentamente considerado por todos os professores, que proferiram exclamações indignadas, por Dicotiledoneo e finalmente por Dona Leonor que o colocou dentro da bolsa.

— Não! Já não posso mais! falou bruscamente o Sr. Zenon. Vou retirar-me dêste ambiente empestado. Vou lavar as mãos ... como Pilatos...

Seus cabelos fortemente anelados pareciam querer desmanchar-se sôbre os olhos, sôbre o rosto acobreado e mesmo sôbre o queixo, aquele seu queixo dividido em duas partes e que lhe dava um ar tão expressivo.

— Como? exclamaram os professores esboçando um gesto inutil, pois o Sr. Zenon já se sentara outra vez na cama. E depois de uma pausa, voltando-se para Belarmino dirigiu-lhe êste discurso:

— O seu ato é de qualquer maneira imperdoavel. Um jovem de sua idade, que leva os maus intintos ao ponto de desenharem semelhantes imundicies, deveria ser escarnecido pelos seus colegas, pisado pelos professores, cuspidado, enxovalhado, jogado fora, como se faz com qualquer coisa que não presta. Os

burros têm mais compostura, os animais do campo são menos ousados.

O curto silêncio que sucedeu a essas palavras foi interrompido por Dicotiledoneo, que, certamente para distrair a atenção dos presentes, propôs que Belarmino recitasse uma poesia. Todo o mundo pareceu aceitar com agrado a proposição de Dicotiledoneo. Foi então que Belarmino se pôs a dizer uns versos que começam assim: *São Paulo, terra de herois e berço de guerreiros. Tu és a estrêla mais brilhante e pura, o mais belo florão dos brasileiros!*

Mas aqui Dona Catarina, que detestava a probabilidade de Belarmino sair-se bem no recitativo, interrompeu-o dizendo:

— Vejam só que falta de entonação; que miseria de dicção. Dir-se-ia que ele esqueceu tudo quanto me canço de ensinar todos os dias. E querem ouvir mais? Até hoje ele não conseguiu aprender uma unica lição de História Natural. Quanto á Aritmetica não passou dos numeros primos. Ignora a existencia da prova dos nove. Jamais aprenderá a dividir numeros compostos de mais de dois algarismos.

— Mas talvez seja um aluno distinto em português... exclamou Dicotiledoneo.

— Distinto? É boa! Escreve nomes proprios com letra minuscula; não data nem assina suas provas... Querem uma amostra? E voltando-se para Belarmino: O que quer dizer anastrofe?

— É a figura de syntaxe, que consiste na...

— Bobo alegre! Ignorante! Que consiste propriamente...

— Que consiste propriamente na inversão dos termos, isto é, na descolocação pela anteposição ou posposição dos termos.

— Um exemplo! Anda! Não quero que os meus alunos decorem que nem papagaios! gritou Dona Catarina. Toda a sua fisionomia demonstrava uma grande impaciencia.

Mas Belarmino calava-se. Então Dona Catarina Honório vermelha de indignação, exclamou:

— Agora não é ignorancia sómente. É tambem teima e

capricho. O exemplo que sempre tenho ensinado é este: “Era naquele tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes”. Todos os seus colegas já conhecem essa frase, que é um exemplo admiravel.

— Pode ser que sim, pode ser que não! exclamou o Sr. Carvalho. Quanto a mim, acho preferivel a esse exemplo português, este outro do nosso genial Gonçalves de Magalhães: “E *em montes* alquebrado o *dorso* enruga”.

— De qualquer maneira, continuou Dona Catarina Honório, creio que a familia dêsse moço pensa que isto aqui é hospital de doentes mentais. Mas saiba ele que eu não nasci para enfermeira. Tenho mais que fazer.

— Realmente, disse então o Sr. Zenon. E depois de uma pausa, voltando-se para Belarmino: Veja que ninguem mais o defende, nem mesmo Dicotiledoneo. A propria Dona Leonor está calada! (Mas ela não estava calada, ela chorava).

— A julgar pelo desprezo com que trata os herois da história patria, imagino bem que não há de ser muito profundo em Geografia do Brasil, disse o Sr. Carvalho.

— Profundo? E Dona Catarina Honório deu uma gargalhada. Imagine que nem ao menos sabe quais são os portos de mar do Estado de São Paulo.

— Menino! exclamou o Sr. Zenon. Quais são os portos de mar do Estado de São Paulo?

— Ubatuba, São Sebastião, Santos, Iguape, Cananéia, respondeu Belarmino de um só folego.

— Isso ele aprendeu agora, disse Dona Catarina. E aprendeu mal pois faltam alguns portos e sobretudo falta a população de cada municipio. Além disso é um dos menos assíduos ás aulas. Ainda neste mês falhou quatro dias seguidos sem trazer justificação de ausencia. E voltando-se para Belarmino, gritou enfurecida: Vamos ver essa justificação que você prometeu para hoje?

Belarmino estava palido como cera. Sentia uma dor nos pulsos e no peito. Tinha a impressão de que o sufocavam. “Onde

está a justificação?” Essa pergunta lembrou-lhe a carta que ainda tinha guardada no bolso, a carta de justificação escrita há uma semana e que ele não tivera a coragem de entregar por causa de um grave êrro de gramatica. O que pensariam Dona Catarina e todos os professores e sobretudo os alunos quando soubessem que a mãe de Belarmino escrevia a palavra “esperança” com dois ss em lugar de um c cedilhado? E que o proprio nome da professora estava escrito no envelope sem *h*? Então veio-lhe uma nuvem aos olhos e o labio inferior começou a tremer.

O proprio Sr. Zenon pareceu comover-se um pouco com a confusão do pobre rapaz. Seus olhos fizeram-se pensativos e deixou cair sôbre uma das mãos o queixo, aquele queixo dividido em duas partes. Mas de repente ergueu-se ligeiramente e disse estas palavras terriveis:

— Sou certamente pela condenação.

Depois disso, parece que desejava falar mais alguma coisa, mas não chegou a dizer nenhuma palavra. Ouvindo de novo o ruido do aeroplano todos tinham corrido para as janelas. Então Belarmino pôde escutar uma voz muito doce que lhe cantava ao ouvido. Essa voz, que era a de Dona Leonor, dizia:

— Você naturalmente está condenado á morte. Mas não chore, que há um remédio. Fugamos.

— Fugir para onde? sussurrou Belarmino.

— Para Napoles.

E os dois sumiram. Antes disso, porém, Dona Catarina, tendo virado para trás e percebendo a manobra, pôs-se a gritar desesperadamente ao mesmo tempo em que lançava pedaços de giz na direção da porta.

V

Logo que se viram em lugar mais seguro, a distancia regular da Praça da República, os dois fugitivos começaram a sentir grande appetite. Já era tempo de repararem as fôrças.

Belarmino lembrando-se de que lhe restavam alguns niqueis fez sinal a D. Leonor para que o esperasse e entrou em uma casa de frutas afim de comprar de que se nutrirem. Infelizmente essa casa era muito mal sortida, pois só vendia mangas e nozes. E D. Leonor não comia nenhuma dessas frutas. As mangas por causa do excesso de fibras e porque ela tem as gengivas delicadas; as nozes porque fazem espinhas. Não havia outro remédio senão adiarem a realização de seu projeto.

Bruscamente veio aos dois a lembrança de que deveriam partir para Napoles e o mais depressa possível. Então Belarmino sugeriu que fossem á Repartição dos Correios onde melhor poderiam indagar do itinerario a seguir. Mas justamente quando se dispunham a procurar o dono da Repartição, Dona Leonor puxou-o pela manga do paletó:

— Não faça perguntas inuteis e arriscadas, disse. Isso poderia trazer-nos más consequencias. O que cumpre fazer é seguir o corredor até onde está aquella mão indicadora. Depois é virar á direita. Mas antes disso passe um lenço em seu chapéu, que está coberto de poeira.

Quando chegaram ao fim do corredor onde se via a mão indicadora, tiveram que atravessar ainda uma galeria e, finalmente, viram-se ante um soberbo jardim. No meio passava um grande rio. Os dois meteram-se em um bote, que parecia estar colocado ali propositalmente para a travessia e em dois tempos desembarcaram do outro lado.

— Agora estamos fora de perigo, disse Dona Leonor.

Belarmino tinha sua atenção distraída por uma casa enigmatica, com as venezianas pintadas de preto. Mas Dona Leonor disse-lhe que aquella casa era Napoles.

Uma grade de ferro com proporções gigantescas fechava a entrada dessa mansão estranha. Ao lado da grade encontravam-se diversas pessoas esperando certamente que a cidade se abrisse. Um senhor tirou o relógio e declarou:

— Só nos resta esperar que chegue o rebanho. Então poderemos penetrar, juntamente com os pastores.

Preocupado com as conversas que ouvia, Belarmino não deu pelo desaparecimento de Dona Leonor. Também ela voltou poucos minutos mais tarde e fez-lhe sinal para que a acompanhasse. Assim puseram-se os dois novamente a caminho, dessa vez como se fossem contornar a misteriosa mansão. Mas chegando aos fundos surgiu-lhes á vista uma especie de caramanchão coberto de trepadeiras, que mal disfarçavam uma segunda porta de ferro. Entraram. Essa porta dava acesso a uma velha escada, cujos degraus rangiam aos seus passos. Era a velhice e a humanidade, aliás claramente denunciadas pelo insuportavel cheiro de mofo desprendido de todos os cantos. Ninguém procuraria esse ambiente de boa vontade e o medo que se apoderara de Belarmino era apenas vencido por sua irresistivel curiosidade. A propria Dona Leonor, sempre decidida e corajosa, não parecia menos inquieta.

Finalmente chegaram a um corredor. A' direita e á esquerda, grandes portas, solidamente aferrolhadas, pareciam destinadas a occultar misterios inconfessaveis. Uma delas, entretanto, ofereceu menos resistencia aos empurrões de Belarmino e deixou ver uma fresta, através da qual era possivel distinguir-se suficientemente o interior. Mas o que o deixou francamente estupefacto foi perceber, sentado á grande mesa do centro, com as costas voltadas para a porta, um vulto de mulher, que um exame prolongado revelou tratar-se de sua propria mãe. Já se dispunha mesmo a ir beijá-la quando um gesto providencial de Dona Leonor deteve-o ainda a tempo. Mas seu espanto chegou ao cúmulo quando a companheira declarou-lhe com ar de misterio:

— E' o Imperador de Napoles.

Belarmino encarou-a alarmado, procurando descobrir si ela falava com seriedade, mas encontrou uma fisionomia preocupada e até receiosa. Quis protestar, teimou, opôs argumentos, mas acabou cedendo, sem palavra, vencido, contra todas as evidências.

Apesar do barulho que os efeitos dêsse equívoco poderiam ter produzido, o Imperador não pareceu dar pela presença de pessoas estranhas ali perto. Continuou sentado áquela mesa do centro, de costas para a porta, em atitude de profunda meditação. Os dois continuaram sua caminhada sem encontrar, assim, o menor obstaculo.

Não tardaram em chegar a um salão bem menor que o do Imperador, mas assim mesmo, bastante espaçoso. Um dos cantos era ocupado por um enorme piano de cauda. Um biombo japonês dissimulava, em outro canto, um canapé estragado, de onde partia um cheiro acre de suor e de percevejos. Um espelho partido reproduzia toscamente o semblante livido de Belarmino e o de sua companheira.

Lá fora, a noite já começava a apagar todas as coisas. Nem ao menos a luz de um lampeão manifestava qualquer tentativa de resistencia ás trevas invasoras.

Dona Leonor lembrou-se de que era necessario acender o gaz.

— Espere um momento — disse — vou pedir alguns palitos de fosforos ao Imperador. Será um pretexto para apresentar-lhe as nossas homenagens. E como Belarmino fizesse um gesto para acompanhá-la, disse com voz autoritaria: Não! Fique aqui mesmo. Ninguem lhe fará mal. E depois é muito feio um menino de doze anos com medo de ficar sózinho. Sente-se nesta cadeira de couro, que ainda pertenceu a Libero Badaró. Si estiver fatigado deite-se no canapé e cubra-se com aquele sobretudo que está pendurado á parede. Ouviu? E foi-se embora.

Mas Belarmino sentia, cada vez mais, o terror apoderando-se de seu espirito, e correu ao canapé afim de esconder as orelhas com o sobretudo. No meio daqueles moveis antigos, daquelle cheiro de mofo e de podridão, da escuridão, que era cada vez mais intensa, os menores incidentes, uma cortina, que o vento sacudia, o ranger do canapé, o reflexo da lua sobre o assoalho produziam nele movimentos convulsivos de pavor. Esteve a ponto de gritar por socorro. Mas foi detido por uma idea

absurda: a idea de que o meteriam vivo dentro de um buraco de ratos no rodapé, á cabeceira do sofá. A inverosimilhança de tal possibilidade tornou-se afinal bem patente, mas como esperasse a todo instante pelo regresso de Dona Leonor, dispôs-se a contar até cem, depois do quê gritaria com todas as fôrças que lhe restassem. Mas apenas tinha começado a contar, quando foi interrompido por um reflexo de luz e um rumor dos lados da porta e, logo depois, pelo aparecimento de Dona Leonor que trazia consigo um candieiro.

Isso restituiu-lhe a calma, embora não se mexesse do canapé. Dona Leonor, depois de acender o gaz, foi desmanchar os cabelos deante do espêlho. Finalmente aproximou-se sorridente de Belarmino e disse-lhe:

— Sabe de uma boa notícia? O Imperador manda dizer que podemos ficar á vontade durante toda a noite. E sentou-se a seu lado.

Os dois calaram-se. Naquela penumbra, que a meia luz do gaz não dissipava inteiramente, a figura de sua amiga, com os cabelos negros desmanchados sôbre o vestido azul, pareceu-lhe ainda mais bonita. Então Belarmino arriscou timidamente a questão que o atormentava desde algum tempo:

— Ficaremos os dois aqui... toda a noite?

— E porque não?

Ela sorria, mas de um sorriso visivelmente forçado como se simulasse uma grande surpresa. Houve um novo silêncio.

— Ainda está cansado?

— Alguma coisa. Posso dizer que já me sinto bem.

Dona Leonor deixou-se escorregar ao lado dele. Agora sorria novamente. O mesmo sorriso um pouco embaraçado de há pouco. Belarmino sentia uma agitação estranha. Sua respiração era irregular. Ao mesmo tempo, a presença da companheira enchia-lhe de sentimentos agradáveis, de um torpor magico que lhe invadia o corpo todo. E estava tão satisfeito que a beijou entre os dois olhos, pois gostava muito dela.

E então, como fosse tempo de dormirem, Dona Leonor começou a despir-se rapidamente. Belarmino não ousava fazer o mesmo e considerava com curiosidade os gestos de sua companheira. Mas quando os olhos dela o procuravam, ele fingia olhar para o teto:

— O que é isso? Está com vergonha? exclamou ela sorrindo. Faça o mesmo que eu. A porta está fechada e ninguém nos vê.

Enquanto dizia isso, acabou de se despir. Belarmino não pôde esconder o espanto que lhe produzia o corpo de dona Leonor. Seus olhos diziam muito bem o que a confusão dos sentimentos o impedia de exprimir com a voz.

Não era certamente imaginação. Ele via com nitidez o perfil de Dona Leonor com o seu vestido azul, que ela vestira em um dos momentos de descanso, com os seus grandes olhos risonhos, com suas ligas, suas coxas. E era ela, ela mesma quem o impelia com tamanha insistencia para dentro do buraco de rato. E si tudo aquilo fosse jogo de imaginação, bastaria a angustia em que se achava para ser chamado á realidade. O salão era o mesmo, com os seus moveis antigos, com o espelho quebrado, a cadeira que pertencera a Libero Badaró. As janelas olhavam o mau tempo lá fora. Ouvia-se mesmo o barulho das gotas de chuva, que tinham começado a cair. Entretanto ele suportaria melhor a idea de passar ali a noite toda a sua vida, do que a de ser obrigado daí por diante a viver naquele buraco horroroso. Lá dentro haveria com certeza um outro mundo, calculado de proposito para os ratos e para os individuos da especie dele, Belarmino. Um mundo monotono e tenebroso que se pode imaginar cheio de tudo quanto é desagradavel, de bancos, de carteiras, de professores, e sobretudo de colegiais. Novo impulso de Dona Leonor distraiu-o dessas imaginações.

— Não! Não! Não quero!

Ele ainda teve tempo de ver o vestido azul desaparecendo na claridade, lá fora.

Depois percebeu, enfim, que lhe seria inutil gritar, esten-

deu ainda os braços para habituar-se ao terreno, para reconhecer esse mundo lamentavel onde, quisesse ou não, seria forçado a viver, daí por diante, bem ao lado dele, uma coisa mole, repugnante, humida, cedia e retraia-se aos seus menores movimentos. Imaginou-se invadido pelos vermes, pelos ratos, por toda sorte de imundicies. O seu lado direito, que se apoiava contra o solo, parecia cheio de formigas, que passeavam por ele de modo intoleravel. Lá de fora, a voz de Dona Leonor parecia dizer que tudo aquilo era residuo de café.

Um estremecimento passou-lhe pelo corpo. Procurou escutar:

— Café, exclamava de novo a voz lá fora.

Mais um absurdo! Seus pensamentos pareciam-lhe, aliás, bastante confusos. A figura de Dona Leonor já surgia em sua imaginação estranhamente associada á da copeira Marceniria.

Belarmino fechou os olhos um momento, num esforço decidido para não pensar, para esquecer todas as impressões boas ou más, que vivera naquele dia. Depois disso tomaria animo para enfrentar o novo modo de existencia. Foi então que um novo empurrão, não se sabe de onde, veio sacudí-lo dêsse entorpecimento.

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

Cronica

Perspetivas

1. Uma acusação injusta.

De Paris, onde se encontra em função diplomatica, o sr. Ronald de Carvalho enviou a um jornal carioca uma página do mais fino trabalho literario em que comenta as tendencias da jovem literatura francesa, dessa “classe de 1930” que — diz êle, apoiado na opinião do sr. Gérin-Ricard — não acredita mais em André Gide nem no que o escritor brasileiro chama a “teoria da inquietação”. Toda a cronica em questão é repassada da subtilissima ironia em que o autor dos *Epigramas* é eximio. E a nota sentimental aparece, sem excluir a ironia, quando o sr. Ronald de Carvalho, confessando-se em desacôrdo com a opinião que transcreve, como “irremediavel passadista do tempo do cubismo, de Marie Laurencin, de Léger e de Cocteau”, pergunta pela nossa geração de 1930 e prevendo uma resposta desanimadora, conclúi: “Não seria preferivel que a nossa fé literaria fosse menos inabalavel e fetichista? Na França já se não acredita em André Gide. No Brasil ainda morremos pelos *Direitos do Homem* e pelas redondilhas de Sá de Miranda”.

O fenomeno seria de fato impressionante. Mas inclino-me a não vêr nessa frase mais do que a eloquente expressão de um momento de lirismo. Não consigo distinguir entre os escritores brasileiros quais os que morrem por qualquer dos dois ideais que, num traço de mestre da caricatura, o sr. Ronald de Carvalho associou. Aliás, não se deve mesmo procurar para aquelas palavras uma correspondencia real. O sr. Ronald de Carvalho só pela poesia entra em contacto com a

realidade. Quando nos fala em prosa, como comentador de ideas, é um hábito seu surpreender-nos saindo pela janela, como por distração, para mover-se no ar com a facilidade e a elegancia que lhe são proprias e em tais circunstancias assinalam no paciente a misteriosa presença da poesia. Aquela frase é poesia e a si mesma se satisfaz.

Si assim não fosse, poderíamos legitimamente espantar-nos. A que sintomas teria o sr. Ronald de Carvalho reconhecido na nossa geração de 1930 a fidelidade a uma idea e a uma forma literaria que lhe parecem hoje igualmente descabidas? Como diagnosticar num escritor a “fé inabalavel e fetichista” nos Direitos do Homem? Os que, entre nós, se têm definido em face dessa questão, não são numerosos e escapam quasi sempre á categoria dos que poderiam constituir uma geração literaria.

Restar-nos-ia ainda a acusação de tardos: enquanto a França muda de ideas e de mestres de geração a geração, nós no Brasil permanecemos fieis ao classicismo literario e ao romantismo político. O sr. Ronald de Carvalho que aplaude a variação, tem por lamentavel mais esse aspeto da inercia nacional. E’ que a seu vêr não há boas nem más ideas, teorias certas ou erradas; mas ideas e teorias novas ou velhas, por exemplo, as de 1914 e as de 1930. Si uma geração se bateu pelos Direitos do Homem, o natural é que eles aborreçam á geração seguinte. Quanto mais ás que se estão formando quasi seculo e meio depois da respetiva declaração!

Ainda neste ponto a acusação não seria inteiramente justa. Todas as literaturas apresentam forçosamente a coexistencia de fôrças que a trabalham no sentido da variação e de resistencias que se opõem a essas fôrças, resistencias que elas precisam vencer para poderem predominar. O que importa, portanto, na vida intelectual de um povo, do ponto de vista da novidade e da substituição de suas tendencias, não podem ser as suas manifestações de constancia, e sim a existencia de uma fôrça qualquer, tomada como indice de variação provavel. De sorte que a injustiça da acusação contida naquele sumario “paralelo entre a França e o Brasil” consistiria em, no caso francês, considerar-se apenas uma tendencia á variação, desprezadas as resistencias; e no brasileiro, ao contrário, apenas considerar as resistencias, desprezando qualquer probabilidade de variação.

Vejamos si não é bem isso. Na França existe o sr. André Gide, que até há pouco exercia uma vasta e profunda influên-

cia intelectual. A variação observada pelo sr. Ronald de Carvalho se traduz numa reação contra essa influência ou no seu abandono. Mas será esse um movimento geral da literatura francesa? Não. Lá existe ainda um grupo de gidianos e um grande numero de escritores que confessadamente ou não, devem o melhor de seus livros á influência das *Nourritures terrestres* ou de *La porte étroite*. Lá existe um grande número de escritores que sempre se conservaram refratarios a essa influência e sempre a combateram, isto é, homens para quem a obra de Gide ainda é inaceitavel e perigosa, que a consideram do passado para o futuro, e que podem existir mesmo entre os da geração de 1930. Pois bem: o sr. Ronald de Carvalho despreza todas essas resistencias. E tomando em consideração tão sómente o sr. Gerin-Ricard, proclama: “Na França já se não acredita em André Gide”.

Si assim se procedeu em relação á literatura francesa, assim se deveria proceder em relação á literatura brasileira. E isso nos levaria a uma verdade diferente da que o sr. Ronald de Carvalho enunciou. Afirmando que “no Brasil ainda morremos pelos Direitos do Homem e pelas redondilhas de Sá de Miranda”, é de toda evidência que o sr. Ronald de Carvalho desprezou desta vez todos os indices de variação. Assim é que o proprio sr. Ronald de Carvalho, por exemplo, não morre pelos direitos do homem: a sua frase é prova bastante disso. E si acabamos de tomar como padrão de toda a literatura francesa ao sr. Gérin-Ricard, porque não fazer outro tanto no Brasil, com um Ronald de Carvalho? Ora, o sr. Ronald de Carvalho pertence precisamente á nossa geração de 1914. Logo, podemos concluir com absoluta segurança que em 1914 no Brasil “já se não morria pelos Direitos do Homem”. De sorte que si a nossa geração de 1930 voltar a crêr nesses direitos, estará, mais uma vez, mudando, reagindo, como a francesa, contra as que a antecederam, merecendo o louvor dos que, como o sr. Ronald de Carvalho, são pela variação qualquer que ela seja, e contra a inercia. Tudo isso, quanto aos Direitos do Homem. Já o caso das redondilhas é muito mais difficil.

2. Pela limitação da nossa zona de progresso.

Anda-se outra vez falando muito na Fordlandia, nome atual de uma extensa região do Pará. Ilustres visitantes que lá foram maravilhar-se, não têm escondido o seu deslumbramento.

Os americanos tudo sanearam, organizaram, disciplinaram. Tudo, e até mesmo o homem, animal tão difícil. O sistema adotado, celebre no mundo inteiro, mais uma vez funcionou a contento. Assim é que ali não há desequilíbrios e reina a justiça: cada um é tratado segundo o seu merecimento. Os salarios são elevados. E aos trabalhadores se assegura higiene, assistencia, instrução.

Não param aí os nossos proveitos. Os americanos que lá se instalaram afim de racionalizar a industria da borracha, apenas encontraram seringais nativos, perdidos na natural desordem da floresta. E nada se podendo construir racionalmente sobre o imprevisto e a surpresa, os americanos, dizem, sem hesitação meteram hombros á ardua tarefa de corrigir o mato. Para isso, separadas as arvores produtivas, atearam fogo ás outras, arrazando a floresta. Um viveiro de centenas de milhares de pés prepara desde já as reservas que substituirão as centenas de milhares de arvores queimadas, e fornecirão a materia prima indispensavel ás fábricas de Detroit. Serão plantadas a 7 metros umas das outras formando alamedas a que não será estranho o nosso conforto urbano e onde poderemos passear, seguros e tranquilos, como na Avenida Central.

No que diz respeito ás queimadas, admito que a narração se equivoque: na propria descrição da obra das labaredas, há uma referencia indiscreta á do "machado civilizador". E entre o fogo e o machado, quero antes crêr neste último. Além disso, americanos queimando madeiras do Pará? Daí, quem sabe si me engano e si já lhes chegou a fama de certos combustiveis que usamos, como por exemplo o café, que tambem tem sido empregado em algumas obras de atêrro. Por uma ou por outra forma, lá se vai a floresta amazonica. Em compensação, acenam-nos com um parque magestoso, proprio para "garden-parties". A' investida do sul reune-se, pois, a do norte, E dia virá em que será realidade o sonho de alguns poetas e economistas: o Brasil com a capital em Goiaz, ligada a todos os pontos importantes do litoral por estradas de ferro e de rodagem que o cortarão em todos os sentidos e a cuja margem brotarão e florecerão indústrias e cidades. A bem dizer, toda essa imensidão será quasi uma só cidade, com os breves intervalos devidos ás vacas, aos legumes e aos jardins ingleses. Que o homem moderno preza a sua higiene e quer tambem o seu bocado de ar livre, que é para os pulmõezinhos se desforrarem dos escritorios e das oficinas.

Tudo indica que essa construção tende a mais ou menos se realizar. Assim se comprovará o que talvez seja uma constante da nossa história: o desenvolvimento em superfície, como por sucessivos derramamentos. Esta tendencia e aquelas realizações, que se diria fossem inconciliaveis, hão de acabar compondo-se, não sabemos com que consequencias. Mas é provavel que não nos reconheceríamos nesse Brasil por vir.

De minha parte, não é sem inquietação, sem uma certa angústia que procuro antever tão grandioso futuro. Queria antes que nos deixassem o nosso insubstituivel recurso do sertão e do mato virgem. Que o nosso desenvolvimento se processasse em profundez e em densidade. Que se limitasse, em suma, a nossa zona de progresso. Imagino uma lei que como as cartas regias mandasse traçar no mapa a tantas leguas de distância, uma paralela á linha da costa. E que nessa faixa se soltassem os dinamicos e se fizesse o progresso. Mas da divisa em diante, nada de dinamismo. Que nos deixassem, embora com os nossos males e com a nossa admiravel preguiça, no cenario que nos é propício, de onde surgiria mais tarde, de outras origens e com outras bases, a esplendida civilização que o machado anda convidando ao abôrto.

PEDRO DANTAS

E t n o g r a f i a

Superstições do povo paulista (*)

II. O HOMEM - Infancia

e) — INIMIGOS DAS CRENÇAS

21. Os garotos paulistas e certamente também os de outros Estados do Brasil, têm, durante os primeiros anos de sua vida, varios inimigos perfeitamente gratuitos, como sejam a **cuca**, o **papão**, o **lobishomem**, o **sacé** e outros. Todos esses genios malfazejos se comprazem em transformar a vidinha de nossos meninos num verdadeiro inferno. A **cuca** e o **papão** roubam as creanças para devorá-las; o **lobishomem** procura surpreendê-las a jeito para chupar-lhes o sangue, e o **sacé-pererê** perturba-lhes o sono fazendo mil estrepolias.

Essas figuras de nossa mitologia são bastante conhecidas, e não é meu intuito estender-me em considerações sobre elas, o que, de certa maneira, se afastaria do objetivo dêste ensaio. A **cuca** e o **papão** merecem, todavia, menção especial, pois dos entes sobrenaturais acima citados são os únicos que se dedicam apenas a perseguir as creanças; os outros procuram também atrapalhar a vida do Homem em todas as suas etapas.

As **cucas** são bruxas que o sr. Leoncio de Oliveira (1) descreve como

“velhas e fantasticas harpias, estri-
ges famélicas que se ajudam de bons
vinhos e sugam á noite o sangue ás
crianças não batisadas”. Para livrar
os nenês de tão triste sorte, costumam as mães, acrescenta o mesmo escritor, “trazer a vela acesa a noite toda e sob o leito do filho uma tesoura aberta em forma de cruz”.

Em Portugal, de onde a crença nas **cucas** deve ser proveniente, usa-se também a tesoura para evitar que as bruxas se aproximem dos berços, e juntam-se ao instrumento ramos de arruda e alecrim (2).

O **bicho papão**, ou simplesmente o **papão**, é o correspondente masculino da **cuca** e, para afugentá-lo, cantam as mães ou amas, ao embalarem as creanças:

Sái, bicho papão,
de cima do telhado!
Deixa o menino
dormir sossegado.

Em Portugal a quadra é conhecida. Refere-se, porém, á **cuca**, que é chamada **côca**, e ao invés de se ordenar ao genio indesejavel que **sáia de ci-**

(1) L. de Oliveira — **Vida Roceira**, pags. 16-17.

(2) Alm. de Lembr., 1856, p. 271, apud L. de Vasconcellos, Trad. Pop. de Portugal, p. 204.

(*) Vêr n.º 3.

ma do telhado, ele é, pelo contrário, mandado para lá. E' a seguinte a versão portuguesa de nossa quadra:

Vai-te Côca, vai-te Côca,
para cima do telhado,
deixa dormir o menino
um soninho descançado. (3)

Essa quadra, com quasi todo o seu lusitanismo, é conhecida em Minas. E' o que nos conta Amadeu Amaral em seu "Dialeto Caipira", juntamente com outras cousas de interesse para o caso. Transcrevo, a seguir, o verbete **Cuca**, do glossario que constitui uma das partes daquele livro:

"**Cuca**, s. f. —, entidade fantástica com que se mete medo ás criancinhas:

Durma, meu bemzinho,
que a cuca j'ei vem —

diz uma cantiga de adormecer. Por extensão, entre adultos, ameaça, atos destinados a atemorizar: "Eu cá não tenho medo de cucas!" A palavra e a superstição, esta quasi de todo delida já em S. Paulo, existem espalhadas pelo Brasil. Num dos seus contos goiaños, escreveu Carvalho Ramos: "Ah, sim, a bruxa... Essa, de certo, levou-a o "**Cuca**", num pé de vento, á hora da meia noite..." Em Pernambuco, significa mulher velha e feia, espécie de feiticeira, e é tambem o mesmo que "**quicuca**", "**tituca**", rôlo de mato (Garcia de Rezende). Beau-repaire-Rohan regista as variantes "**corica**", "**curuca**", "**curumba**", das terras do Norte. A **cuca** paulista é em tudo semelhante ao vago "**papão**" luso-brasileiro, ao "**bicho**" e ao "**tutú**" de varios Estados, ao "**negro velho**" de Minas. Diz uma quadrinha popular portuguesa citada por Gonçalves Viana (**Palestras Filológicas**):

Vai-te "**papão**", vai-te embora
de cima dêsse telhado,
deixa dormir o menino
um soninho descançado.

Diz uma quadrinha mineira, visivelmente aparentada com a precedente:

Olha o "**negro velho**"
em cima do telhado.
Ele está dizendo,
quer o menino assado.

Outra ainda mais próxima da portuguesa, e tambem de Minas (citada como a primeira por Lindolfo Gomes):

Vai-te, "**Cóca**", sai d'aqui
para cima do telhado:
deixa dormir o menino
o seu sono sossegado.

Vê-se dêsse êxemplo que em Minas se diz "**cóca**". As fórmulas portuguesas são "**côca**" e "**côco**". Na procissão de Passos, em Portimão, havia um individuo vestido de túnica cinzenta e coberto com um capuz, a quem chamavam "**côca**" (Leite de Vasconcelos, segundo Lindolfo Gomes). A essa figura correspondia nas antigas procissões do Entêrro, em Minas (L. Gomes), e na dos Passos, em S. Paulo, o "**farricôco**". Lê-se no "S. Paulo antigo": "Adeante dessa solenissima procissão era costume, parece que até o ano de 1856, ir o pregoeiro, chamado **Farricôco** ou a **Morte** — vestido de uma camisola de pano de côr preta, tendo na cabeça um capuz do mesmo pano, que lhe cobria o rosto, com dois buracos nos olhos, e lhe caía sôbre o peito... sendo que as crianças, ao avistarem êsse feio personagem, ficavam apavoradas, pois umas choravam e outras tapavam com as mãos os seus olhos". Em Espanha há "**coca**", serpente de papelão que, na Galiza e outras provincias, sai no dia de "Corpus Christi"; ha tambem "**mala cuca**", malicioso, de má indole. G. Viana (Pal.) refere-se ainda a uma pal. cast. "**côco**", entidade fantástica, que se julga habituada a devorar

(3) L. de Vasc., o. c., p. 208.

crianças humanas, como o “papão”. A sinonimia entre “papão” e “côco” ou “côca” está estabelecida no seguinte distico das “Orações academicas” de frei Simão, citado por G. Viana:

O melhor poeta um “côco”,
o melhor vate um “papão”.

“Côco” encontra-se ainda em Gil Vicente, no “Auto da Barca do Purgatorio”, onde parece indicar o diabo:

Mãe, o “côco” está ali.

Braz da Costa Rubim parece que dava a “côco” a significação geral de entidade fantástica; definindo “bitu”, chama-lhe — “côco para meter medo ás crianças”, e define identicamente “boitatá”.

Amadeu Amaral dá-nos no trecho acima transcrito, os dois primeiros versos de uma cantiga de ninar (“acalanto” — diz-se no Norte). São eles:

Durma, meu bemzinho,
que a **cuca** j’ei vem.

Os versos restantes, muito comuns em S. Paulo são os seguintes:

Papai foi na roça,
mamãe logo vem.

Ha outras quadrinhas em que a **cuca** aparece, como por exemplo:

Dorme, nenê,
que a **cuca** vem **pegá**.
Papai foi na roça,
mamãe volta já.

Numa variante, o último verso é substituído por este: “**Mamãe no cafésá**”.

22. Como se esses fabulosos perseguidores, em cuja existencia ainda ha muito quem acredite, não bastassem

para inundar de terror a almazinha de nossos patricios de palmo e meio, contam estes ainda com varios outros inimigos não menos rancorosos que os precedentes. Afirmam, por exemplo, os caipiras que os **turcos** comem creanças. **Turcos** são chamados geralmente, no interior, os mascates estrangeiros, sem que se cogite muito da nacionalidade dos mesmos. As ciganas e principalmente as ciganas loucas participam com os turcos da pouco invejavel fama de devoradores de creanças (4).

A gente miúda tem, ou pelo menos tinha ao tempo de minha infancia, não muito longinquo ainda, um terror sagrado das ciganas que vão de porta em porta dizendo a **buena dicha**. Isso se explica como tambem o fato das creanças recearem os soldados, pelo costume que têm as mães de incutir propositadamente esse medo nos meninos, para que não queiram brincar na rua.

23. Vê-se, pois, que além dos inimigos mitologicos tem a creança que se defender dos humanos. E o mais curioso é que entre estes ultimos deve ela recear aqueles mesmos que admiram ou invejam sua beleza e saúde. E isso, porque uma creança gorda, forte, bonita, respirando saúde, pode tornar-se, de um dia para outro, magra, feia, triste e doente. Deante de um caso dêsses, pergunta-se espantado:

— Que teria provocado tão extraordinaria mudança?

Os pais explicam desolados: — Foi **quebranto** — que puzeram nela...

Coisa terrivel, o **quebranto**! Basta que uma pessoa desejosa de ter um filho gordo e bonito olhe para uma creança nessas condições e sinta-se intimamente triste por não lhe ter sido concedida tal felicidade, para que dentro em pouco o menino invejado feneça e se desfigure. E’ por esse mo-

(4) “O Saci-Perêrê” — Resultado de um inquerito — S. Paulo, 19..., Depoimento do sr. J. Ayres, p. 249.

tivo que muitos pais não ficam satisfeitos ao ouvir grandes elogios á beleza dos seus rebentos.

Creio que essa superstição é conhecida em todo o Brasil, mas a pobreza de nossa bibliografia folclórica não me permite afirmá-lo. Em Pernambuco ela é corrente (5).

Para evitar o **quebranto** coloca-se uma **figa** ao pescoço das creancinhas.

Na antiguidade classica já se temiam os funestos efeitos do **mau olhado**.

Diz o folclorista italiano G. Franceschi: "Gregos e romanos acreditaram piamente no fascínio, e Demócrito em vão andou procurando as origens de tal crença "assás difusa, principalmente entre os mediterraneos", ao passo que Aristoteles não julgou inverosimil que o influxo irradiante do olhar de algumas pessoas pudesse provocar funesta perturbação no corpo e na mente dos fascinados (6)."

Segundo o mesmo autor, os etruscos usavam a **figa**, que ele descreve como "ua mão fechada, com o polegar colocado entre o indicador e o medio, tal qual como aquelas átualmente em uso na Italia e na Espanha para os lactantes". (7) — Os hindús "não gostam de ser vistos quando comem, nem de verem os seus filhos olhados ou louvados" (8). A crença no **mau olhado** foi registada ainda entre os sicilianos (9); os ingleses (10); os indigenas chibchas de Terra Firme (Venezuela e Colombia) e entre o povoinho das cidades do Ocidente da Venezuela (11).

(5) Per. da Costa, *Folk-Lore Pernambucano*, p. 104

(6) G. Franceschi, *Superstizione*, Milão, 1914, p. 30.

(7) Idem, idem, p. 33.

(8) Id., ibidem, p. 163.

(9) G. Pitré, *Usi, costumi, credenze e pregiudizi del popolo siciliano*, Palermo, 1889, II, pgs. 177-179 apud Sébillot, *El paganismo contemporaneo*, p. 59.

(10) G. Franceschi, op. cit., p. 163.

(11) Julio C. Salas, *Etnologia e historia de tierra Firme*, Madrid s. d., p. 153.

Assinalo a existencia dessa superstição entre os povos acima citados, a titulo de méra curiosidade, pois a referida crendice é indubitavelmente universal.

24. Há uma cantiga paulista que, se não me engano, começa com os seguintes versos:

Sapo cururú,
de ao pé do murundú...

(parece dizer-se também: "da beira do rio")

Não me recordo dos versos subsequentes. Existe, porém, uma variante mineira dessa cantiga, citada pelo sr. Felício dos Santos (12), em nota ao livro *A Tribu dos Boróros*, do Pe. Colbacchini, traduzido por esse patricio. Diz a referida variante:

Bacururu
lá de ao pé do murundu,
vem buscar menino
que não quer dormir.

Bacururu pode ser uma corruptela de **sapo cururú**, mas não é impossível que se trate de uma palavra indígena, como sugere o sr. Felício dos Santos. De qualquer maneira é um ente mitológico, creado para meter medo ás creanças desobedientes.

25. Para encerrar esta serie de desafeitos dos petizes é preciso falar ainda de um tal **dedo mindinho**, grande intrometido e mexeriqueiro que se encarrega de contar aos mais velhos tudo quanto fazem os meninos. Um vaso quebrado, um doce comido fora de horas e ás escondidas, uma nota má na escola — tudo o terrível **dedo mindinho** sabe imediatamente; de tudo está ao par, e tudo transmite, sem perda de tempo, á mamãe ou ao papai. A's creanças pequeninas esse intrigantezinho de marca causa mais receio que todas as cucas, papões, lobis-

(12) Pe. Colbacchini, *A tribu dos Boro'ros*, Rio de Janeiro, 1919 — Nota do tradutor, pgs. 113-114.

homens e sacis juntos. Porque, sempre que o **dedo mindinho** fala, as palmas das resoam.

Na França as mães apelam para esse mesmo sistema de intimidação, e não só na França como também entre os índios Tetons, da America do Norte, (13) Na Espanha, além do **dedo mindinho**, há um "pajarito" que se dedica a armar essa especie de enredos. (14).

26. Para se defender de tão variados e assustadores inimigos, não têm as crianças outro protetor sobrenatural que o seu **anjo da guarda**, com quem muitas vezes sonham. Infante que dorme a sorrir é porque sonha com o seu alado protetor.

f) CRESCIMENTO DA CRIANÇA

27. Não se deve passar por cima de uma criança porque isso faz com que o crescimento da mesma estacione (15). Entre os meninos quando um passa ou pula por cima do outro, costuma dizer, em tom de pilheria: "Não crescerás durante tantos anos"... Muitas vezes o pulado leva a coisa a serio e, então, para que ele se acalme e não receie mais ficar para o resto da vida com estatura de garoto, é preciso que o autor da brincadeira torne a pular e, desta vez, em sentido contrário.

No Ceará, conta Leonardo Motta, dá-se o seguinte conselho aos pequenos: "Meu santo, não deixe ninguém passar a perna por cima de sua cabeça, não, que isso faz mal: faz a gente não crescer e ficar batoré... (16)".

(13) Sébillot, *Le Folk-Lore*, p. 219 — Na parte referente aos índios Tetons, louvou-se esse autor no trabalho de Dorsey: *A study of Sioux cults* II e. rapport., S. I, Washington, 1854.

(14) C. Rozán, *Locuciones, proverbios, dichos y frases*, etc. — Trad. e adaptaç. do francês, por Luis de Terán, Madrid, s/d, p. 76.

(15) L. de Oliveira, o. c., p. 32.

(16) Leonardo Motta, *Violeiros do Norte*, p. 218.

A mesma crença existe em Portugal, onde é também conhecida a maneira de se desfazer o encantamento (17). Sébillot refere ter sido corrente em França, no século XV, esse procedimento magico e acrescenta que "ainda hoje ele é praticado por brincadeira, havendo, também, pessoas que o empregam a serio, os rapazes especialmente. Conta-se entre os atos ilicitos em varios paizes, onde se diz comumente que impede o crescimento de quem tenha sido objeto dele. Os que infringem a proibição ajuntam ás vezes á perna uma formula em que expressam seus desejos: em Montferat a vítima não deve crescer em 100 anos (18). Nas proximidades de Roma diz-se que "nun bisogna fás-seli passá fra le gamme; si nó ar-trimenti cureno e' risico de nun cresce de statura" (19). Em Madagascar ninguém deve passar sobre aqueles que estão deitados, ou sobre seus pés (20).

28. Aos três anos de idade, as crianças têm exatamente metade da altura que terão quando adultas.

g) A FALA

29. Como já vimos no primeiro capítulo deste trabalho, as crianças devem tomar uma colherada da agua em que se banharam pela primeira vez, afim de que se tornem loquazes dentro de pouco tempo.

30. E' indicado também como excelente meio de se alcançar o mesmo resultado, o dar de comer ás crianças "linguas de passaros palradores, como chãs-chãs, papagaios, periquitos, gralhas, etc". (21)

(17) L. de Vasconcellos, o. c., pgs. 210 e 280.

(18) Sébillot, cit. Grimm, in — *El Paganismo Contemporaneo*, p. 87.

(19) G. Zanazzo, *Usi, costumi e pregiudizi del popolo di Roma*, p. 45.

(20) Gennep, *Tabou et totemisme à Madagascar*, Paris, 1904 — apud Sébillot, *Le Folk-Lore*, p. 326.

(21) L. de Oliveira, o. c., p. 32.

31. Agora, é um perigo mostrar creança aos espelho antes que ela comece a balbuciar os primeiros nomes: isto atraza a fala.

As creanças portuguesas, ou pelo menos as creanças do Minho, também não podem olhar para espelhos antes de começar a falar porque se o fizessem ficariam mudas. (22)

h) CURIOSIDADE INFANTIL

32) Um dos primeiros problemas que preocupam a mente das creanças é o de como vieram elas t r a êste mundo de Cristo. A curiosidade não lhes permite delongas no esclarecimento de questão de tanta importancia, e, assim sendo, os pequenos apelam para os pais em cuja sabedoria depositam aquela f  que move as montanhas. Postos no dilema de responder mentindo, ou de não responder, destruindo, dest' arte, a confiança dos filhos em seus conhecimentos enciclopedicos, os pais preferem transigir com o amor   verdade e dão uma explicação fantasiosa aos inocentes perguntadores.

Essas respostas são poucas variadas e quasi sempre as mesmas, tanto no Brasil como na Europa, na Asia e talvez no resto do mundo. Em nossa terra conta-se  s creanças que elas nasceram no meio das rosas ou de quaisquer outras flores. A's vezes, para aborrecê-las, há quem lhes diga que nasceram num p  de couve.

Os pais ingleses, franceses, italianos, alemães, chineses e outros que se v em nas mesmas aperturas em face das perguntas indiscretas dos seus v stagos, dão respostas exatamente iguais às nossas (23). Na teogonia hind , as flores de lotus representam um papel importante. (24).

Os selvagens   que não andam a inventar caraminholas para emba -

car os seus filhos. Segundo afirma Sébillot, as explicações dêsse genero só foram encontradas entre indigenas já meio civilizados. (25)

Há ainda uma resposta muito usada, não só no Brasil como em varios outros países (26): as creanças foram compradas pelos pais em determinados lugares, o mais das vezes grandes cidades europeas.

i) DENTIÇÃO

33. Quando, aos seis ou sete anos de idade, começam as creanças a mudar de dentes, costumam elas jogar o primeiro dente de leite, que lhes c i, para cima de um telhado, dizendo: "Andorinha, andorinha, levai meu dente, trazei-me outro".

Não creio que existam em S. Paulo, muitas formulas  l m dessa. Na capital, nunca ouvi outra, e ela existe, sem a minima alteração, no interior do Estado (27), onde também   conhecida a seguinte versão:

Andorinha,   andorinha,
levai esse meu dentinho,
trazei-me outro bem alvinho (28).

Em Pernambuco   conhecida a fórmula:

Mourão, mourão,
toma teu dente p dre,
d  c  o meu são. (29)

No Pará as creanças também atiram os dentes de leite para cima dos telhados, mas não sei se pedem de alguma maneira particular o nascimento de novos dentes. Sant'Anna Nery, que registou a superstição naquele Estado, não se refere a nenhuma fórmula (30). Em Portugal há várias, mas

(25) Sébillot, *Le Folk-Lore*, p. 215.

(26) *Rev. des trad. pop.* — IX, 102 — apud. Sébillot, *Le Folk-Lore*, p. 216.

(27) "Pinch  o dente de leite de  a criança in riba do teiado, dizendo: "andurinha, andurinha, levai meu dente, trazei-me  tro", fais nasc  dente." — Cornelio Pires, *Conversas ao p  do fogo*, p. 160

(28) L. de Oliveira, *op. cit.*, p. 33.

(29) P. da Costa, *op. cit.*, p. 103.

(30) Sant'Anna Nery, *Folk-Lore Brésilien*, Paris, 1889, p. 60.

(22) L. de Vasconcellos, *o. c.*, p. 305.

(23) A. de Gubernatis, *Storia comparata degli usi natalizi in Italia*, pgs. 10-11.

(24) Id. *ibid.*

em nada semelhantes às nossas. A crendice existe, porém, e portanto já sabemos de quem a herdamos (31). Na Espanha a abusão também é comum, e existem fórmulas que não conheço (32). As creanças italianas dizem ao jogar o dente de leite:

Muro, muro novo,
ti do un dentino vecchio:
fammene venire uno buono! (33)

Na Europa essa superstição deve estar muito difundida e, provavelmente, não haverá país que a desconheça. Fica-se com essa impressão ao saber da existencia dela em países às vezes distantes entre si como, além dos já citados, a Suíça, a Inglaterra e a Suécia (34).

j) BRINCAR COM FOGO

34. As creanças até 9 ou 10 anos, mais ou menos, costumam urinar quando dormem. Não sei que relação se descobriu entre esse fato e o perigoso costume que têm os pequenos de brincar com fogo, para condicionar o primeiro ao segundo. O caso é que os pais ou as amas, sobretudo no interior do Estado, ao verem os meninos às voltas com caixas de fósforos acendendo fogueiras, dizem logo:

— Deixem disso, meninos! Não brinquem com fogo, que vocês urinam na cama.

Atualmente diz-se isso às creanças para evitar que elas se queimem ao acender as fogueiras, mas a abusão ter-se-á originado dêsse mesmo receio, ou terá tido outro nascedouro e outra finalidade? Infelizmente no estado em que se encontram hoje as superstições dêsse genero é extrema-

mente difícil, ou mesmo impossível averiguar a sua formação. Limitemo-nos, pois, a acrescentar que o mesmo prejuizo existe em Portugal (35), na Espanha (36), na França (37) e na Italia (38).

k) DOENÇAS DA INFANCIA

35. Para quem sabe o quanto é rica a medicina popular paulista, para quem conhece a infinidade de remedios usados pela gente dos nossos campos para tudo quanto é doença, inclusive as da infancia, parecerá ridicula e mesquinha a contribuição que ora trago ao estudo dessa parte do nosso folclore. Na realidade hesitei bastante em publicar a parte final dêste capitulo, que sou o primeiro a achar extremamente magro. Duas considerações levaram-me, porém, a dominar a hesitação e a publicá-la com todo o seu raquitismo.

A primeira dessas considerações foi a de que o folclore supersticioso paulista está por assim dizer, virgem como uma floresta do Amazonas, e nessas condições, qualquer contribuição, por mais modesta que seja, deve ser bem recebida. A segunda consideração, e a mais importante, resume-se em que êste trabalho não pôde ser diminuido por coisa nenhuma, pois já sai das mãos de seu autor de maneira a muito pouco, ou nada, se aproveitar dele.

Vejamos pois as superstições medicinais, a primeira das quais, por sinal, não foi registada por mim, mas por Monteiro Lobato:

“O especifico da brotoeja consiste em cozimento de beijo de pote para lavagens (razão de só se encontrarem potes esbeijados). Ainda há aqui um pormenor de monta: é preciso que antes de usar o banho a mãe do doente molhe na água a ponta da sua

(31) L. de Vasconcellos, op. cit., p. 205.

(32) Sébillot, *El Paganismo contemporaneo*, p. 92.

(33) C. Giannini, *Canti popolari toscani*, Florença, 1921, p. 61, n. 12.

(34) “Na Suíça, na Grã-Bretanha, na Suécia e nos Abruzos, arrojam-se os dentes de leite ao fogo e pede-se-lhe que os devolva e faça nascer bem direito”. — Sébillot, *El Paganismo contemporaneo*, p. 92.

(35) L. de Vasconcelos, o. c., p. 35.

(36) A. Guichot y Serra, *Supersticiones populares recogidas en Andalucía*, p. 90 — apud Sébillot, *Le Folk-Lore*, p. 218.

(37) Sébillot, o. c., p. 218.

(38) G. Zanazzo, o. c., p. 255.

trança. As brotoejas saram como por encanto". (39).

36. Lombrigueiro (vermifugo) só se dá às creanças em mês cujo nome não conta a letra R entre as que o formam. O vermifugo mais usado são sementes de abobora. Mas isto não é superstição, é ótimo remédio.

37. Creança com soluço incomoda os outros, principalmente durante a noite, e quando a perturbação se prolonga os pais enchem-se de receio. Para que cessem os soluços, deve-se colocar uma folhinha verde atrás da orelha do pequerrucho, ou então pregar um fiapo de cobertor na testa dele. Há quem afirme que o cobertor precisa ser vermelho.

Este segundo remédio vi-o aplicado, também, no Rio de Janeiro, a uma creança que soluçava. Com grande desapontamento da mãe do nenê, o mal não passou.

38. Receita para tirar um argueiro dos olhos: Fecha-se o olho são e vai-se imprimindo com o dedo indicador um movimento rotativo á palpebra do mesmo, dizendo contemporaneamente:

Santa Luzia passou por aqui,
no seu cavallinho comendo capim;
perna de banco,
nariz de cupim
(ou de funi, funil)

O argueiro não demorava a sair do olho.

Ha ainda uma formula que nunca ouvi aqui em S. Paulo, mas que presado amigo disse-me ser corrente em Santos:

Santa Luzia passou por aqui,
em seu cavallinho comendo capim,
Sangue de Cristo caiu nos meus
olhos,
não me fez mal.

No primeiro dos ensalmos teve-se a preocupação da rima, mas também foi o unico cuidado que se teve. A

quadra, tal como está, é perfeitamente idiota e fica-se na dúvida sobre se a "perna de banco" e "o nariz de cupim" eram de Santa Luzia ou do seu cavallinho de saudosa memoria. A segunda quadra (?), onde não houve a preocupação da rima, é composta de elementos disparatados, pertencentes, ao que parece, a dois ensalmos diversos.

Pode-se admitir, também, a hipótese do ensalmo a Santa Luzia ter primitivamente constado de varias trovas que foram sendo esquecidas ou deturpadas com o andar dos anos, restando afinal em nossos dias apenas alguns versos espalhados por esses Brasís afóra. Aceita essa hipótese — aliás extremamente discutível — a seguinte trova do folclore pernambucano pertenceria a esse ensalmo:

Corre, corre cavaleiro,
pela porta de S. Pedro,
e disse a Santa Luzia
que me mande seu lencinho
para tirar-me este argueiro. (40)

Uma senhora paulista reativou-me a memoria, fazendo-me lembrar dos dois primeiros versos de um ensalmo semelhante a esse e muito conhecido em S. Paulo:

Corre, corre cavaleiro,
pela porta do carneiro...

Gostaria de conhecer os versos restantes, mas não ousei esperar que alguém se dê ao trabalho, já não digo de me escrever algo a respeito, mas mesmo de lêr estas linhas, aliás muito mal traçadas...

Registro o ensalmo de Santa Luzia entre as superstições relativas á infancia, porque só as creanças ainda o recitam e acreditam na sua eficacia.

Como fêcho deste capítulo, direi que Santa Luzia também é na Itália a padroeira contra todos os males dos olhos (41).

AMADEU AMARAL JUNIOR
(continua)

(39) M. Lobato, *Urupes*, Col. Brasília, p. 79.

(40) P. da Costa, op. cit., p. 218.

(41) G. Zanazzo, op. cit., p. 81.

Notas

CEIÇÃO DE BARROS BARRETO: Cantigas de quando eu era pequenina (ed. Pimenta de Mello, Rio de Janeiro, 1931).

A professora d. Ceição de Barros Barreto, seguindo a orientação dada ao ensino musical das escolas pernambucanas pelo prof. Fabiano Lozano, acaba de publicar esta coletanea de cantigas populares infantis. Afóra o valor didático do livro, que é seguro, pela pureza melódica das cantigas escolhidas e pela simplicidade da harmonização, as **Cantigas de quando eu era pequenina** são uma importante contribuição folclórica. Por ela se pode aquilatar mais uma vez o individualismo enorme que reina na criação musical do nosso povo. Ao passo que de norte a sul os textos são quasi sempre os mesmos, com variantes mínimas de palavras, as músicas apresentam uma extraordinária variedade de transformações, ou mesmo de invenções novas. Em **O Velho foi á Missa** (de que vive aqui a variante **Gariibaldi foi na missa**) a melodia é inteiramente outra da que se conhece por S. Paulo. O mesmo se dá com o **Sapo Cururú**, de que d. Ceição de Barros Barreto nos dá uma versão melódica inteiramente distinta da que já está tão vulgarizada em música erudita por Nepomuceno, Villa Lobos e Lourenço Fernandez. Muito mais raramente sucede que a uma linha sonora fixa se adapte texto novo. A

professora nos dá apenas um exemplo disso com o acalanto **Nanai, meu Menino** que é uma peça particularmente interessante na coletanea. Com efeito o refrão da peça é o mesmo refrão do sublime **Tutú Marambá** que Luciano Gallet harmonizou magistralmente e um crítico argentino considerou a mais linda cantiga-de-berço que um povo nunca inventou. Como o **Tutú Marambá**, o acalanto registrado por d. Ceição de Barros Barreto também muda de menor pra maior, entre estrofe e refrão. E na deliciosíssima estrofe entoa uma linha particularmente nordestina, muitíssimo á feição das toadas sertanejas de lá. Peça admirável como melodia e curiosa como junção de elementos diversos. Eu ousaria discordar da colocação da peça **Quando eu era pequenino** dentro da coletanea. Sob o ponto-de-vista didático o texto me irrita muito por brincar com falsas manifestações de ingenuidade sexual, coisa que ainda no número de outubro da **Revista Nova** se denunciava em Casimiro de Abreu, no estudo sobre **Amor e Medo**. Não creio que esse gênero de literatura que margea pela sensualidade se encobrindo de graça e ingenuidade, seja qualidade que didaticamente se queira tradicionalizar na consciência infantil. Ainda sob o ponto-de-vista folclórico a peça destoa muito na coleção. A sua linha nada tem dessa vagueza de caracter nacional tão comum nas cantigas in-

fantis, propriamente infantis, isto é, cantadas por crianças em uso proprio, vagueza que torna a generalidade das nossas cantigas de crianças tão universais, tão parecidas ás congeneres do mundo todo. Si a melodia é indiscutivelmente brasileira, ela é da pior invenção melodica brasileira, a do genero modinha, especialmente datavel do Segundo Imperio, do tempo enfim em que o povo das cidades surripiava das modinhas de salão, o sentimentalismo lamecha e um cromatismo parvo e fatigante. Pelo corte estrofico e disposição de rimas, d. Ceição de Barros Barreto poderia ter observado que a cantiga não pertence absolutamente ao povo; e que quando muito é uma dessas peças urbanas que ás vezes conseguem se popularizar temporariamente, é impossivel explicar psicologicamente por que.

Mas, esquecido êsse pequeno senão do livro, d. Ceição de Barros Barreto fez obra meritoria, digna de ser adotada nas escolas do país todo e digna tambem da gratidão dos etnografos.

M. DE A.

VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO: *Alvares de Azevedo* (ed. do Centro Academico XI de Agosto, S. Paulo, 1931).

A passagem do primeiro centenario do nascimento de Alvares de Azevedo foi marcada por várias homenagens uteis. O poeta andava esquecido e a rasão dêsse esquecimento já foi explicada nesta Revista (Novembro do n. 3). Aristocrata em tudo, individualista exacerbado, movendo-se num plano de inteligencia e cultura de que não saia para "tomar pé na vi-

da", já desalentado pela experiencia do espirito numa idade em que a do mundo mal principia, o autor do *Macario* isolou-se em vida e isolado ou distante se conserva ainda hoje. Fora do terreno puramente literario não há em toda a sua obra coisa capaz de nos comover. No que escreveu não existe qualquer simpatia humana que por sua vez desperte a nossa. Sofria (ao contrário do que supunha) do mal de ler e não do de viver. O que pouco interessa aos que, vindos depois, se defrontam com problemas cuja solução não se atinge sonhando com Venezas fantasticas.

De todas as homenagens uteis (biografias e estudos criticos) de que falei, a mais é êste livro de Vicente de Azevedo.

Ao autor cabe o grande merito de haver sido o primeiro a aclarar varios episodios da vida de Alvares, desfazendo lendas e conjeturas. A idea que formamos hoje do moço triste devemos em boa parte ás pesquisas que Vicente de Azevedo iniciou faz treze anos. Estudante da Faculdade, sentiu ali mais viva do que a de qualquer outro a sedução daquele que ficou sendo o poeta da Academia. E se fez seu biógrafo com um entusiasmo que com certeza não pôs para se fazer advogado. Pelo que lhe somos gratos.

O volume de agora reúne os artigos publicados nesse tempo em jornais e revistas. O autor não os quis modificar. Conservam assim o sabor de uma homenagem do estudante de 1918 ao que de 1848 a 1851 tanto esplendor deu a esse título já de si prestigioso, capaz de justificar tudo inclusive e sobretudo as bobagens.

O valor do livro pode ser bem avaliado por quem se der ao trabalho de verificar o que era antes dele a biografia de Alvares: quasi nada. Poucas datas perdidas no meio de mui-

tos adjetivos. Os biografos ocasionais se limitavam em regra a repetir o que encontravam nos discursos e ensaios de Jacy Monteiro. De forma que a contribuição de Vicente de Azevedo é a primeira biografia verdadeira do autor do *Macario*. Não é possível de ora em diante estudar o poeta sem recorrer a ela, conhecê-lo sem conhecê-la.

A. DE A. M.

ALDO NAY (João Fernando de Almeida Prado): *Os Tres Sargentos* (Tip. Garraux, São Paulo, 1931).

Desde os tempos da primeira "Revista de Antropofagia" muita gente sabia que Yan de Almeida Prado estava escrevendo um romance. Espere-mos antes de mais nada que seja apenas o seu primeiro romance. Dele a "Revista de Antropofagia" publicara algumas páginas notáveis como intensidade descritiva e observação de certas camadas incultas da população paulistana. Agora o desejado romance aparece e com ele Yan de Almeida Prado se afirma como romancista de meritos excepcionais em nossa literatura.

Mas si os meritos são transparentes, nem por isso o livro deixa de ser uma obra muito descaminhadora de tal forma os defeitos dela são às vezes surpreendentes e mesmo pueris. Muitos delès o proprio autor podia perfeitamente corrigir e na certa que os percebeu porquê o contrário era negar nele as qualidades de fineza e paciencia de observação, que são justamente as que mais o livro demonstra. Não quis corrigir, sabeime lá por que! E' perfeitamente admissivel que por intenções pragmaticas, um autor prejudique a sua obra de ficção, conservando nela defeitos utilitarios. Mas não é possível imaginar intenções pragmaticas na fantasmagorica ortografia e na falta de objetividade da revolução de 24, que estão nos *Tres Sargentos*.

O livro tem como assunto a vida da milicia estadual paulista, de que Yan de Almeida Prado adquiriu informação muito larga. Como ponto central e atrativo das pormenorizadas análises dessa vida de tão importantes causas na dissolução politica do Brasil (a importancia dessa milicia de guerra foi uma das causas garantidoras da psicologia imperial de Washington Luis...), como ponto teatral do romance, Yan de Almeida Prado descreve a Isidora de 1924. Ora em 1924 o autor estava na Europa e embora se tenha honestamente rodeado de livros sobre a revolução, não poudo por assim dizer humanizar o que não presenciara. Yan de Almeida Prado nada tem de vulcanico. O que menos existe no seu livro é parolagem. Conta o que ha e o que é. Não podendo teatralizar a revolução em surtos liricos de antecipada fama, percebe-se o acanhamento com que marcou passo num assunto de que não teve a experiencia, mas apenas uma vaga apreensão economica numa estação de aguas italiana. O livro se dilúu muito, sobretudo por certa ausencia de sentimento cronologico da revolução. Coisas que se deram depois da fuga de Carlos de Campos referidas antes desta, uma vacuidade impacientadora de observações, insiste num desejo bastante desprendido de festança que tomara revolucionarios e suas comparsas. E isto não existiu. Essa vacuidade se acentua tanto mais que a descrição da zona e dos costumes policiais são duma nitidez admiravel, duma força convincente de verdade. O autor sabe como rarissimos escolher dentre a prodigiosa quantidade de detalhes descritivos aqueles que vivem em letra-de-fôrma e nos dão o sentimento do real. Pouco importa que esta realidade seja muito mais complexa e variada: o sentimento do real, em arte, tem outras condições e outras necessidades que a propria realidade, e a essas condições e necessidades Yan de Almeida

Prado serve com uma habilidade excepcional.

Então, um romance realista? Incontestavelmente. Um romance realista, mas desprovido porém daquele lirismo assanhado que foi a especial contribuição romântica dos realistas do Oitocentos. O realismo de Yan de Almeida Prado provém de outras tendências e tem outra intenção. Se origina daquele desejo de pesquisa que fez do autor dos *Tres Sargentos* o colecionador mais paciente e apaixonado de informações sobre o Brasil. Daí o realismo dele, que é esquivo, honesto, tão afastado das metáforas vulcanicas como dos discursos. Realismo duma intelectualidade fazendeira, eminentemente pessimista, que se filia a êsse pessimismo ao mesmo tempo violento e aristocrático que é a melhor tradição da intelligencia paulista e o traço mais característico de sua literatura contemporânea. Os alados separatistas nem imaginam o quanto são extrapaulistas cultivando uma oratoria e estatística confiança em si mesmos, que jamais esteve no espirito dêsses francos, silenciosos e verdadeiramente energicos paulistas que criaram uma grandeza prática enorme, convictos sempre que tudo ia de mal a pior.

Realista pois, Yan de Almeida Prado é porém uma cultura que já passou pelo psychologismo fim-de-seculo e proustiano. E' tocado por um maior desejo de acertar, que de colorir ou corrigir. Esse desejo de acertar com que as fases mais recentes transformaram o realismo oitocentista, não vai sem alguma contradição dentro do assunto dos *Tres Sargentos*. Tratando de seres primarios que por isso mesmo são no geral muito característicos psicologicamente, Yan de Almeida Prado vacilou bastante na caracterização dos personagens. Si alguns têm muito relêvo e vitalidade que nem o cozinheiro Amaro e o soldado Artur, ou ainda a deliciosa mulatinha que é tratada com um cuidado extremo, outros se tornam muito vagos pelo pro-

prio desejo talvez de os caracterizar mais intimamente. Os tres sargentos não têm relêvo psicologico nenhum, são semelhantes entre si por demais. Da mesma forma as mulheres, ao mesmo tempo vagas e lugares-communs, apesar dos esforços do autor pra caracterizar Maria Cabeleira. Esta porém lhe deu um dos milhores capitulos do livro, o *Mulher de Soldado*, comoventissimo, discreto, bem movido no diálogo, apesar das falas um bocado longas. Outro passo tratado com mão de mestre como discreção comovente é a morte da mulatinha. Aí o autor atinge aquela simplicidade pura do romanceiro anonimo.

Mas infelizmente tudo está muito prejudicado pela lingua em que o autor se escreveu. Uma curiosa irregularidade de dicção, ou positivamente falta absoluta de dicção, que infelizmente nem chega a constituir um fenomeno tão característico a ponto de se tornar um estilo por si, um estilo novo. Apenas uma misturada fatigantemente ocasional de trejeitos sintaticos e vocabulares do português de Portugal (às vezes antiquados e pretensiosos, dignos do segundo time da *Revista de Lingua Portuguesa*), e brasileirismos visivelmente escapados á inadvertencia dum autor cuja preocupação de purismo é visível. Falo, está claro, da lingua que o autor fala e não das partes dialogadas. Estas ainda são bastante irregulares, com muita vagueza de dicção, o autor divagando aos acasos do sentimento, ora caracterizando muito, ora não caracterizando nada, deixando de aceitar dicções unanimes, fixando precariedades individualistas sem a minima função nem valor.

E' o que mais prejudica o livro: uma falta de tecnica enorme. Junto a uma discreção admiravel de sensibilidade no entrecho, um sentimentalismo indiscreto de escrita. E isso é que me faz desejar que Yan de Almeida Prado não pare nesta experiencia bastante irregular. Só lhe falta realmente maior prática de escrever,

maior virtuosidade tecnica pra se tornar o grande romancista que os Tres Sargentos vieram denunciar.

M. DE A.

THEODEMIRO TOSTES: *Bazar* (ed. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1931).

O sr. Theodemiro Tostes com este *Bazar* se atira a um dos generos mais faceis da literatura, o da pequena crónica. Genero em que é difficilimo ser grande, e exige uma porção de qualidades quasi contraditorias: leveza, grande cultura, leviandade, grande experiencia, graça, pensamentos profundos, medida, sintese, observação analitica, sensualidade. No Brasil o genero está completamente desautorado, desde que todos os jornais se lembraram de encimar a sua coluna de aniversarios, bailecos e falecimentos com a chamada Crónica Social. Esta crónica social se tornou desde logo o refugio de todos os plumitivos implumes. Nesse cantinho da literatura quotidiana elles resguardam a sua innarravel pobreza de ser, se iludindo á fôrça de cartinhas e de frases rapidas de bonde, "li sua crónica". Ninguém pense que falo em tom desprezivo dêsses poetas, mas é incontestavel que o fenomeno psicologico deles é muito mais comovente que a literatura que fazem. Em todo caso é incontestavel que mesmo no Brasil alguns conseguem se distinguir. O que se nota desde logo nas croniquetas do sr. Theodemiro Tostes é que êle foge a êsse grupo de iludidos. As suas crónicas não cheiram a pobreza de ser, não transparece nenhuma infelicidade ingenua. Percebe-se logo que êle escreve com prazer, com sensualidade sadia, e que si nem sempre tem a felicidade de escrever crónicas excellentes, tambem a não tinha nem o proprio Santo Tirso, que no entanto se dotava de mais espaço e nem escrevia diario. O livro se lê com prazer, as ideas são fartas, a graça é

generosa. E uma lingua falada de muito sabor.

L. P.

EMILIO MOURA: *Ingenuidade* (ed. Os Amigos do Livro, Belo-Horizonte, 1931).

Talvez em nenhum livro da poesia contemporanea brasileira se tenha expressado melhor do que neste *Ingenuidade* o sentido mais intimamente doloroso do nosso tempo. Ante a noção de Deus, a noção de religião, de moral, ante a noção do caracter, ante a noção de sociedade, o que nós somos é uns perplexos. Falo evidentemente dos chamados "intelectuais". A infinita maioria dos intelectuais é feita de perplexos diante de todas as noções elementares e primaciais da vida. A, santo Deus! infinita certeza dos oitocentistas, a paixão psicologica, o incontestavel fim duma civilização, e a precisão de começar outra porquê a acabada não tinha mais recursos vitais de continuidade, fizeram que o sentido mais íntimo do nosso espirito e do nosso ser inteiro fosse a perplexidade. Individualista, escapando ás heroicas afirmações pragmaticas, mas suficientemente ingenuo (talvez seja melhor dizer "humilde") pra buscar seu lirismo naquilo que de mais universal possuísse dentro de si mesmo, Emilio Moura refletiu melhor que ninguém na poesia brasileira, essa perplexidade dolorosa.

E' um suavissimo. Não utiliza as côres mais correntes do tempo. Si isso lhe permite criar entretons excellentes de sentimentos, de ideas, de ritimos alipedes e evanescentes, pro sentido principal do seu livro essa tamanha suavidade foi um mal. A lição ficou desvigorada em grande parte, quasi invisivel; e carece ir busca-la subtilmente numa procura grave. Não é livro pra muitos quando devia ser pra todos.

O livro está inundado, inteiramente tomado de perplexidade. Não tem quasi nenhum poema em que a perple-

xidade não transpareça. Tudo perde os seus limites, a nitidez das noções é hesitante, a infixidez é a constancia do poeta — o que até varios titulos de poemas indicam: **Canção Perdida**, **Inquietude**, **Perdida no Mapa**, **Interrogação**, **Recalque de Infancia**, **Leaping-the-Loop**, **Transbordamento**, e enfim **Perplexidade**. A propria dicção do poeta vai apalpante, feito um reflexo do estado psiquico. Os seus processos mais visiveis de versejar são: quanto a ritmo, movimentos duma grande variedade de impulso, se aproximando de fraseologia oral; quanto a construção de frase, a constante repetição de palavras, de versos (pags. 31, 36, 40, 95, 107, 117, 125, 103, etc.)

Mas é milhormente na colheita de sensações que o poeta é um grande perplexo, incapaz de se fixar numa noção nitida. Quando pensa, é pra verificar que “Não penso em nada, nada, nada”; e por isso hesita em se dirigir na vida: “Senhor, são os remos ou são as ondas o que dirige o meu barco?”. E si nesse último verso citado a idea corre mais ou menos pueril, a hesitação vem muito mais elevada e psicologicamente expressa, no poema do **Looping**, em que o poeta acaba de novo chamando pelo seu Senhor:

“Eu me sinto fóra de todos os planos. Todos os planos se ajuntam na minha consciencia.

(... ..)

Senhor, eu não sabia que todas as estradas eram infinitas”.

Essa perplexidade diante da vida é quasi todo o livro. Cólho versos ao acaso: “meus olhos estão cheios do sentido multiplicado do tempo”; “Eu fiquei só diante da vida — E todas as coisas me assustaram”; “Oh, mas é inutil pensar na libertação de ser um dentro de si mesmo!”; “Não ouvir as palavras frias que mudam o destino — Ou que o fazem semelhante a um autonomo”; “Meu desejo de continuar, meu desejo de parar”...

Este último sentimento é dos mais característicos de Emilio Moura. Veja-se todo o **Carnaval**, que aliás demonstra uma timidez não isenta de certo diletantismo: “Parado, parado...”, “Porquê eu não danso na minha vida?”. E o poeta chega a liricamente transportar prá natureza que observa, o seu perplexo desejo de continuar e de parar ao mesmo tempo. Na deliciosa **Toada Ingenua**, “A noite caiu de brinquedo — Como si não caísse...”; e na **Serenidade no Bairro Pobre**, o poema inteiro é uma serie de antiteses, não á maneira e intenção romantica, porém nascidas da sensação intelectualista de que a natureza é um perplexo movimento parado: “a tarde é ruído e é calma”; “as aves pairam, descem num risco rapido e tornam a pairar”; “a cidade é infinita e vive”; “tem luzes correndo, tem luzes paradas”; “o silêncio sobe e desce”.

Falei em “sensação intelectualista” pra terminar com o elogio que mais me parece merecer êste poeta delicado. E’ que toda a sua perplexidade é, como a de todos nós, aliás, provinda da intelligencia, da precisão de explicar, (“tua beleza que eu não entendo”, êle diz a horas tantas...), ou da precisão de decidir. Ora o que é mais admiravel pra mim no livro de Emilio Moura é que escapa a qualquer didatismo (com excepção talvez da p. 20), e a sua perplexidade intelectualista, a excessiva necessidade de entender não isenta de oitocentismo, em que o secciona das turbas a sua extrema lucidez, só serve pra êle criar dados de sensibilidade, eminentemente liricos, duma suavissima intensidade convincente. E isso é admiravel.

M. DE. A.

Cartas Jesuiticas II — Cartas Avulsas
(pbl. da Academia Brasileira, Rio, 1931).

Tendo encontrado um exemplar do volume pertencente á coleção **Mate-**

riais e Achêgas, no qual Valle Cabral reuniu as cartas escritas pelos jesuitas de 1550 a 1568, Afranio Peixoto prestou á história brasileira o imenso serviço de reeditá-lo, com 251 notas de sua autoria. A edição de Valle Cabral se perdeu por ocasião de um incendio havido na Imprensa Nacional. O salvado é assim preciosissimo. Nada menos de 63 depoimentos sôbre o primeiro seculo brasileiro. E depoimentos, não de testemunhas de vista, mas pessoais, de gente que nos fatos relatados tomou parte preponderante, de operarios da colonização e catequese. Alguns dos maiores entre os jesuitas: João de Aspicuelta Navarro, Leonardo Nunes, Luis da Grã, Antonio Pires e Vicente Rodrigues, para não citar mais. Todos eles, pelo heroismo, tenacidade e abnegação, justificando naquele tempo as palavras de Anchieta aos estudantes de Coimbra: "E' necessario ser santo para ser irmão da Companhia".

As notas de Afranio Peixoto valorizam grandemente o volume. A relação por ele feita dos jesuitas vindos de Portugal e aqui recebidos na Companhia de 1549 a 1568 seria sem dúvida bastante para que se julgasse notavel a sua contribuição. E note-se que a serie de publicações a que êste volume pertence é obra sua. Um benemerito, portanto.

O. G.

ALBA CANIZARES NASCIMENTO:
Capistrano de Abreu (F. Briguiet & Cia., Rio, 1931).

E' por ora impossivel escrever sôbre Capistrano um estudo completo de critica e biografia: a Sociedade que o tem por patrono não concluiu ainda a publicação de suas obras e a correspondencia do grande cearense continua inedita e dispersa.

Este **Primeiro ensaio crítico-biografico** (assim o chama a autora) não tem confessadamente nenhuma pretensão. E' um discurso que, estampado, apresenta (segundo o amavel

prefaciador Alberto de Oliveira) uma falha irremediavel: a da voz com que foi lido. Outras, talvez mais graves e com certeza menos irremediaveis, o leitor por sua vez nota e lamenta.

O. G.

MARIO VILALVA: Fagundes Varela, sua vida, sua obra, sua gloria (Empresa Grafica Editora, Rio de Janeiro, 1931).

Certamente o sr. Mario Vilalva não teve grandes motivos nem de pesquisa nem de achados ocasionais para publicar êste seu livro sobre Fagundes Varela. Havia um grande entusiasmo, uma admiração apaixonada pelo poeta de Inah, mas infelizmente êsse entusiasmo não estava ao serviço de nenhuma paciencia, ou de nenhuma passividade crítica, pois o biografo se limitou a repetir o que mais por alto se sabe sobre a vida do grande poeta fluminense e o seu tempo. E' verdade que o autor confessa tratar-se dum "deficiente ensaio" (p. 9), mas é incontestavel que podia esperar os dez anos que nos distam do centenario do poeta, e trabalhar todo êsse tempo, num livro que realmente pudesse bem servir á glória do comemorado. E' de todo em todo inutil nos afirmar do **Evangelho Nas Selvas** que é um "maravilhoso e sublime poema biblico" (p. 8); mais inutil ainda afirmar que "êsse maravilhoso poema, unico em nossas literaturas, ficaria até hoje sem crítica" (p. 146) e não fazer essa crítica desejada; é espantoso chamar de "madrigal subtilissimo" (p. 67) ao "Não és tu quem eu amo, não és"; é positivamente fatigante achar que o poeta teve um "destino incomparavel de poeta"; e terrivelmente desesperante considerar **Acusmata** como "admiravel poema de grande fundo filosofico". Mas é difficil respigar os exageros do biografo e crítico de tal forma o livro é feito com os proprios versos de Varela que concorreram para formar o corpo inteiro quasi do livro

do sr. Mario Vilalva. O que é preciso duma vez por todas neste país, desgraçado pela eloquencia, é acabar com toda essa literatura que não custa fazer, sem ideas, sem pesquisas, dum sensacionismo mesquinho, sem reflexão, sem entusiasmo clarividente por coisa nenhuma. Não nos pode interessar mais um palavriado vazio, cheio de floreados, entre o orador de turbas e a diseuse dos recitais. E' preciso ser util. Evidentemente estas reflexões bastante asperas surpreenderão quantos, conhecendo o livro do sr. Mario Vilalva, perceberem que não havia razão para tamanha tempestade por causa de tão inocente livro. Não tem dúvida. Nem o sr. Mario Vilalva poderá imaginar que são reflexões dirigidas individualmente a êle só. Porém o biografo de Varela é infelizmente um dos muitos sonhadores causados por esta sistematica cultura da incultura e do palavriado que é das maiores desgraças do Brasil. E o sr. Mario Vilalva que é bastante inteligente para reconhecer a deficiencia do seu ensaio, reconhecerá que o livro dele é dessa especie abundantissima de livros brasileiros que não adiantam nada.

L. P.

FURIO FRANCESCHINI — Breve Curso de Análise Musical — (Edição do Autor, Typ. S. Lazaro — S. Paulo, 1931).

A bibliografia musical em lingua portuguesa é pauperrima. No Brasil como em Portugal a música ainda se resume quasi que exclusivamente a professor e executante. Quem não ensina flauta, toca flauta. Os compositores são raros. E mesmo o ensino ainda é na grande maioria uma camelote lamentavel. Professores sem o minimo ideal, sem o minimo interesse pela música, com o unico interesse de ganhar dinheiro. Ensinam a executar piano, a executar violino, a executar o canto. Nenhum se preocupa

de tornar o aluno um músico verdadeiro, capaz de compreender em toda a sua complexidade artistica uma peça qualquer. As disciplinas propriamente intellectuais da musica estão abandonadas por completo; e si assim é entre os professores particulares, inda temos que confessar que os proprios conservatorios pouco se avantajam sobre essa miseria. Na verdade êles apenas se limitam a inscrever nos seus programas algumas das matérias de importancia mais immediata, Solfejo, Harmonia, algumas vezes Historia da Musica, diminuindo-as a um minimo enganador e cobrindo o estudante de viciosas facilidades. São no geral disciplinas em que tudo passa e é tradicional a aprovação em exame.

Aqui em S. Paulo um professor que muito cedo se distinguiu de toda essa nebulosidade interesseira foi o sr. Furio Franceschini. Pela sua austeridade de homem culto, pela sua sinceridade de verdadeiro devotamento á musica, logo se destacou do ambiente de câmelotagem em que vivemos, e passou a ser um elemento discrepante, que todos consideravam com um certo respeito, não tem dúvida pois que a austeridade e a cultura se impoem, mas que todos rodeavam duma ignorancia surda pra que êle não pudesse aparecer.

Agora o prof. Furvio Franceschini acaba de publicar os primeiros frutos da sua atividade brasileira de professor, êste **Breve Curso de Analise Musical**, que, conforme êle mesmo indica, não é mais que o primeiro ensaio duma obra de maior envergadura. Os nossos editores, conhecendo perfeitamente o nosso meio musical, jamais aceitariam publicar a obra do prof. Furio Franceschini na sua integridade dispendiosa e severa. Assim o distinto musicologo se viu obrigado a editar primeiro êste **Breve Curso**, pra conseguir os meios necessarios para a publicação da obra total. Mas si o **Breve Curso** se ressentir um bocado em alguns dos seus capítulos, da restrição a que o prof. Furio Fran-

ceschini se viu obrigado a fazer, como por exemplo na parte sobre ritmo e fraseologia, nem por isso deixa de ser para nós uma obra de valor excepcional. A análise da op. 27 n. 2 de Beethoven, por perfunctoria que seja, é de grande claridade e utilíssima. Também a síntese dos principais problemas da harmonia, me parece admirável, lógica, bem concatenada, moderna, simplificadora. E mesmo na sua síntese obrigatoria o livro está bordado de vistas originais, interessantes sempre, algumas de grande utilidade prática, demonstrando não só o tirocinio largo do prof. Furio Franceschini como ainda a sua tendência ao ensino direto, leal, rápido, isento daquele misticismo ritual com que geralmente os professores de harmonia e composição acabaram por tornar as suas disciplinas aborrecidas e hediondamente complicadas.

Por tudo isso o valor didático deste **Breve Curso** me parece enorme e não sei de professor instrumental que se preze que possa prescindir dele nos seus cursos.

M. de A.

SILVINO LOPES: Política é isso mesmo... (Recife, 1931).

O sr. Silvino Lopes nos oferece com este livro, uma coleção de crônicas mais ou menos amargas, mais ou menos divertidas, inspiradas no assunto em dia, a Política brasileira. É um triste assunto. Pifio por tradição republicana, nele toda a vantagem é zurzir, e elogiar é uma vergonha. O sr. Silvino Lopes zurze rindo. Não estou convencido que valha a pena mais; e por isso me agradou do livro, especialmente aquela página **Tudo de água abaixo** que conta com simplicidade, certamente algum exagero, e talvez bastante verdade, a fuga do presidente de Pernambuco, quando a revolução do ano passado andou vencendo por lá. Si o episódio é verdadeiro, não deixa de emocionar, por tudo quando tem de sofrimento

e de ridículo, aquela frase do então semi-presidente recebendo um empurrão ao embarcar: "Senhor Bianco, ainda sou o governador". Não era, mas ninguém pode negar uma certa grandeza curiosa de analisar, por exemplo, em Washington Luis deposto e bancando ainda presidente. É uma ótima solução de atitude, que confina dum lado com a loucura, doutro com o ridículo, doutro com a desilusão. E não são mesmo apenas essas as terras que confinam com a política nacional?...

L. P.

HOMERO PIRES: Alvares de Azevedo (publ. da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1931).

A Academia Brasileira de Letras, atendendo a que "a maior dificuldade aos que estudam literatura brasileira, é a informação bibliográfica" resolveu em boa hora promover uma coleção bibliográfica de nossos autores. De Alvares de Azevedo encarregou-se o apreciado colaborador da **Revista Nova**, bastante conhecido por seu estudo sobre **Junqueira Freire**, sr. Homero Pires. O volumezinho de 96 páginas apareceu por ocasião do centenario do poeta paulista: **pauca, sed bona**, ótima, até, se fosse permitido mudar o adagio romano.

Dividiu-o o autor em quatro partes: **Notícia biográfica; Bibliografia; Iconografia e Escritos e opiniões sobre Alvares de Azevedo**. Na mesma ordem faremos rápida apreciação.

A **Notícia biográfica**, sóbria e discreta, é um dos melhores resumos que conhecemos. Apresenta, embóra, alguns senões: não admira, porque diversos pontos da curta vida do poeta ainda permanecem obscuros e outros sómente foram melhor conhecidos pelos livros que apareceram beirando o centenario. Assim é que a relação dos irmãos do poeta está incompleta (vide nosso livro sobre Alvares de Azevedo, ps. 210 e s.) A página 8 escreve o sr. Homero Pires: "Em 1833, em

companhia de seus pais, veio Alvares de Azevedo para o Rio de Janeiro, onde, em 1836, a morte de um irmão, o primeiro Inacio Manoel, lhe causou profunda comoção". O irmãozinho chamava-se Inacio, terceiro filho do casal, nascido no Rio de Janeiro em 6 de Setembro de 1833 e falecido em Niterói em 26 de Junho de 1835.

A' página 16 informa o A. que Alvares de Azevedo morou em S. Paulo, no **Campo dos Curros, atual Praça da República**. Seria notável a coincidência, pois, na Praça da República está o busto do poeta. Mas, confesso a minha profunda curiosidade em saber onde o A. colheu a informação. O Largo ou Campo dos Curros, assim denominado por causa das corridas de touros, e só ajardinado em novecentos e poucos, ficava tão fóra da cidade que foi escolhido para nele se construir o lazareto de variolosos. Pelo meio do largo passaria o caminho para a **chacara do Arouche**, isto é, do general José Arouche de Toledo Rendon, primeiro diretor da Academia. Para além, a três leguas, a capela de N. S. do Ô', contemporânea, ou quasi, da fundação da cidade, vestígio da fazenda de Manoel Alves Preto.

A' p. 23 assevéra o A.: "Na iminência, porém de retomar os estudos juridicos, a 10 de Março de 1852, depois de um passeio a cavalo, de que caiu, se manifestaram os primeiros sintomas da tuberculose pulmonar. Sobrevieram sofrimentos atrozes, e Alvares de Azevedo teve de submeter-se a operação de um tumor na fossa iliaca", etc.

Eu não percebo bem como é que uma queda de cavalo pode dar lugar a tuberculose pulmonar, e esta a um tumor na fossa iliaca... Aliás Alvares de Azevedo, ainda depois de morto, foi vítima de outro diagnostico errado: um médico do Rio de Janeiro sugeriu, ultimamente, a hipótese dele ter morrido de apendicite... esquecido de que o tumor na fossa iliaca, que o vitimou, foi do lado esquer-

do! A unica relação que eu a custo encontro entre a queda do cavalo e a tuberculose é a possibilidade desta haver sido galopante. **Excusez du peu.**

O certo é que o atestado de óbito declára: Enterites com perfuração do intestino.

O capitulo dedicado á Bibliografia é tão completo, que muito pouco tenho a observar, ou acrescentar. No sub-titulo Manuscritos (foi o sr. Homero Pires quem publicou a existência, na Biblioteca Nacional, do manuscrito inedito **O Livro de Fra Gondicario**) deve-se anotar a coleção de sessenta e tantas cartas dirigidas á mãe e á irmã do poeta e reunidas em volume encadernado. Muitas serão inéditas; segundo estou informado, acham-se no prelo e virão a lume, em breve.

O sub-titulo **Obras impressas** conscienciosamente composto á vista dos respectivos exemplares, nada deixa a desejar. Permita, todavia, o ilustre A. que em seu nome eu proteste contra a colaboração indesejável de compositores ou revisores. A' página 36, **in fine**, eu leio: "Quando, oito anos depois se imprimiram na Baía as **Espumas Flutuantes**, se teve o cuidado de uma edição mais ou menos parecida com a de Alvares de Azevedo, conforme se lê numa das cartas do amigo que ali dirigia a publicação do livro do poeta baiano, a quem ele, — o jornalista Augusto Guimarães assim escrevia: "Comprei um papel excelente e muito caro, melhor, como já te disse, que o da edição de Alvares de Azevedo". Até isto se imitava o poeta da **Lira dos vinte anos!**" Não posso crer que periodos tão confusos e se-seosos hajam caído da pena adestrada do sr. Homero Pires. Positivamente ele teve algum inimigo na revisão.

Porém, o cap. em que o ilustre A. se mostrou menos bem informado, foi o dedicado á **Iconografia**. Enumera como originaes:

"**Daguerreotipo** de Paris (sic) Alvares de Azevedo aos 18 anos.

Tela de Krümoltz.

Faculdade de Direito de S. Paulo: reprodução da tela de Krümoltz.

Desenho de Luiz Aleixo Boulanger".

Ora daguerreotipo de Paris não existe: era preciso que Alvares de Azevedo lá tivesse estado em carne e osso, e não simplesmente em pensamento.

O que existe, ou existiu, segundo informações de D. Maria Francisca, foi um daguerreotipo, tirado no Rio de Janeiro, em companhia de Honório, primo de Alvares de Azevedo, e filho do marquês do Paraná. Enviado a Paris, como até posteriormente se costumava fazer, de lá veio a tela, que D. Maria Francisca possuía, oval, idêntica á de Maria Luiza, pintada na mesma ocasião e pelo mesmo processo. Reprodução dêsse retrato, é o clichê que se encontra na p. 9 do folheto.

A tela de Krümoltz. Não vale repetir o historico dêste retrato, já por nós minuciosamente relatado.

A tela da Faculdade de Direito de S. Paulo: equivoca-se o A. supondo que é copia: é o original legado á Academia de Direito pela propria Mãe do poeta; é certo que o desleixo tradicional de nossa terra permitiu que o quadro, já mal cuidado e com a pintura rachada, certo dia caísse da parede e a tela se rasgasse. Foi então concertado, e, em 1917 ou 18, quando procedi a essas investigações, conversei com o encarregado da restauração, Graciliano Vicente Xavier, o qual me afirmou não ter sequer tocado na parte do rosto, porque estava perfeita.

Desenho de Luiz Aleixo Boulanger.

Este, sim, é uma copia do quadro de Krümoltz, trabalho fiel do infatigavel trabalhador, cuja figura simpatica e cujo triste destino, foram ainda ha pouco descritos, admiravelmente, como sempre, por Escragnolle Doria, na Revista da Semana. Avultando a notoriedade de Alvares de Azevedo, o desenho de Boulanger foi gravado em aço, e distribuido com o facsimile da assinatura. Como indica-

ções de autor e origem, lê-se abaixo da gravura: L. A. Boulanger, del. — Lith, de Alf. Martinet, rua da Ajuda 113. Não existe, portanto, desenho original de Boulanger.

Não terminarei estas observações sobre o Iconografia azevediana, sem revelar noticia que a mim causou emoção. Como se sabe, Alvares de Azevedo manejava com igual destreza a pena e o pincel, e num dia em que se achou mais pachorrento, pintou o proprio retrato. Datou-o e assinou-o com ésta observação: "feito ao espelho, a um espelho bom." Este precioso auto-retrato é inedito e poucos o puderam vêr.

Anotem-se, ainda: "A Cigarra" de Setembro, 1931, a melhor reprodução fotografica da tela de Krümoltz; a "Gazeta", que até Outubro de 1930 estava publicando, em rotogravura, ilustrações da "Noite na Taverna", de autoria de Badenes, notavel artista espanhol; "Vanitas", de Setembro, 1931, desenho de Orn (Oliveira Ribeiro Neto).

Aos Escritos e opiniões sobre Alvares de Azevedo deve-se acrescentar o soneto "A Alvares de Azevedo" de autoria de Batista Cepelos. Foi publicado pela primeira vez na "revista de literatura e arte", "A Musa", que na mesma primeira página traz uma bôa reprodução do quadro de Krümoltz e na p. 2 um artigo em que o malogrado poeta paulista lança a idea da ereção da herma do poeta, no Jardim da Luz: "Ele ficaria bem ali, naquele doce silêncio, sonhando e amando, á sombra de uma palmeira pensativa..." Esse número d'"A Musa, número de apresentação, é datado de Fevereiro de 1905. Seus redatores eram: Julio Prestes e René Thiollier, então estudantes. Que cigana, que feiticeira de ha um quartel, poderia ter desvendado o futuro que esperava Julio Prestes, o triste destino que espiava Batista Cepelos! René Thiollier, esse, permaneceu a mesma figura aristocratica de D. Jacinto, por vezes enjoado de fartura.

A. P. Lopes de Mendonça além das "Memórias de Literatura Contemporânea", Lisboa, 1855, ps. 318-324". (citado pelo A. á p. 64) — publicou sobre Alvares de Azevedo no *Arquivo Pitoresco*, t. 2.º, Julho de 1858, ps. 77 a 79, sob o título *Crítica Literaria*, noticia biografica, pela aparição do 2.º vol. das Obras.

Mais: o *Dicionario Universal Português* (Enciclopedia das enciclopedias) editado por Henrique Zeferino de Albuquerque, Lisboa, 1882, vol. 1.º, 2.ª parte, letras A-Q a A-Z, pags. 2.121 a 2.125.

Aponta o A. á p. 72: "José Vicente de Azevedo Sobrinho: "Alvares de Azevedo", (Apud Artur Mota, *Vultos e Livros*, primeira serie, etc.)

Não sei a que artigo alude o autor de *Vultos e Livros*. De meu primo José Vicente de Azevedo Sobrinho, conheço sobre Alvares de Azevedo, a "Nota do dia" LX, de 25 de Abril de 1916, no *Estadinho*; e a efemeride da Academia Brasileira de Letras, apontada pelo A. á p. 77. As Notas do dia registravam as efemerides da Academia Paulista de Letras, da qual José Vicente era membro fundador, e seguramente merecem relidas como tudo quanto proveiu daquele espirito gentil.

"Um retrato de Alvares de Azevedo" anotado á p. 74, saiu na *Revista do Centro Academico* 11 de Agosto, de 1917, e não no *Jornal do Comércio*, ed. de S. Paulo, de 2|3 e 9|4 de 917. Em seguida, bem como á pag. 75 ha repetições.

A derradeira parte do folheto dedicada aos *Depoimentos*, se não é completa, constitue um riquissimo repositório de opiniões e apreciações sobre o poeta.

Acrescente-se: "Alvares de Azevedo pesonifica um caso patologico que poderia acontecer em qualquer parte. E' um degenerado superior; e um estudo psiquiatrico sobre ele seria contribuição de preço para nossa historia literaria". etc. Magalhães de Azevedo, *Um livro romantico contra o ro-*

mantismo. "Estado de S. Paulo", de 4 de Abril de 1919.

Mais: J. Ferreira de Menezes, folhetim no *Jornal do Comércio*, Fevereiro de 1875: "Azevedo era um homem de letras, além de poeta, e os sonhos politicos atravessaram-lhe o espirito. Vivendo, poderia chegar a ser um chefe de escola literaria, um doutrinario pela historia e escreveria talvez a epopéa dos girondinos brasileiros, e, como Lamartine, iria aos comicios populares explicar num verbo de fogo as taboas da lei".

V. DE A.

CHRISTOVAM DE CAMARGO: *O inventor da apendicite e outros contos* (ed. A. C. Branco Filho, Rio, 1931).

Volume de quatorze contos impressos em papel muito bom, tendo na capa um desenho horrivel assinado Oswaldo Teixeira. Há de tudo: historias picante, histórias edificantes, dramaticas, anedoticas, insignificantes. A melhor se intitula "O mal de advinhar". O autor que gosta de mostrar o seu profundo conhecimento de Paris não deve nunca mais escrever "Magdelaine" referindo-se ao "boulevard" e á igreja.

O. G.

HILDEBRANDO DE LIMA: *Marés de Amor* (Civilização Brasileira Edit., Rio, 1931).

O sr. Hildebrando de Lima não quis significar com o título o que era o livro dele. Trata-se duma série de contos caracteristicos, quasi regionalistas (o A. é alagoano) em que cada conto junta uma história a um processo diferente de pescar ou á pesca duma qualidade especial de sêr aquatico. Passam a pesca das curimãs, a pesca á dinamite, a pesca das lagostas, a pesca em jangada no alto mar, a péga dos goiamuns, a viração das tartarugas etc. Como se vê o livro é engenhosamente ideado, como são bem ideados tambem muitos dos entrecchos. Os livros dêsse genero, afora o valor puramente lite-

rião que possam ter, são sempre muito bem vindos pela contribuição etnografica que trazem. E' pena que o sr. Hildebrando de Lima, que pela ideação das suas **Marés de Amor** parecia ter compreendido esse valor segundo, tão importantemente nacional do livro dele, tenha às vezes se deixado muito levar pelo drama e esquecido a descrição mais pormenorizada das pescarias. Fica-se a desejar conhecimento maior desse genero de vida que tem despertado enormemente a invenção de costumes brasileiros. A pesca e o boi são porventura as fontes mais ricas de originalidade brasileira da nossa vida popular.

L. P.

CHRISTOVAM DE CAMARGO: *Confraternização sulamericana* (Imprensa Nacional, Rio, 1931).

O autor (figura destacada entre os que se batem por uma melhor organização turistica e aproximação mais íntima dos países da America do Sul) reúne nesta brochura os discursos que pronunciou em outubro de 1929 como representante do Brasil no Segundo Congresso Sulamericano de Turismo, realizado em Lima. De volta á sua terra, "onde o sol satura de luz o cerebro dos homens e dá ao coração das mulheres a tepidez dos ninhos de colibri" (conforme assegurou em castelhano aos congressistas de Lima), recebeu merecida homenagem do Touring Club e Automovel Club do Brasil. O seu discurso de agradecimento, também reproduzido na brochura, é mais um hino á "terra misteriosa e sedutora, fascinante no segrêdo de suas matas impenetraveis, na beleza capitosa de suas mulheres, em cujos olhos o sol dos tropicos rasga a chama de todos os incendios!", etc.

O. G.

MARIA EUGENIA CELSO: *Vicentinho* (trad. francesa de Jean Duriau, Collection Deux Textes, Payot, Paris, 1931, 15 fr.).

Talvez seja pura coincidência, porém sempre é curioso de notar que o *Vicentinho* de dona Maria Eugenia Celso não passa duma parafrase em prosa do *Anjo Enfermo* do conde de Afonso Celso. A coisa parece feita de proposito, de tal forma a prosa se prende ao conteúdo do soneto famoso. Mesmo assunto principiado apenas um bocado antes, com o nascimento do anjo enfermo, no caso, o *Vicentinho*. A doença e o sofrimento da pobre mãe, as rezas etc. Ainda as qualidades são as mesmas: mesma delicadeza, mesma sentimentalidade incensuravel no caso, mesmo lirismo eminentemente redutivel a soneto. E o romance também, romance lirico, romance psicologico em que na vida exterior pouco se passa, e muito numa pobre alma. Uma vontade irreprimivel de protestar contra a parafrase leva a uma verificação primeira: a superioridade do *Anjo Enfermo* sobre o *Vicentinho*. Mas, bom-senso reagindo, é agradável verificar que o romance de dona Maria Eugenia Celso é uma das obras delicadas da nossa literatura, relatando com fidelidade as coisas gratas da nossa primeira infancia, a lamentavel gratuidade do amor das nossas mães brasileiras (causa mesmo um certo malestar...), sem grande profundiza psicologica, uma análise bastante pueril do desenvolvimento intelectual da criança de ano, e contém as primeiras palavrinhas da nossa boca. É uma lagrima sempre emocionante pra quem sabe não reagir por preconceito.

O sr. Jean Duriau fez do livro uma tradução bem cuidada, a que apenas escapou uma duziazinha de palavras mal interpretadas. Fez o possível pra deseloquentizar a lingua nossa e o estilo da escritora que contém invocações. Resultou um francêz ainda excessivamente colorido pra fran-

cês, o que dá na gente um sentimento curioso, quasi indefinivel, uma especie de vergonha da nossa lingua e uma vergonha franca de Euclides da Cunha e outras solaridades. Constatase ainda, com muito espanto, que a lingua francesa tão economica é mais comprida que a lingua brasileira. Ou portuguesa, si quizerem. De fato, pela opposição dos dois textos, o original e a tradução, frente a frente, a página do original é sempre de menor número de linhas e espera pelo francês. O que nos dá também uma sensação indefinivel, mas nitidamente agradável.

E' certamente um motivo de prazer ver-se uma obra nossa traduzida para uma das linguas universais. E esse prazer se fortifica quando o texto escolhido não deturpa a fisionomia da nossa literatura. **Vicentinho** é obra que representa bem o Brasil e toda a nossa gratidão vai para o sr. Duriau e á competencia do seu trabalho.

L. P.

ARTHUR BITTENCOURT: Iniciação Philosophica (Irmãos Ferraz, S. Paulo, 1931, 7\$).

Diz o autor no Prefácio que "existem entre nós compendios de Filosofia, alguns de real valor, mas ora demasiado resumidos, ora por demais extensos". E acrescenta: "Entre os manuais recomendamos, como incontestavelmente o melhor de quantos se publicaram em nossa lingua, o **Compendio de Philosophia** do dr. Henrique Geenen".

Pois me parece que o autor procurando o justo termo não fez mais do que resumir em regra sem habilidade o **Compendio** de Geenen (Livr. Teixeira, S. Paulo, 1927). Ou melhor: tenho absoluta certeza disso. Sua admiração levou-o á imitação. E o curioso é que no Prefácio do seu trabalho Henrique Geenen escreve: "Torno extensivo o meu agradecimento ao dr. Arthur Bittencourt, cujos conselhos e auxilio muito me valeram". De

forma que a gente fica sem saber se Bittencourt copiou Geenen ou tirou simplesmente do livro dèste a contribuição que lhe deu.

Porém é mais provavel que tendo colaborado com seus conselhos e ajudado o autor na feitura do **Compendio de Philosophia** se julgasse com direito a publicar uma **Iniciação Philosophica** toda ela calcada na obra do colega. No que e o que fez mal. Cacetissimo (para mim e para o leitor) apontar aqui exemplos. Mesmo porque por maior número que apontasse não conseguiria dar uma idea nem aproximada do modo servil por que a **Iniciação** resume o **Compendio**. Só lendo. E' claro que livros dêsse genero obedecem obrigatoriamente aos mesmos moldes. Mas é evidente que o autor da **Iniciação** não se contentou em seguir as linhas gerais: ainda os detalhes minimos foi buscar no **Compendio**. E fez resumo de um resumo porque o trabalho de Geenen (aliás elogiado por competentes) outra coisa não é.

Quero ainda observar que o autor da **Iniciação** tem tal fascinação pelo do **Compendio** que o imita até no ruim sistema de citar estropiando. Eu mesmo no n. 2 desta Revista, a proposito das **Palestras Philologicas** de Henrique Geenen, reproduzi uma estropição: "il maestro di coloro che sanno" por "il maestro de color che sanno". Pois Bittencourt repete a coisa: "Aristoteles, il maestro di coloro che sanno, diz Dante". Não diz. Quem diz assim é o professor Henrique Geenen.

O. G.

ALFONSO REYES: Discurso por Virgilio (Contemporaneos, Mexico, 1931).

Alfonso Reyes, embaixador do Mexico no Brasil, é um grande nome da literatura ibero-americana, talvez aquele que maior influencia universal tenha hoje. Prosador e crítico notavel, senhor de muita cultura, estilo de extraordinaria vivacidade e ideas saudaveis, curioso, estudioso e cioso

de tudo quanto diz respeito ao continente.

Neste **Discurso por Virgilio** prèga a necessidade do latim, a leitura de Virgilio que “es fermento para la noción de la patria”: “Quiero el latín para las izquierdas, porque no veo la ventaja de dejar caer conquistas ya alcanzadas”. Os ibero-americanos, banhados sempre pelas águas latinas, devem esperar com cautela, “saber esperar” a hora da America. Hora que não será de isolamento: a “intercomunicación, la continuidad es la ley de la humanidad moderna”. Está se processando a “nivelación de la tierra”, Oriente e Ocidente “se están fundiendo em buena hora, para nuestro uso y disfrute americano, en uno solo metal sintético”.

E’ preciso que o espirito latino, que “ha dado ya sus pruebas al mundo y ha demostrado su resistencia como continente de culturas”, se submeta, “en nuestra America, a la experiencia definitiva”. E Virgilio é o guia de que necesitamos, insuflador do “espiritu nacional”, cantor do trabalho agricola que “mitiga las llagas de la política” e do homem livre dono do campo que cultiva, mestre da “simpatia humana” que “abrazo, en su imensa órbita, las evoluciones de los astros que la diminuta vida perfumada de las abejas, y sabe acariciar, de paso, la bestia abatida por la epidemia”.

Assim êste **Discurso por Virgilio** é no fundo um discurso pela America, advertencia e apêlo de quem tem bastante autoridade para ser ouvido por todo um continente ainda quando só se dirige á sua patria.

O. G.

MATHEUS DE ALBUQUERQUE: O Homem entre Duas Mulheres (Livro. Lello Porto, 1931).

Desde a desencantada **Juventude de Anselmo Torres**, que o sr. Matheus de Albuquerque se fixara nessa especie de escritores cujo encanto maior

é o refinamento e a subtileza. Extremamente ligado á cultura francesa — o que lhe permite escrever umas linhas de macissa incompreensão sôbre os alemães neste seu romance atual... — essa cultura que tanto se compraz na medida e no meio-termo, lhe ajuntou á natureza expontanea, uma discreção, um equilibrio rarissimos em nossa literatura. Hoje de todos os escritores brasileiros de importancia, o sr. Matheus de Albuquerque é sem dúvida o que se mostra mais “raro”, mais prêso a um estesismo irremovivel, mais individualista, menos capaz de se interessar nas suas obras por qualquer problemas social do nosso tempo. E pela perfeição excepcional a que atingiu na estetica literaria que mais lhe conveiu, se tornou o “tôrre de marfim” mais realizado, mais felizmente sincero e porventura invejavel que se nos apresenta em lingua portuguesa. Nesse sentido **O Homem entre Duas Mulheres**, sendo a obra mais perfeita do seu autor, é tambem uma verdadeira obra-prima. Uma obra-prima levissima, admiravelmente expressa, dum equilibrio perfeito de proporções, escrita com aquela intensidade minima a que qualquer tom mais forte melindraria, porque o sr. Matheus de Albuquerque escreve com silencios. E’ incontestavel que jamais esta obra-prima do sr. Matheus de Albuquerque adiantará muito em nosso meio. O sr. Matheus de Albuquerque é o mais completo despaisado da nossa literatura contemporanea. Em França, onde toda a gente escreve bem por fatalidade, embora não diaria, é certo que aparecem, com certa frequencia, obras-primas identicas em genero e polimento a este **Homem entre Duas Mulheres** que o romancista pernambucano acaba de nos dar. No Brasil elas são mais que raras, não têm realmente grande necessidade funcional, e passam despercebidas. E’ uma pena que passem despercebidas pelo convite a uma maior tecnica de escrever romance que trazem comsigo.

Mas é também uma pena que o sr. Matheus de Albuquerque não queira ter mais força funcional, não escreva mais dentro do nosso ritmo e da nossa essência necessária. Porém como artista ele prefere ser o espelho deste **Homem** que por exagerada subtileza e fadiga do mundo exato, imaginou se achar entre duas mulheres que não passavam duma só Dora, também vaporizada pelo morbo do requinte intelectual. Como vive o seu herói, o sr. Matheus de Albuquerque escreve "sem paixão". Nem mesmo paixão pela literatura que pode ser tão respeitável como qualquer outra. Na verdade o sr. Matheus de Albuquerque, ainda como o seu herói, prefere deixar uma "impressão reticente", pouco nos cede de si, conserva a sua "alma intacta". E si é certo que como artista conseguiu uma perfeição admirável, o gênero de literatura a que se dedica, para nós é lamentavelmente discrepante e morbido.

L. P.

MARIO PEIXOTO: Mundéu (Tip. S. Benedito, Rio, 1931).

Depois de ler e reler este **Mundéu**, estou convencido que Mario Peixoto é a melhor revelação de poesia que tivemos este ano. E' certo que como contribuição de lirismo psicologico Mario Peixoto não traz aquele enriquecimento ao nosso acervo literario, que trouxeram, nos anos mais recentes, Augusto Frederico Schmidt e Murilo Mendes. Antes: que nem Jorge de Lima, o alimento lirico que move a criação da Mario Peixoto, vem duma alma que parece feita de muitas almas já existentes. Porém, como o poeta da "Negra Fulô", Mario Peixoto sabe criar poemas duma inteireza tamanha de forma a fundo, que são legítimas obras-primas. "Corôa Grande", "Cordilheira", "A Grande Curva", são poemas que enriquecem muito a nossa poesia contemporânea.

Dois elementos liricos principais formam a criação de Mario Peixoto e

a separam nitidamente em duas obras: a terra e o misterio. A separação é mesmo tão sensível entre "Cordilheira" e "A Grande Curva" entre "Corôa Grande" e "Ele", que a gente imagina a possibilidade, ou mesmo precisão duma mudança de poetica, de tecnica de versejar, para exprimir especies liricas tão dissemelhantes. Porém nisso está a intensidade excepcional de paixão que anima o poeta. Utilizando quer nos poemas nascidos da terra fluminense, quer nos que lhe vêm livremente do ser individual, urbano e civilizado, o mesmo jeito cancionero, a mesma rapidez dos metros curtos, que lembra extraordinariamente as emboladas e principalmente os martelos do Nordeste, essa unidade se justifica pela força convincente da expressão, por uma necessidade essencial de sublimar em poesia tendencias íntimas ou sensações determinadas. Aliás quando o poeta escapa do misterio ou da terra a sua poesia enfraquece bem como provam o "Baque" bastante facil como concepção ou o pensamentear metaforico e ingenuo da "Estrada que desce". Os poemas, digamos legitimos, de Mario Peixoto, se caracterizam especialmente pela rapidez. Se tem a impressão do jacto violento, golfadas irreprimiveis. São poemas que nascem feitos, explosões duma unidade às vezes excelente, em que o movimento plastico das noções e das imagens é incomparavel dentro da nossa poesia contemporânea. Nem mesmo Ascenso Ferreira realizou com tamanha intensidade essa plasticidade veloz. Ascenso Ferreira, como outros tantos veteranos da nossa poesia atual, estava ainda muito proximo do Parnasianismo e da inteligencia ao passo que Mario Peixoto, só agora atingindo a idade de razão, já encontra uma herança de experiencias feitas que o formam fora da pomposidade e lhe permitem ignorar a propria razão. A elasticidade da sua dição, a naturalidade com que escapa da análise gramatical e das convenções sintaticas é de deveras notavel. Serve

de exemplo, e é a melhor contribuição técnica do poeta:

E aquela noite
Malungo
Quem te ensinou
Que amor é folha verde de
[inhame

Salvina fugida
Porteira aberta
Mato amassado
Malungo
E a rede crua
Grande

ou ainda:

Nos carros de boi
Chiando na estrada
Na máquina grande
De debulhar
No moinho de roda
Fazendo fubá
Em todo lugar
Eu quieto
Olhando
A mente girando
Querendo esquecer
Querendo esquecer
Que tanto a mim tanto
Fizeram sofrer
E a roda rodando
Com a fôrça dagua
Fazendo fubá
Fazendo fubá...

Como se vê o poeta possui uma verdadeira mestria de expressão. Nele essa mestria não implica trabalho nenhum. Se apresenta com uma espontaneidade rara. O poeta se move entre técnicas, influências alheias, princípios estéticos com uma naturalidade que espanta. Confina ao mesmo tempo com a virtuosidade dos habilíssimos e a inconsciência dos fatais. E' que a sua mestria provém da força interior de quem tem realmente o que dizer e duma necessidade de poetar que é raro a gente sentir assim tão convincente. Si descreve ou historia, a sua intensidade de sugestão de ambientes ("Corôa Grande) ou de seres ("Cordilheira") é muito grande. E

quando se expressa a si mesmo, ou parece fazer isso, como no "Ele" e em especial na "Grande Curva", consegue uma comoção dramática, uma repercussão do grito admiráveis. Este poeta já nasce feito, como os seres bons.

M. de A.

PEDRO R. WAYNE: — Versos Meninos e a Lua (Of. Graf. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1931).

Eis um dos poemas dêste opusculo:

Aos domingos ia a (sic) missa.
Ia a (sic) missa por diletantismo,
Ia a missa somente por ser chic
E lá ficava até o fim, de pé...
Desde que te vi, porei, na missa
Eu vou a (sic) igreja só por devoção
Me ajoelho e rezo-te (sic).

O poema não foi escolhido de proposito. E' o último do livro, página 62, e aqui vai com a sincera intenção de agradar ao sr. Pedro Wayne, e informar os leitores. E inda tem coisas melhores no livro. De resto o autor qualificando de meninosos os seus versos e evocando a Lua que não possui mares profundos denunciou maravilhosamente o seu lirismo atual. O que é merito rarissimo.

L. P.

Carta á Direção

A proposito da nota de M. de A. sobre os Estudos (4.ª serie) de Tristão de Athayde, publicada no n. 3, recebemos várias cartas de que o articulista tomou conhecimento. Eram no geral comunicações oferecendo mais documentação sobre a irreligiosidade do povo brasileiro. Como o intuito do articulista era não êsse, mas sim estudar a personalidade do autor dos Estudos, essa documentação, muito bemvinda, foi guardada para trabalho futuro desta Revista. Entre essas cartas vinha porém a que publicamos em seguida, por desfazer um engano

do articulista. Quanto á expressão “briga de familia” empregada por M. de A. para classificar o linchamento de Araraquara, não houve a minima intenção pejorativa no articulista. E’ a expressão que ele empregaria para classificar as... brigas entre os Pires e Camargos paulistas, os Tomazes e Terriveis cearenses, os Davilas e Ocampos argentinos. E foram mais crueltas que a de Araraquara.

E’ esta a carta:

“Leio na **Revista Nova**, com a responsabilidade de M. de A.: “... basta aqui lembrar que os dois Britos sergipanos, sacrificados á sêde dos seus inimigos, não tiveram sepultura no cemiterio regular da cidade, mas nou- tro bem afastado, onde se tinha enterrado os mortos da epidemia de febre amarela”.

Há engano aqui.

Ao tempo daquela epidemia (1895, 1896 e 1897) o cemiterio municipal, ou de São Bento, unico no municipio, foi **interditado** pela autoridade sanitaria estadual — (que aqui exercia então poderes discretionarios) — sob o fundamento de que partiam dali os miasmas (sic!) que contaminavam a cidade.

Lacrrou-se o portão do cemiterio. E a Camara, a todo vapor, tratou de arranjar outro terreno, bem distante da cidade, como exigiu a mesma autoridade sanitaria, onde pudesse dar sepultura aos mortos.

Comprou o terreno; e no seu ambito fechou a muros duas quadras afastadas uma da outra. Uma desas quadras foi destinada para os mortos **contagiados da febre reinante** —eufemismo com que a si mesmas se iludiam as estarrecidas testemunhas da tremenda hecatombe. A outra, tornada desde logo o **unico cemiterio regular da cidade**, destinou-se aos mortos **não contagiados**. Nesta última quadra, hoje conhecida com o nome de **Cemiterio dos Britos**, tiveram estes sepultura, a poucos passos aliás daquela que, 7 dias antes, recebera os despo-

jos do chefe politico, capivariano de nascimento, cuja violenta atuação deu causa á tragedia que M. de A. chama uma “briga de familia”.

A confusão ou engano que a esta hora a **Revista Nova** largamente divulga no Brasil e lá fora, nada monta para demonstração da tese que M. de A. erudida e proficientemente sustenta. Mas — hélas! — acrescenta um anelzinho odioso aos grilhões que, ha 34 anos, um grupo de capivarianos, chefiado por dois ou três mineiros, atou á boa-fama da minha terra... Permitirá M. de A. que a pesada calcêta permaneça para sempre acrescida daquele anelzinho odioso? — Velho Araraquarano”.

RECEBEMOS:

— Alves Campos: “Discromatopsias” (tese de doutoramento, Tip. Alm. Laemmert, Rio, 1931).

— “La Vie Intellectuelle” (Juvisy, França), ns. 2 e 3, de setembro, e 1, de outubro.

— “Cronica de arte” (pbl. do Museu Provincial de Belas Artes, La Plata, Argentina), n. 1.

— “Orto” (Manzanillo, Cuba), ns. de agosto, setembro e outubro.

— “Nosostros” (Buenos Aires, Argentina), ns. 268, de setembro e 269, de outubro.

— “Repertorio Americano” (San José, Costa Rica) ns. 549 e 550.

— “Le opere e i giorni” (Genova, Italia), ns. de setembro, outubro e novembro.

— “Europe” (Paris, França), n. 15 de agosto.

— “Revista de Estudos Juridicos e Sociais” (Rio de Janeiro), v. II, n. 4.

— “Seara Nova” (Lisboa, Portugal), n. 255.

— “Brasil-Polonia” (Rio de Janeiro), ns. 5, de agosto, e 6, de setembro.

— “Portucale” (Porto, Portugal), n. 22, de julho-agosto.

— “Novidade” (Maceió, Alagoas), ns. 1 e 2.

— “Índice” (San Juan de Puerto Rico), n. 27, de junho.

— “Folha dos Novos” (Fortaleza, Ceará), n. 3, de setembro.

— “Arquivo Histórico da Madeira” (Funchal, Ilha da Madeira), v. I, n. 2.

— “La Revista Económica Sudamericana” (pl. da União Industrial Uruguiaia, Montevideo), n. 8, de agosto.

— “Monterrey” (Correo Literario de Alfonso Reyes, Rio) n. 6, de outubro.

— “Vortice” (Revista Universitaria, Puerto Rico), n. 19, de setembro.

COLABORADORES DÊSTE NÚMERO

Alberto Rangel — historiador e novelista pernambucano, autor de

“Pedro I e a Marquesa de Santos” e “Inferno Verde”.

Carlos Drummond de Andrade — poeta e jornalista mineiro, autor de “Alguma Poesia”.

Manuel Bandeira — poeta e jornalista pernambucano, autor de “Libertinagem”.

Antonio Piccarolo — catedrático da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia.

Osorio Cesar — médico do Hospital de Juqueri (São Paulo).

Alfredo Ellis (Junior) — da Academia Paulista de Letras, autor de “O Bandeirismo paulista e o recuo do Meridiano”.

Sergio Buarque de Hollanda — nascido em São Paulo, bacharel em direito, crítico e jornalista no Rio de Janeiro.

Amadeu Amaral Junior — jornalista em São Paulo.

Brasiliiana

1 - O alcance social e moral da mendicidade

“AVISO

O cidadão coronel Manuel Rabello, Interventor Federal no Estado de São Paulo, fez expedir o seguinte aviso, datado de 26 do corrente:

“São Paulo, 26 de novembro de 1931.

Cidadão Secretario da Justiça e Segurança Publica dr. Florivaldo Linhares.

Considerando que se não deve desconhecer o alcance social e moral da mendicidade, quando éla é dignamente exercida;

considerando que qualquer cidadão pôde estender a mão á piedade, implorando a generosidade dos irmãos;

considerando que quem péde, em publico, geralmente demonstra superioridade de sentimento, por ter de comprimir o orgulho e a vaidade;

considerando que a esmola beneficia tanto o coração de quem a péde como o de quem a dá;

considerando que a recusa ao trabalho não é um vicio peculiar ás classes pobres;

considerando que a contemplação da sociedade demonstra que o maior numero de vadios é formado pela burguezia;

considerando que os mendigos, vivendo da bondade alheia, são moral e socialmente uteis, enquanto são nocivos os ricos ociosos, que vivem em

pleno desregramento moral sem nada produzirem;

considerando que é covardia e falta de generosidade tratar os mendigos como si entre eles, mesmo excecionalmente, se encontrassem os maiores hypocritas e os maiores exploradores;

considerando que existem exploradores em todas as classes sociais;

considerando que, si ha falsos mendigos, o numero destes é sempre muito diminuto, e que nem assim deixam de produzir em outrem reações altruistas;

considerando que não basta a robustês, de que alguns mendigos parecem dotados, para assegurar-se que o seu aparelho cerebral seja são;

considerando, assim, que o pretender-se julgar, pela apparencia, si o individuo necessita, ou não, de mendigar, pôde induzir a grave erro;

considerando que muitas vezes o mendigo concorre, com a sua presença, para a manutenção da ordem, evitando muitos crimes;

considerando que ocultar os mendigos aos olhos dos forasteiros é querer iludir a estes quanto á anarquia social em que todos os occidentais vivemos;

considerando que o mendigo é um programa, que desperta a atenção, mesmo dos corações mais duros, para os problemas em pról da felicidade humana;

considerando que nada nos pôde mais comover do que o sofrimento alheio;

considerando que é um dever fundamental o respeito á mulher, em qualquer situação social em que se encontre;

considerando que embóra, em principio, a esmola deva ser dada, ninguém é a isso obrigado;

considerando que a dignidade da mendicidade escapa — como a de qualquer outra função proletaria — á competencia judiciaria dos órgãos do governo e está unicamente sujeita ao juizo da opinião publica;

considerando, portanto, que violar o livre exercicio publico da mendicidade é um monstruoso crime de lesa-humanidade;

determino que ninguém, sob o simples pretexto de exercer a mendicida-

de, sofra qualquer constrangimento em sua liberdade; que, quando, por motivo insofismavel de ordem, algum mendigo dever ser afastado do ponto onde se ache, a autoridade competente o faça com todo o cavalheirismo, ainda mais em se tratando de uma senhora, e, finalmente, que só se procure dar asilo aos mendigos que livremente o solicitarem.

Peço, pois, que vos digneis de tomar as providencias que são necessarias para o fiel cumprimento da presente comunicação.

Saude e Fraternidade.

CORONEL MANUEL RABELLO

Interventor Federal".

(Do "Diario Oficial do Estado de São Paulo", n. de 28-XI-1931).

Resenha

Escravidão e Miséria

O tráfico dos negros da Africa pelos brancos

“Que é que nós não vimos no tempo dos antigos? perguntam os negros do Congo á maneira de adivinha.

— E’ a coisa amarga! Isto é: a chegada dos brancos”.

No momento em que a questão da escravidão e do tráfico preocupa a Sociedade das Nações, em que inqueritos minuciosos estudam as modalidades do trabalho forçado e da servidão, e continuando ainda a escravidão em nossos dias a ser uma realidade, é util focalizar a “coisa amarga” lembrando algumas páginas dessa história odiosa. (1)

A escravidão, sem dúvida, não foi inventada pelos brancos: existia antes da chegada deles á Africa. Mas foram os brancos que a desenvolveram desmesuradamente, dando-lhe organização legal e comercial.

As Ilhas Canarias foram descobertas em 1312 pelo genovês Lanzorato Malocello, a serviço da Espanha. No tempo de Henrique o Navegador, os por-

tugueses atingem Cabo-Verde em 1447 e a tarifa dos escravos é tão remuneradora que já a 8 de agosto de 1444 se fundava em Lagos uma Companhia para sua exploração. O tráfico principia. Instalam-se estabelecimentos que enviam para Portugal até 500 escravos cada ano. No dizer de Eustache de la Fosse de Tournay, que navega por 1479, uma mãe e sua criança valem “un bachyn de barbieur et trois ou quatre grands anneaux de letton d’achapt” e são vendidos por “12 ou 14 poix d’or, et chascun poix est trois estrelins d’or quy estoit bien grand gaing”.

A venda é tão lucrativa que provoca em 1475 uma guerra entre Espanha e Portugal. Este fica detendo o monopolio do tráfico na costa ocidental da Africa. Alguns anos mais tarde, em agosto de 1482, Diogo Cão descobre o estuario do Congo e negocia com o rei do país, quando a descoberta do Novo Mundo abre um imenso mercado ao tráfico. Os indios são maus trabalhadores: quatro deles não valem um negro. E os traficantes entram logo em atividade. No seculo 16 constituem-se Companhias particulares que se incumbem do transporte da nova mão-de-obra sob a fiscalização do Estado espanhol e mediante o pagamento de licenças á entrada do

(1) A maior parte dos dados dêste estudo é tirada do livro grandemente documentado do R. P. Rinchon, capuchinho: *La traite et l’esclavage des Congolais par les Européens*, 1929. O autor traça a história do tráfico no Congo e Angola portugueses, que foram os maiores fornecedores de escravos da Africa.

país: dois ducados por cabeça, mais os direitos de importação. Ao menos em teoria, porque a fraude é fácil. Além disso, os portugueses devem abastecer o Brasil, descoberto em 1500 por Alvares Cabral. Em toda a parte a procura é superior á oferta. Tão sómente em Lisboa, para uma população de 100.000 almas, contam-se 9.500 escravos. Em 1520, mais ou menos, a cultura da cana de assucar em São Tomé podia empregar um contingente de escravos 30 ou 40 vezes superior em número. Por mais que os negreiros empilhem sua mercadoria humana, as caravelas são insuficientes para transportar as encomendas.

No seculo 17, os Estados substituem as Companhias privadas: a Holanda, a Inglaterra, a França (estabelecida no Senegal desde o seculo anterior) surgem com suas frotas para fazer concorrência a Portugal e Espanha. Em 1602, os holandeses fundam a Companhia das Indias Orientais e se apossam das feitorias portuguesas nas Indias. A Companhia das Indias Ocidentais, fundada em 1621, expulsa os portugueses do Brasil e toma o Rio de Janeiro. (*) Em 1641, a queda de Loanda lhe assegura o comércio dos negros do Congo e de Angola. Comprados por 40 a 50 florins, os negros são vendidos no Brasil por 200 a 800 florins. De 1636 a 1645, fim da dominação holandesa, 23.160 negros alcançam a soma de 6.714.423 florins.

A exploração da Guiana e das Antilhas intensifica o comércio. Só o Congo fornece 15.000 escravos anualmente.

A Inglaterra faz prodígios com o encorajamento dos soberanos e o apoio do Parlamento. O tratado de Utrecht (1713) consagra seu triunfo sobre a Espanha e a França. A Companhia inglesa da Guiné desenvolve ativamente os negocios, incumbindo-se de introduzir nas colonias espanholas 144.000

“peças da India” no prazo de 30 anos, á razão de 4.800 por ano. A caça dos escravos estende-se naturalmente em proporção e avança cada vez mais para o centro da Africa, pondo de lado toda exploração do solo, como a das minas de Lombije, que um “aviso” português de 13 de novembro de 1761 vota a “um esquecimento perpetuo”. O material humano dá maior lucro!

Os franceses não ficam atrás de seus rivais. Estabelecidos de preferência ao norte do Congo, ocupam honrosamente seu lugar nesse nobre tráfico. De cerca de 3.000 no seculo 17, o número de negros extraídos por eles do continente africano sobe a mais de 8.000 por ano aí por 1750 e a 35.000 em 1789.

Em 1778, de 104.000 escravos africanos, os ingleses transportam 53.100, os franceses 23.500, os holandeses 11.300, os portugueses 8.700, os colonos americanos 6.300, os dinamarqueses 1.200.

Em 1789, os escravos assim se dividem: 673.500 nas colonias francesas e 467.353 nas inglesas; as espanholas possuem 116.923 e as holandesas 72.963; de sua parte o Brasil emprega 600 mil e os Estados Unidos perto de 700 mil.

Entretanto, o apogeu do tráfico só se atinge no seculo 19. Embora a Inglaterra, sob a pressão de Wilberforce, W. Pitt, Granville, Fox, proclame em 1807 a abolição do tráfico, que Portugal e depois a França de Luis XVIII (em seguida á decisão do Congresso de Viena) ratificam, o tráfico se desenvolve em proporções desconhecidas até então. O decimo relatorio da Sociedade Inglesa e Estrangeira para a Abolição da Escravidão dá as seguintes cifras para toda a Africa: de 1798 a 1805 a média anual é de 85.000 escravos; de 1815 a 1817 sobe a 106.000. Apesar da organização em 1819 dos cruzeiros de vigilancia, o número não desce senão a 103.000 e torna a subir a 125.000 entre 1825 e 1830, para atingir finalmente 135.000 dez anos mais

(*) Erro evidente de história, que por motivo facil de compreender não se quis corrigir na tradução.

tarde. E essas estimações estão muito abaixo da realidade.

Enquanto isso, a abolição da escravidão é decretada em 1833 pela Inglaterra, por Portugal em 1835 e em 1848 pela França. Os negreiros se transformam de comerciantes matriculados em contrabandistas, a mercadoria encarece diante dos riscos e o tráfico prossegue. No que se refere ao Brasil unicamente, Buxton avalia em mais de 78.000 o número de negros importados cada ano. Em 1852, os escravos de propriedade dos brancos atingem o número de 7.583.000.

Mais do que as medidas coercitivas, os fatores economicos entravam o comércio de escravos. Os progressos industriais, sobretudo, exigem uma mão-de-obra qualificada e paga, mas de rendimento maior, ao passo que "o tráfico dos negros é na história do trabalho, um dos fenomenos mais característicos de economia destrutiva". (2) Se bem que o tráfico decaia sem entretanto desaparecer completamente. Ainda hoje ele se pratica, entre outras regiões, na Angola portuguesa, sulcada pelas caravanas que se dirigem para os mercados de escravos.

O resultado disso é o reino do Congo sangrado até a exaustação e a capital, São Salvador, que contava 40.000 habitantes no século 16, transformada num monte de ruínas onde vivem 700 negros e uma dúzia de brancos. A região de Stanley-Pool, duas vezes maior do que a Holanda, alimentava um milhão de habitantes quando Stanley a atravessou pela primeira vez. Alguns anos mais tarde, os traficantes abateram-se sobre ela: do milhão não restavam senão 5.000 negros. Um dos salteadores, para capturar 50 mulheres, arrasou 6 aldeias e matou 1.500 habitantes. (3) Estabelecendo o total aproximativo, chega-se ao nú-

mero horripilante de 13.250.000 negros exportados do Congo desde o século 16 até o 20.

Resta-nos descrever em que condições materiais o foram. Para melhor avaliar o seu horror, acompanhemos um navio negreiro em uma de suas travessias no princípio do século 19. De acordo com os seus armadores, o capitão prepara tudo para a viagem, recruta sua equipagem e junta as mercadorias que servirão de moeda de troca: tecidos, colares e outras bugigangas de vidro, fusis, pólvora, aguardente, barras de ferro, sabres, facas, etc. Em seguida, faz-se de vela para um dos portos do Congo: Cabinda, Loanda, Ambriz. Apenas desembarcado, o capitão negocia com o "mafouc", intendente geral do comércio por conta do soberano do Congo, obtem cabanas e faz construir no meio delas sua propria moradia. Tudo pronto, a golpes de "gongon", grande sino de ferro munido de um cabo, anuncia-se pelos arredores a chegada do navio e abertura do mercado.

Os escravos foram levados ao lugar pelos mercadores. A proveniencia é vária: muitos são prisioneiros de guerra, de que constituem ás vezes a unica razão, ou então tomados pelos chefes indigenas ou pelos brancos, quer dizer capturados e acorrentados sem outra formalidade, ou ainda condenados por crimes tais como o roubo de uma galinha, a menos qua por cupidez o pai não haja trocado sua mulher ou seus filhos por um fusil ou um boi. Uma vez reunidos, os desgraçados são conduzidos á costa. Centenas de quilometros a percorrer através da floresta virgem, em fila pela estreita senda atravancada de lianas, ramos, troncos de árvore, em que a caravana se estende. Os cativos têm ás vezes os movimentos livres, mas são mais frequentemente acorrentados por fileiras de dez ou amarrados por longas varas que lhes prendem o pescoço. Os que opõem resistencia trazem continuamente um pau comprido terminado em forqui-

(2) Capitan et Lorin, *Le travail en Amérique avant et après Colomb*, p. 354.

(3) G. Goyau, *Le Cardinal Lavigerie*, p. 202.

lha preso atrás da nuca, permitindo derrubá-los e sufocá-los ao menor gesto suspeito. Muitos têm os ossos expostos pelo friccionamento dos ferros, as feridas se inflamam e gangrenam.

São naturalmente numerosos os que desfalecem no caminho; a desencadeá-los, corta-se de preferencia o braço dos que tombam e vai-se adeante. E' a perda prevista. "Se a gente se extraviasse do caminho que conduz da Africa equatorial ás cidades onde se vendem os escravos, (dizia um explorador), seria possivel encontrá-lo facilmente pelas ossadas dos negros que a marginam". Chegados afinal, os escravos são amontoados em grandes depósitos de bambú. Dai os conduzem ao mercado.

O capitão já pagou o exigido pelo "mafouc" e pelo reizinho indigena, além dos direitos de trânsito e entrada. E a venda começa. Um a um, os escravos são examinados, apalpados. O estado de sua dentadura, a qualidade dos olhos, a flexibilidade dos musculos são objeto de minuciosa inspeção. O escravo é obrigado a andar, correr, saltar. Porque as fraudes são numerosas e cada negociante trata de enganar o outro. Aos velhos, por exemplo, raspam-se a cabeça e o queixo que se esfregam com polvora de canhão para obter uma tez negra que engana os mais expertos. O negreiro Degrandpré, que se deixou lograr uma vez, fazia depois lavar com agua morna aqueles cuja idade não lhe inspirava confiança. Em seguida se debate o preço e o negócio é afinal concluido com o "mafouc", que o ratifica medeante abundantes doses de "tafia" (4) generosamente oferecidas pelo comprador, que procura tirar proveito da embriaguez do vendedor. Por seis "peças da India" (5), De-

(4) Aguardente grosseira extraída da cana de assucar.

(5) Uma "peça da India" é um escravo de 1 m. e 82 cms., não tendo defeito fisico nenhum e de idade de 20 a 25 anos, ou então diversas cirnças ou adultos totalizando essa medida.

grandpré, por exemplo, deu em fins do seculo 18 dois fusis e quatro barris de polvora; e um guardasol, uma tanga de seda e uma peça de pano por seis outras peças.

Logo depois de comprado, o escravo é marcado com ferro em braza. A face, o estomago ou o braço são esfregados com sebo e cobertos com um papel oleoso sôbre o qual se applica a fina lamina de prata que tem a marca. A carne incha imediatamente e o monograma fica desenhado em relêvo, para sempre indelevel.

E enquanto se dá aos vendedores o preço convencionado, o gado humano é empurrado para dentro dos barracões do novo proprietario, construções de bambú de 65 metros de comprimento por 25 de largura, onde esperará o embarque, amarrado, os homens dois a dois pelo tornozelo e as mulheres por correntes presas ao pescoço. Nesse retangulo de 1.600 metros quadrados chega-se a empilhar 1.600 escravos, que a falta de higiene e as epidemias reduzem logo a um terço ou metade. O nascimento é ai proibido e os pequeninos seres que violam a proibição têm sem demora a cabeça esmigalhada entre duas pranchas. Aliás, como não é possivel sustentar bocas inuteis, os não vendidos terminando o mercado são friamente degolados pelos traficantes locais. E são os privilegiados, porque os outros vão subir a bordo.

A dar credito ao negreiro Degrandpré (6), que quer passar por um filantropo, os escravos são muito bem tratados. Homens e mulheres são collocados de um e outro lado de uma larga trincheira de borda, de 8 pés de altura, guarneçada de pregos. Os marinheiros vigiam constantemente e dois canhões, carregados com metralha, são dispostos de forma a varrer a ponte em caso de rebelião. Se bem que o costume seja de acorrentar os pri-

(6) Degrandpré, *Voyage à la côte occidentale d'Afrique fait dans les annés 1786 et 1787* tome II, p. 65 e s.

sioneiros, ele Degrandpré os deixa livres, os faz dançar e cantar duas vezes ao dia. Para arejar a entreponte, faz-se uma abertura gradeada de ferro, com 8 pés de largura, no centro da ponte. Para dormir, os escravos, nús por higiene (!), não possuem "d'autre matelas que leur graisse". Em materia de mobiliario, cada qual traz ao pescoço seu número gravado sôbre um pedaço de chumbo ou madeira, e uma colher. A alimentação consiste em duas rações de favas fervidas, temperadas com um pouco de sal e pimenta, tudo misturado com água, "alimentação frugal mas sã", segundo a "alma sensível do capitão", "alimento farinaceo que se adapta bem a todos os estômagos"! Finalmente há algumas distribuições de tabaco para evitar o escorbuto, ao que parece, e, em pagamento de chapéus e cestas trançados com lataneiro, um pouco de "tafia" e biscoito.

De fato, o quadro é levemente idílico e despertaria as lágrimas de Rousseau. Mas a realidade é outra. Thomas Clarkson, que descreve a vida a bordo de um navio negreiro inglês nesse mesmo fim do século 18, traça um quadro menos encantador: a entreponte tem 1 m. e 72 cms. de altura; cada escravo tem direito a 1 m. e 82 cms. numa largura de 40 cms. se é um homem; 1 m. e 75 cms. numa largura de 40 cms., se é uma mulher; 1 m. e 37 cms., se é uma menina. Os homens são acorrentados dois a dois por um dos pés e pelo pescoço e devem conservar-se deitados. Quando o tempo favorece, são levados para a ponte e aí, sempre acorrentados, obrigados a dançar á custa de chibatadas para estimular os entorpecidos. Se o mar está bravo e é necessario fechar as escotilhas, a atmosfera torna-se imediatamente irrespiravel e muitos morrem por asfixia.

No século 19, a situação é ainda peor. No século do maquinismo é claro que tudo se deve industrializar. Para ganhar espaço e tempo, que se transformarão em ouro no fim da

travessia, os navios são sobrecarregados. A lei concede generosamente 5 negros para cada 3 toneladas. (7) Na prática o capitão interpreta largamente: um navio de 300 toneladas, podendo conter 450 negros, recebe 600. Os ingleses, bons comerciantes, nisso se distinguem particularmente. Os homens são acorrentados e, mais ainda, amarrados na ponte. O regulamento determina uma estada diaria ao ar livre. Mas no século 19 é abolida e os escravos obrigados a uma imobilidade rigida durante 5 a 6 semanas de travessia. O comércio tem dessas necessidades! Sacrifica-se tudo afim de conseguir maior espaço para a carga humana, inclusive os viveres, pois uma experiencia secular permite calcular o minimo de ração possível. Verificou-se, assim, que é suficiente um copo d'agua cada três dias para impedir a morte de um homem. Já não são também 300 toneladas que transportam 600 escravos. Com 200 carregam-se 900 negros. E' preciso dizer que se calcula a perda, variando entre 1/3 e 2/5, salvo no caso de qualquer contratempo desagradavel, como uma epidemia ou revolta a bordo que obriga a metralhar toda a escravaria, ou calmas prolongadas que exgotam os viveres, ou então uma tempestade, ou ainda o aprisionamento por um cruzador, forçando o capitão a se desfazer de toda a carga ou parte dela, como aconteceu no rio Calabar para alegria dos tubarões e crocodilos que acompanhavam o navio perseguido.

Sem nenhum exagêro, pode-se calcular em mais de cinco milhões o número de escravos, do Congo unicamente, mortos durante as travessias.

Entretanto o navio se aproxima da terra e a capitão dá as ordens precisas. Aumenta-se a ração diaria dos sobreviventes, raspam-se as barbas e os cabelos, distribui-se oleo de palmeira, faz-se o possível para que os negros

(7) A tonelada equivale a 2 ms. e 83 cms. cubicos.

cantem medeante a promessa de mil e uma maravilhas logo após a chegada.

Uma testemunha, o doutor Cliffe, descreve o desembarque dos infelizes, que precisam ser carregados, pois seu abatimentó não permite que se mantenham de pé. "Os braços se acham desprovidos de toda a parte muscular: são ossos cobertos de pele. O ventre protuberante e como que inchado por molestia... Têm o ar abobado, hostil... Em grande número, feridos, cobertos de grandes ulceras, de doenças cutaneas profundamente repulsivas. O bicho-do-pé cava através da epiderme e até dentro da carne seus horriveis refugios".

Impõe-se, assim, um periodo de descanso, para que os escravos restaurem suas fôrças, antes da revenda aos plantadores. Durante estes quinze primeiros dias, morrem ainda 4 a 5 %, e 25 a 30 % durante os primeiros anos de aclimação. Stunlay, um escravagista, confessa em 1791 "que a metade morre muitas vezes devido ás molestias locais".

Com numeros sempre inferiores á realidade, convem não esquecer, o P. Rinchon fez o cálculo seguinte:

De 1.000 escravos, 2/10 morrem no momento da captura, durante a marcha e detenção na costa, portanto	200
Dos 800 embarcados, 4/10 morrem na travessia, portanto .	320
Dos 480 desembarcados, 3/10 morrem no primeiro ano, portanto	144

O que representa uma perda de 664, e 336 sobreviventes.

A venda, porém, não deixa de ser lucrativa. As despesas gerais são largamente cobertas e o beneficio bastante tentador. Com as declarações de negreiros capturados, Bouet-Willaumez balanceia os negocios de um brigue-escura aprisionado em 1847 mais ou menos. A despesa total para um carregamento de 600 negros sobe a 39.195 piastras (a piastra vale 5 fr.). Todas as

despezas pagas, o beneficio da viagem atinge 99.805 piastras, ou 523.976 francos-ouro.

Uma vez desembarcados, os escravos são empregados na cultura do tabaco ou sobretudo da cana de assucar, que exgota menos a terra.

A cana de assucar e as refinações empregam a maioria. Os detalhes mais sugestivos fornece-os o P. Labat, dominicano, plantador e usineiro das Antilhas, nos primeiros anos do século 18.

A exploração do assucar demanda toda uma instalação com serviços e máquinas, cujo carater rudimentar exige numeroso pessoal. Uma "habitação" compreende o jardim, onde se planta a cana, o moinho onde ela é moida, e os fornos que fabricam o assucar, de que existem dez qualidades conforme a refinação. Ao lado, ficam a casa do proprietario e as cabanas dos negros. Mais longe, estendem-se as pastagens dos animais e os cercados onde são recolhidos. O regime é o do trabalho forçado para toda a vida, apenas interrompido durante o dia para engulir alguns inhames e batatas e durante a noite para dormir três ou quatro horas, "sobretudo na estação do petum" (tabaco). O dia de trabalho é de dezoito horas. "Das seis horas que em duas noites seguidas eles têm para dormir, (diz o P. Labat), devem tirar o tempo necessario para cear e tambem ás vezes para procurar carangueijos com que se alimentem". As mulheres são geralmente empregadas nos moinhos acionados por fôrça hidraulica ou cavalos. Seu trabalho consiste em colocar a cana entre os tambores, que a puxam e moem. Não raro as desgraçadas, vencidas pelo sono, têm a mão presa e o braço esmigalhado. Para tais casos, há sempre ao alcance das mãos um podão bem afiado com que se corta o braço das descuidadas, limitando assim o desastre. Além disso, faz-se com que os trabalhadores fumem e cantem para mantê-los acordados e impedir que os negros incumbidos de escumar

as caldeiras caíam dentro delas e estraguem o assucar.

O alojamento é rudimentar: uma cabana estaqueada coberta de sapé, tendo por leito um estrado e por colchão algumas folhas de baliseiro.

Quanto á alimentação, raramente o proprietario fornece o que determinam os Codigos negros: a carne salgada, o bacalhau e o pequeno gole de aguardente pela manhã não existem senão no papel. O mais das vezes, o patrão resume sua generosidade em conceder um pedaço de terra e um pouco de tempo por semana, aos sabados, para que os escravos possam semear e colher batatas, ervilhas e inhames, especies de grandes beterrabas, cosidas

na agua ou na braza.

O escravo, durante sua vida inteira, fica sendo uma coisa, um "movel" como dizem os textos juridicos, sem familia e sem lar, que se pode vender ou legar e cuja obediencia se obtem pelo medo.

A gente concebe assim facilmente o que devia ser o estado moral dos escravos, sua depravação e estupidez, apesar dos esforços do padre e do missionario, e treme pensando na pesada dívida de justiça contraída pela humanidade.

HENRI FERRAND.

(trad. do n. de 10-X-931 de "La Vie Intellectuelle").

Indice do volume I

(As páginas 1 a 148 correspondem ao n. 1, de março;
149 a 308 ao n. 2, de junho; 309 a 512 ao n. 3, de se-
tembro; e 513 a 660 ao n. 4, de dezembro de 1931)

Afranio Peixoto — A originalidade de Alvares de Azevedo .	338
Alberto Rangel — Cruêra (I)	517
Alfredo Ellis (Junior) — Populações Paulistas (I, II e III) 50, 228 e	582
Alvares de Azevedo — O Livro de Fra Gondicario (parte III, caps. I, IX, X, e XI)	315
Amadeu Amaral Junior — Superstições do povo paulista (I e II) 478 e	621
Antônio de Alcântara Machado:	
As cinco panelas de ouro (conto)	237
Esbôço de uma introdução á economia moderna de Al- ceu Amoroso Lima (nota)	124
Res nostra de J. Pandiá Calogeras (nota)	125
Viagem ao Brasil de Hans Staden (nota)	125
Dialogo das Grandezas do Brasil (nota)	126
9 Puetas nuevos del Brasil de E. Bustamante y Ballivan (nota)	126
Voyage de La Pérouse autour du monde (nota)	127
Caminhos antigos e povoamento do Brasil de J. Capis- trano de Abreu (nota)	284
O Brasil na história de M. Bomfim (nota)	284
Ensaio de Fernando de Azevedo (nota)	292
A Provincia de São Pedro de João Pinto da Silva (nota)	498
Alvares de Azevedo de V. de P. Vicente de Azevedo (nota)	630
Antonio Piccarolo — Um engenheiro italiano na descoberta das minas brasileiras	544
Artur Mota — Alvares de Azevedo	397
Astrojildo Pereira — Manifesto da contra-revolução	213
Aurelio Gomes de Oliveira — Alvares de Azevedo poeta . .	430
Azevedo Amaral — Alvares de Azevedo, o unico romantico bra- sileiro	346

Carlos Drummond de Andrade — Poema Patetico (poesia)	525
Guilherme de Almeida — O canto dos brinquedos (poesia)	156
Homero Pires — Influência de Alvares de Azevedo	355
Joaquim Ribeiro — Folclore e literatura	206
José Bonifacio de Andrada e Silva — Carta ao Visconde de Pedra Branca	153
José da Silva Gordo — A questão economico-financeira e a revolução	167
Leocadio Pereira:	
O Quinze de Rachel de Queiroz (nota)	128
O Ensino doméstico na Belgica de Santa Guerra (nota)	290
Poemas de mim mesmo de Paulo Correia Lopes (nota)	291
Floresta de exemplos de João Ribeiro (nota)	500
História literaria do Rio Grande do Sul de João Pinto da Silva (nota)	501
Bazar de Teodemiro Tostes (nota)	633
Fagundes Varela de Mario Vilalva (nota)	635
Política é isso mesmo de Silvino Lopes (nota)	637
Marés de Amor de Hildebrando de Lima (nota)	640
Vicentinho de Maria Eugenia Celso (nota)	641
O homem entre duas mulheres de Mateus de Albuquerque (nota)	643
Versos meninosos e a Lua de Pedro R. Wayne (nota)	645
Leonidio Ribeiro e Murillo de Campos — Espiritismo e higiene mental	193
Luis da Camara Cascudo:	
A escravaria na evolução economica do Rio Grande do Norte	62
Alvares de Azevedo e os charutos	424
Manuel Bandeira:	
Bôca de forno (poesia)	46
Sachka e o poeta (poesia)	528
Oscarina de Marques Rebello (nota)	497
Mario de Andrade:	
A poesia em 1930 (cronica)	102
Amor e medo	437
Estudos, 4. ^a série, de Tristão de Athayde (nota)	485
Cantigas de quando eu era pequenina de Ceição de Barros Barreto (nota)	629
Os três sargentos de Aldo Nay (nota)	631
Ingenuidade de Emilio Moura (nota)	633
Breve curso de análise musical de Furio Franceschini (nota)	636
Mundéu de Mario Peixoto (nota)	644
Mota Filho — O drama academico de Alvares de Azevedo	416
Murilo Mendes:	
Mulher em todos os tempos (poesia)	48
A cartomante (poesia)	526

Otávio de Faria:

Freud	70
Posição do cinema (cronica)	272

Oreste Guimarães:

História da literatura brasileira, ts. I e II de Artur Mota (nota).	128
Preparação á sociologia de Tristão de Athayde (nota) .	128
Marta e Maria de Afranio Peixoto (nota)	129
Palestras Filologicas de Henrique Geenen (nota)	287
Cartas do Brasil de Manuel da Nobrega (nota)	290
O conflito de 18 de novembro na Universidade de Minas Gerais (nota)	290
Pussanga de Peregrino Junior (nota)	290
O plano quinquenal da U. R. S. S. de G. Grinko (nota). .	291
No tempo de Petronio de Fernando de Azevedo (nota) .	291
Que é que há? de Paulo Duarte (nota)	500
Azas de Beatriz Ferreira (nota)	502
Meu vestido de retalhos de Odette de São Felix Simonsen (nota)	502
Em marcha para o socialismo de I. Staline (nota) . . .	502
A reforma da Polícia e as diretrizes da Política Criminal de E. C. de Oliveira e Cruz (nota)	502
Cartas jesuitas II — Cartas avulsas (nota)	634
Capistrano de Abreu de Alba Canizares Nascimento (nota)	635
O inventor da apendicite e outros contos de Cristóvão de Camargo (nota).	640
Confraternização sulamericana de Cristóvão de Camargo (nota)	641
Discurso por Virgilio de Alfonso Reyes (conto)	642

Osorio Cesar — Contribuição para o estudo do espiritismo como fator predisponente de perturbações mentais . .	563
---	-----

Paulo Prado — O Patriarca	529
-------------------------------------	-----

Pedro Dantas:

Bazar Colosso (conto)	80
Perspetivas (cronica)	267, 470 e 616
Sôbre um instrumento grotesco	281

Ramalho Ortigão — Carta a Eduardo Prado	5
---	---

Rodrigues de Carvalho — Lingua nacional (I e II) . . . 278 e	472
--	-----

Sergio Buarque de Hollanda — A viagem a Napoles (conto) .	595
---	-----

Tristão de Athayde — Ensaio sôbre o progresso	20
---	----

Vicente de Paulo Vicente de Azevedo — O ferrão bem no centro	375
Alvares de Azevedo de Homero Pires (nota)	630

Palavras da Direção p. 3 — **Momento**, ps. 151, 311 e 515 — **Cartas à Direção**, ps. 293 e 645 — **Brasiliana**, p. 648.

RESENHA

Yaríbes da Amazonia (Jorge Hurley), p. 131 — **Fetichismo das formas de governo** (Miguel Osorio de Almeida), p. 143 — **A concessão Ford no Pará** (Ignacio José Verissimo), p. 294 — **Clausulas da concessão Ford**, p. 299 — **Fordlandia, terra da promessa** (Joaquim Barata), p. 303 — **A indústria da borracha**, p. 306 — **Retrucando a uma crítica** (José Carvalho), p. 306 — **Alvares de Azevedo no Colegio Pedro II** (Escragnolle Doria), p. 504 — **Escravidão e miseria** (Henri Ferrand), p. 650.

Em 1932 a

REVISTA NOVA

será publicada

bimestralmente

custando a

assinatura

R\$ 28000

REVISTA NOVA

publicará nos proximos numeros:

ALBERTO RANGEL — "Crûera" (cont.)
ALFREDO ELLIS (junior) — "Populações paulistas" (cont.)

AMADEU AMARAL JUNIOR — "Superstições do povo paulista" (cont.)

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO — "Três milagres de Anchieta"

EDUARDO PRADO — Um capítulo da "Vida do padre Manuel de Moraes"

EUGENIO DE CASTRO — Estudo, com documentação inédita, sobre o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro

ERMELINO A. DE LEÃO — "O Vilejo de Piratini"

JOSE DE MESQUITA — "Corã" (novela)

MARIO DE ANDRADE — "Girasol da Madrugada" (poemas)

MURILO MENDES — Poemas

RIBEIRO COUTO — "Samuel" (Notas do promotor de São José do Barreiro em 1924)

RODRIGO M. F. DE ANDRADE — "O enterro de seu Ernesto" (narração)

RODRIGUES DE CARVALHO — "Lingua Nacional" (cont.)

SERGIO MILLIET — Poemas

bem como artigos e crônicas de
ALCANTARA MACHADO — ANTONIO BENTO DE ARAUJO LIMA — A. C. COUTO DE BARROS — CARLOS PINTO ALVES — FERNANDO DE AZEVEDO — FLAMINIO FAVERO — MARQUES REBELLO — PEDRO DANTAS — RODRIGO OCTAVIO — ROQUETTE PINTO — TACITO DE ALMEIDA E OUTROS.

PORTUGAL

REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA
LITTERARIA, CIENTIFICA E
ARTISTICA

DIREÇÃO DE AUGUSTO MARTINS,
CLAUDIO BASTO E PEDRO VITORINO

Red. e adm.:
Rua dos Martires da Liberdade n. 178
PORTO — PORTUGAL

REVISTA NOVA

em suas NOTAS não se ocupará
dos livros enviados pessoalmente
aos seus directores, e pede que
a mencionem no caso de repro-
dução ou referencia a trabalhos
nela publicados.

46791

